



# NOTÍCIA SOBRE SALVADOR DE MENDONÇA

(Continuação da página anterior) 1557". Antônio Joaquim de Mamede Soares, a quem essa poesia era dedicada, fez questão de editá-la em folheto. E esse folheto saiu na Tipografia de Melo e Matos, no mesmo ano de 1859.

Em 1860, colabora no "Caleidoscópio", publicação do Instituto Acadêmico Paulistano; na "Revista Popular", que a Livraria Garnier edita na corte. E funda, com Teófilo Ottoni Filho um jornal — "A Legenda".

No "Caleidoscópio", em colaboração com Luis de Bivar e Belfort Duarte, publica "Salvador de Mendonça", nessa época, uma comédia-drama, em 5 atos e 7 quadros — o "Romance de um moço rico", imitação de Henrion. Essa peça foi aprovada pelo Conservatório Dramático Brasileiro em 5 de janeiro de 1860.

Na "Revista Popular" ele se estreia em nova atividade: a de crítico literário. Publica então as "Duas palavras sobre um grande livro", que é um estudo de "Flores Silvestres", de Bittencourt Sampaio.

Na "Legenda" vai-se iniciando nos assuntos de crítica social e política, e forjando as armas com que há de ser, mais tarde, um denodado e pujante jornalista. Em fins de 1860 morrem seus pais. Salvador tem apenas 19 anos e vê-se chefe de uma família de oito irmãos. Deixa São Paulo, interrompe o curso, e vem morar no Rio. Entra para a redação do "Diário do Rio de Janeiro", de Saldanha Marinho, onde torna a encontrar velhos amigos, como Machado de Assis e Henrique Cesar Muzzio, e onde faz amizade com Quintino Bocaiuva, Pinheiro Guimarães e outros. Faz-se também professor de História Natural, Geografia e Retórica. Em 1861 casa-se com D. Amélia Clemência Lúcia Lemos de Lemos, filha do dr. Maximiliano Antônio de Lemos, advogado e neto do barão do Rio Verde, João Antônio de Lemos. Com o novo estado, suas responsabilidades aumentam, Salvador faz-se professor de Latim e multiplica-se em atividades. Inicia, igualmente, o trabalho em outros jornais: no "Jornal do Comércio" faz a crítica teatral; no "Correio Mercantil" faz a "Semana Lírica".

Simultaneamente, vai criando sua obra de teatro. Em 1861 escreve "A Herança", que nunca será levada à cena em português, sendo-o, porém, em inglês, num teatro de Nova York, com o título de "Money", em 1868. E da mesma época sua tragédia lírica "Joana de Flandres", que serviu de libretto para a ópera de Carlos Gomes. Em 1864 entra Salvador de Mendonça para a redação da "Atualidade", o jornal de Luis Barbosa e Flávio Farnese. E' em suas colunas que ele publica os perfis que depois tirará em folhetos — a série do "Dilettantismo" — em que há estudos de Isabel Alba, Mariano Padilha e Ladislau Miller.

Em 1865, é ele encarregado pelo Marquês de Olinda de regrer a cadeira de Corografia e História do Brasil, no Imperial Colégio Pedro II, em substituição a Joaquim Manuel de Mamede, que temporariamente tem que se afastar de sua cadeira. A indicação fora feita pelo próprio catedrático. A turma é de bacharelandos, e Salvador tem ali como alunos Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Vieira Fazenda, Moreira Pinto, Monteiro, Jaguaripe, Luis Belém, e outros. Sua colaboração em jornais continua ativa, e é bastante de assuntos de crítica literária. E' nessa fase o aparecimento da "Regeneração", que ele publica com o pseudônimo de "Demófilo", e também os tão Apontamentos biográficos para a história da campanha do Uruguai e do Paraguai, desde 1864, trabalho em que colabora com Vitor Dias e o Padre Antônio Alvaro Guedes.

Vaz. Em 1867, regressa Salvador de Mendonça a São Paulo, para concluir o curso de Direito. E' então que assume o cargo de diretor de "O Ipiranga", órgão do Centro Liberal de São Paulo. Com essa função, acumula a de secretário de Saldanha Marinho, no governo da província. Bacharel em 1869, recebe Salvador o oferecimento de uma cadeira de deputado geral, que, por intermédio de Martim Francisco, lhe faz o Centro Liberal de São Paulo. Ele não a aceita, e se transfere para o Rio. Com Saldanha Marinho vai trabalhar como advogado.

1870 vê a fundação do Clube Republicano, organização devida a Saldanha Marinho, Salvador de Mendonça e Quintino Bocaiuva. E' então redigida a peça histórica, hoje conhecida com o nome de "Manifesto de 70", cujo capítulo "A verdade democrática", é da autoria de Salvador de Mendonça. Com a organização definitiva do Partido Republicano, Salvador é um dos membros do diretório. São seus companheiros Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Lafayette Rodrigues Pereira e Aristides Lobo. No ano de 1870, aparece a "República", em cuja redação se congregam Quintino Bocaiuva, Salvador, Miguel Vileira Ferreira, Aristides Lobo, Flávio Farnese, Lafayette, Pedro Soares de Meireles.

A esse tempo — 1872 — e tendo-se afastado da "República", a grande atividade de Salvador de Mendonça consiste em traduzir obras do francês Gauvin, Musset, Feuillet, Arsené Houssaye, Paul Féval, Jules Sandeau, são autores cujas obras ele traduz para a Casa Garnier. Traduzira igualmente Hugo e Julio Verne. Em 1874 regressa ao jornalismo, indo trabalhar no "Globo" com Quintino Bocaiuva.

A data de 1875 tem na vida do escritor uma significação particular: é então que ele publica "Marília", o seu primeiro e único romance, para o qual José de Alencar teve palavras de tão justo encômio. No mesmo ano, fica viúvo. Em 23 de junho de 1875, é nomeado Consul Privativo do Império, em Baltimore. Logo depois, porém, vagando e consulado de Nova York, é ele nomeado para esse cargo. A 3 de maio de 1876 é promovido a Consul Geral do Brasil nos Estados Unidos. No mesmo ano, representa o Brasil na Exposição do Centenário de Filadélfia. Em 1877, casa-se com Maria Redman, moça de brilhante família norte-americana.

De 1878 a 1883, redige para "O Cruzeiro", do Rio, as "Cartas Americanas". De 1880 a 1881 redige para o "Diário da Baía" as "Cartas dos Estados Unidos".

Em 1888 é agraciado com a Ordem da Rosa.

Em 6 de julho de 1889, Salvador é nomeado Enviado Extraordinário e ministro Plenipotenciário em Missão Especial nos Estados Unidos e Delegado do Brasil à 1.ª Conferência Internacional Americana.

Achava-se nesse posto, e tinha

como chefe Lafayette Rodrigues Pereira, quando foi proclamada a República no Brasil. Salvador pôs em campo, então, toda a sua influência junto aos políticos e diplomatas norte-americanos — e especialmente junto ao seu grande amigo Blaine.

— para obter do governo

de Harrison o reconhecimento da República Brasileira.

Em 1908, Salvador fica cego.

Encarrega-se, então, da tradução de uma série de Manuais práticos, sobre assuntos de agricultura e zootecnia, que vai ditando às filhas. Traduz ainda uns romances do inglês, redige para o "Imparcial" e o "Século", artigos de reminiscências pessoais ou de críticas à orientação internacional do Brasil, e publica versos na "Revista da Academia". Em sua chácara, cultiva rosas, lúcia e verdadeira consolação de vingueira. Morre a 5 de dezembro de 1913.

Em 12 de abril de 1890, é exo-

gerado, pedido, de Consul Geral do Brasil em Nova York. Tem premissa de ir para Roma, como ministro, na legação que está em vésperas de ser criada. Não obtem, contudo, a nomeação, e continua nos Estados Unidos, como ministro em missão especial. Em 18 de dezembro de 1890, é exonerado do cargo de ministro em missão especial, por se achar finda a mesma. No mesmo dia é nomeado Enviado Extraordinário e ministro Plenipotenciário de 1.ª classe, em Washington.

No ano seguinte, em Nova York opera-se o glaucoma, que desde algum tempo lhe reduzira e quase inutilizara a vista.

Em 1893, durante a revolta

Salvador trabalha ativamente

nos Estados Unidos, para impedir

que o governo do país reconhe-

cesse aos revolucionários bra-

sileiros o direito de belligerân-

cia. Na fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896, é Salvador de Mendonça um dos nomes escolhidos para constituir o cenáculo. Cria ali a cadeira n.º 20, que tem como patrono Joaquim Manuel de Macedo.

Por ato de 3 de março de 1898, foi Salvador de Mendonça removido da legação do Brasil em Washington para a de Lisboa, indo da de Lisboa para a de Washington. Assim Brasil.

Por ocasião, de sua saída dos Estados Unidos, não se nas palavras do presidente Mac Kinley, mas também nos artigos de todos os jornais americanos, pode o diplomata brasileiro ver o quanto era apreciado o seu espírito de "amigo da América", de "grande pan-americano". E Oliveira Lima soube bem explicar a situação de que ele gozava na grande União: "Salvador tinha, nos Estados Unidos, um prestígio que nenhum outro obteve. E isso é fácil de explicar. Salvador era um dos homens mais inteligentes que eu conheci, a menoridade mais formosa que já me foi dado admirar no Brasil, e meradamente cultivada, de uma pontíssima receptividade e em cada empanada privada de validade que turvava a irradiação de outros espíritos. Ele conhecia admiravelmente os Estados Unidos, porque penetrara o caráter nacional com o instrumento agudo da sua simpatia. Anos de residência em Nova York, quando essa metrópole ainda não dissolvera a cultura literária e artística num excessivo cosmopolitismo; o casamento com americana; seu natural bondoso, que o desvia de preconceitos — eram outras tantas circunstâncias que o levavam a querer sinceramente o país onde viveu um quarto de século, e que queria ver associado ao seu..."

Em 12 de setembro de 1898, o Senado, em sessão secreta, resolve não aprovar a remoção de Salvador de Mendonça para Lisboa. A 15, o "bacharel" Salvador de Mendonça é exonerado desse cargo...

Em 10 de setembro de 1903, por ato do presidente Rodrigues Alves, é ele considerado em disponibilidade desde 1898, e continua fazendo parte do quadro diplomático, entre os funcionários de sua categoria.

Nesse mesmo ano de 1903 — um pouco antes, em julho — recebe Oliveira Lima, na Academia Brasileira de Letras.

Em 1908, Salvador fica cego. Encarrega-se, então, da tradução de uma série de Manuais práticos, sobre assuntos de agricultura e zootecnia, que vai ditando às filhas. Traduz ainda uns romances do inglês, redige para o "Imparcial" e o "Século", artigos de reminiscências pessoais ou de críticas à orientação internacional do Brasil, e publica versos na "Revista da Academia". Em sua chácara, cultiva rosas, lúcia e verdadeira consolação de vingueira. Morre a 5 de dezembro de 1913.

## E O SECRETÁRIO BLAINE

Um episódio da história do Pan-Americanismo

Costumava o secretário Blaine avisar-me, todas as manhãs, pelo telefone, da hora em que sairia de casa para que o encontrasse a meio caminho e de forma combinada e de dos assuntos da conferência.

Assim ocorreu a 18 de abril.

No andar térreo da casa em que morava Blaine, na praça Lafayette, as salas da frente e do fundo constituiam os dois lugares de trabalho do chefe do gabinete do presidente Harrison.

Na sala da frente recebia a todos os que ali o procuravam — à fundo só eram admitidos os que gozavam da sua intimidade.

Costumava receber-me sempre no "santuário"; mas, nesse dia, mandaram-me entrar para a sala da frente, onde já achava Blaine sentado à mesa de trabalho entre as duas janelas que davam para a rua, e que aqueles se erguera para estender-me a mão e designar-me uma poltrona do lado de fora da mesa, à sua direita.

Tinha aspecto desusadamente carecendo.

Desconfiaria da tarefa de que me havia incumbido a maioria da Conferência?

Expliquei-lhe o que havia: disse-lhe, com firmeza, que quinze votos latino-americanos estavam dispostos a fazer questão de que saisse da Conferência nesse dia a eliminação da conquista e que essa maioria me encarregasse de comunicar-lhe esse propósito.

Desejávamos, apenas, tornar mais completa o arbitramento obrigatório e garantir de modo solene a integridade, a soberania e a independência de todas as nações do nosso continente.

Abolido a conquista, cessaram as suspeitas de vizinhos contra vizinhos, e principalmente contra a sua grande e poderosa nação.

Acrescentei que, para não agravar mais a nossa discordância de vistos, a maioria não apresentaria a emenda mandando de novo juntar ao projeto de arbitramento o artigo relativo à conquista, mas com a condição de que do projeto de arbitramento ele não mandaria retirar a assinatura da sua delegação.

Nesta hipótese ficaríamos todos com o arbitramento obrigatório, menos os Estados Unidos, até então o verdadeiro portavoz dos principios liberais em nosso continente, com a eliminação da conquista.

Erguendo-se, de súbito, o secretário Blaine, estendendo pa-

Francisco Otaviano e eu ouvimos, uma noite, um concerto de música de câmera, dado pelo Clube Mozart, ou pelo Filarmonico, não sei bem, no edifício do Conservatório de Música, hoje Instituto Nacional.

A noite era cálida. No intervalo do primeiro para o segundo parte do concerto, Otaviano convidei-me a que fôssemos tomar fresze na sala próxima em que havia um círculo de pedra, aberta para fora. Ali, o admirável Tomaridá, que não pudera permanecer no salão, rejeitava o seu dispêndio.

Fomos ter com ele, e, enquanto conversávamos, os trés, o imperador, que nos virá sair, veio ter conosco. Depois de perguntar o quanto se haviam vindo da Europa, Otaviano o que achava do concerto e especialmente de um quarteto executado por artistas notabilíssimos que nos tinham vindo da Europa. Otaviano, gestara o quarteto e todos nós o apreciamos. Depois, o soberano dirigiu-se a mim, que a esse tempo, estava em plena redação de "A República". — Por que não aparece? Não se tinha visto há muito tempo. Já o mundo comovia para a sombra. Procurei escusar-me com as minhas lições a explicando e citar as minhas ocupações de impresso. — Sim, tenho-a lido. O que o senhor escreve não incomoda com as nossas palestras literárias. Sr. Otaviano, leve-o consigo para a sombra. Fiz uma quase promessa, mas não ful. Por ele, cujo nobre espírito encantava, teria ido. Mas evitou enviar o convite por amor da língua, tão maliziosa, que estimoriam ter too bom tempo como o frequentar um público militante os palestrantes do Poço, embora operas literárias.



Salvador de Mendonça, quando ministro aposentado, rendia no Rio

## Reminiscência de Pedro II

SALVADOR DE MENDONÇA



Salvador de Mendonça, quando ministro para o Brasil em Nova York

# A CONTRIBUIÇÃO DE SALVADOR DE MENDONÇA NO MANIFESTO DE 70

No Manifesto de 1870, o cartão intitulado "A Verdade Democrática" é de autoria de Salvador de Mendonça. Aqui o transcrevemos:

— Posto de parte o vicio insanável de origem da carta de 1824, imposta pelo princípio do Brasil constituído sem constituição, vejamos o que vale a monarquia temperada ou monarquia constitucional representativa.

Este sistema misto é uma utopia porque é utopia ligar de modo sólido e perdurable dois elementos heterogêneos, dois poderes diversos em sua origem, econômicos e irreconciliáveis: a monarquia hereditária e a soberania nacional, o poder pela graça de Deus e o poder pela vontade coletiva, livre e soberana de todos os cidadãos.

— Considero os dois principios tão absurdos quanto repugnantes ao seu equilíbrio.

Ainda quando, como sonhavam os doutores da monarquia temperada, nemhum dos dois poderes preponderasse sobre o outro, para que caminhando paralelamente, mutuamente se auxiliassem e fiscalizassem, a consequência a tirar é que sejam iguais.

Ora, admitir a igualdade do poder divino ao humano, é de difícil compreensão.

Mas admitir, com o art. 12 da carta de 1824, que todos os poderes são delegações da nação, e assimilar o sistema misto como um sistema racional e esequível, e ultrapassar as raízes do absurdismo, porque é fazer preponderar o poder humano sobre o poder divino.

A questão é clara e simples.

Ono princípio, instrumento e ordo das leis providenciais, pelo sua origem e predestinação, deve governar os demais homens, com os predicados essenciais da inobligabilidade, da irreversibilidade, da hereditariedade, nem contraste e sem fiscalização, porque o seu poder emana da onipotência infinitamente justa e infinitamente boa; ou a Divindade nada tem que ver na vida do Estado, que é uma comunhão à parte e estranha a todo interesse espiritual, e entido a vontade dos governados é o único poder supremo e supremo ábitrio dos governos.

Quando a teocracia assística tinha um ungido do senhor, ou as hordas da média idade acla-

mavam um rei, carregando-o triunfalmente depois de uma vitória, esse reconhecimento sozinho do direito da força era lógico; quando, pelo mesmo princípio, a monarquia se uniu às comunas para derrocar o jacobinismo, o despotismo monárquico era lógico também; mas, depois da emancipação dos povos e da consagração da força do direito, o que é lógico é o desaparecimento de todo princípio, caducado.

A transação entre a verdade triunfante e o erro vencido, entre as conquistas da civilização e os frutos do obscurantismo é que é inadmissível.

Altar ao carro do Estado dois locomotores que se dirigem para sentidos opostos, é procurar — ou a imobilidade, se as forças propulsoras são iguais, — ou a destruição de uma delas, se a outra lhe é superior.

E assim que as teorias dos sonhadores que defendem o sistema misto caem na prática.

Para que um governo seja representativo todos os poderes devem ser delegados da nação, e, não podendo haver um direito contra outro direito, segundo expressão de Bossuet, a monarquia temperada é uma ilusão sem realidade.

A soberania nacional só pode existir, só pode ser reconhecida e praticada em uma nação cujo parlamento, eleito pelo participação de todos os cidadãos, tenha a suprema direção e pronuncie a última palavra nos negócios públicos.

Desde que existe em qualquer constituição um elemento de coação no princípio da liberdade democrática, a soberania nacional está violada, é uma coisa irritante e nula, incapaz das saídas efetivas da moderna fórmula de governo — o governo de todos por todos.

Outra condição indispensável na soberania nacional é ser inalienável e não poder delegar mais do que o seu exercício. A prática do direito e não o direito em si é o objeto do mandato. Desta verdade resulta que, quando o povo cede uma parte da sua soberania, não constitui um senhor, mas um servidor, isto é, um funcionário.

Ora, a consequência é que o funcionário tem de ser revogável, móvel, efêmero, criando a fórmula complementar dos Estados modernos — a mobilidade da carta de 1824.

## Correspondência de escritores

### CARTA DE SALVADOR DE MENDONÇA A AFONSO CELSO

Venho trazer-lhe o pesame a majestade da dignidade humana, meu e dos meus, pela fada irremediável que todos sofremos. — V. excia., como seu amíssimo e heróico de seu nome ilustre — eu, como velho admirador, que tantas provas de afecção e confiança dele recebi — e a Pátria, que vê do céu, desaparecer um dos seus maiores filhos.

Fomos, em minha família, cinco irmãos, todos veneradores das virtudes do grande fundador, desde o Francisco, o Mendonça de S. Gonçalo de Sapucaí, seu lugartenente no sul de Minas, nas campanhas liberais, até o nosso Iúlio, a quem, pouco antes de morrer, ouviu que um dos pesares que lhe trouxera a República fôr a queda do visconde de Ouro Fino.

A meu ver, agora o princípio monárquico, nada mais a 15 de novembro: a própria pessoa do imperante ficou de pé, em toda a sua

nas pessoas e a perpetuidade nas funções — contra a qual se levantam, nos sistemas como o que nos rege, os princípios da hereditariedade, da inobligabilidade, da irresponsabilidade.

Associar uma à outra, duas opiniões ciosas de suas prerrogativas, com interesses manifestamente contrários, e, na frase de Gumbetta, nemear o germe de eternos conflitos, procurar neutralizar as forças vivas da nação em um duelo insensato, e aguardar irremediavelmente um dos dois resultados: ou que a liberdade de voto e a universalidade do direito sucumbam às satisfações e aos desejos de um só, ou que o poder de um só desapareça diante da maioria do direito popular.

Ainda mais, a soberania nacional não pode sequer estipular sobre a sua própria alienação. Porque é a reunida, a coletiva das vontades de um povo. E como as gerações se sucedem, e se substituem, forçoso é que o contrato de hoje obrigue as de ante-mão a vontade da geração futura, dispondo do que lhe não pertence e instituindo uma tutela perene que seria a primeira negação da própria soberania nacional.

A manifestação da vontade da nação de hoje pode não ser a manifestação da vontade da nação de amanhã, e dai resulta que, ante a vontade da democracia, as constituições não devem ser velhos marcos da senda política da nacionalidade, assentados como a consagração e o símbolo de princípios inmutáveis. As necessidades e os interesses de cada época tem de lhes imprimir o cunho de sua individualidade.

Se houver, pois, sinceridade ao proclamar a soberania nacional, cumprirá reconhecer sem reservas que tudo quanto ainda hoje pretende revestir-se de caráter permanente hereditário no poder está evadido de vício da condicionalidade, e que o elemento monárquico não tem coexistência possível com o elemento democrático.

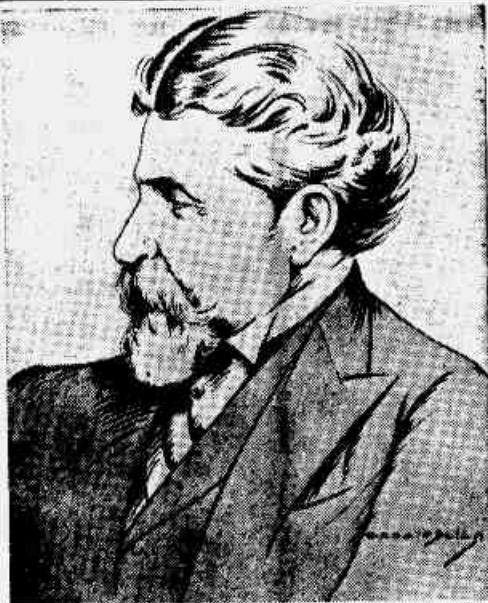
E assim que o princípio dinástico e a vitaliciedade do Señor são duas violações flagrantes da soberania nacional e constituem o principal desfecho da carta de 1824.

Ora, a consequência é que o

funcionário tem de ser revogável, móvel, efêmero, criando a

fórmula complementar dos Estados modernos — a mobilidade

da carta de 1824.



Salvador de Mendonça, num retrato de Oráio Belém.

## O ÚLTIMO PORTO

I

BARCA DOS SONHOS, MINHA COMPANHEIRA DOS DIAS DE TORMENTA E DE BONANÇA, EM SEU SEIO O MAR CALMO TE BALANÇA; VAMOS LONJE VOGAR, BARCA VELEIRA.

ATRAZ FICA O PASSADO EM NOSSA ESTEIRA, VAI-NOS A PROA O LUME DA ESPERANÇA, DO PASSADO A SAUDADE NOS ALCANÇA MAS A ESPERANÇA COMO VAI LIGEIRA!

NA VASTA SOLIDÃO DO MAR, ENQUANTO REMEMORO A EXISTÊNCIA DOLOROSA, SURGEM DIAS DE GOZO PURO E SANTO.

CRESCE A LUZ DA ESPERANÇA RADIOSA, VAMOS DORMIR DOS ASTROS SOB O MANTO, BARCA DOS SONHOS, PETALA DE ROSA.

II

BARCA DOS SONHOS, PETALA DE ROSA, VAMOS DORMIR DAS ONDAS NOS ARMINHOS, E POR BAIXO DE NÓS MONSTROS MARINHOS CORTAM DO ABISMO A SENDA TENEBROSA.

AO LONGE, EM NEGRA LINHA TEMEROSA, OUTROS MONSTROS DE FERRO AMPLOS CAMINHOS FECHAM NOS MARES AMPLOS, E SOZINHOS DITAM A LEI DA FORÇA IMPERIOSA.

DÁ-ME A COTA DE MALHA, O MEU MONTANTE, O RIJO ELMO ENCANTADO DE MAMBRINO E O MEU LEAL E HEROICO ROCINANTE.

SE MONSTROS COMBATER E' MEU DESTINO, TENHO P'RA LUTA O BRAÇO MEU POSSANTE PARA A VITÓRIA UM PROTETOR DIVINO.

III

DESTA VITÓRIA O PROTETOR DIVINO VEM DO ORIENTE COMO A LUZ DO DIA, E DO SOL AO FULGOR QUE SE IRRADIA ENTOA O MUNDO REDIMIDO UM HINO.

OUVES ACASO ESSE TANGER DE SINO QUE VEM DE LONGE, ALEM DA PENEDIA? E' O TRISTE TOCAR DA AVE-MARIA NA VELHA TORRE QUE ME VIU MENINO.

VES COMO O SOL SE ESCONDE NO POENTE E DOURA APENAS O PERFIL DA SERRA, BARCA DOS SONHOS A VAGAR SILENTE?

APROA A COSTA QUE MEU LAR ENCERRA, POIS QUERO AGORA REPOUSAR CONTEENTE NO SEIO AMADO E BOM DA MINHA TERRA.

Junho de 1912

**SALVADOR DE MENDONÇA**

# SALVADOR DE MENDONÇA E A REPÚBLICA BRASILEIRA — Carlos Sussekkind de Mendonça

A 15 de novembro, proclama-se a República no Brasil.

Quatro dias depois, a 19, Quintino Bocaiuva, a quem toca a pasta dos Negócios Estrangeiros, do Governo Provisional, renova os poderes da Missão Especial.

Lafayette renuncia imediatamente.

Anaral Valente hesita. Embora monarquista, não se sente obrigado a idêntica atitude. Por outro lado, sem qualquer conhecimento da propaganda republicana, fica desaparecido para perceber o alcance do acontecimento. Admite a possibilidade de se tratar de um simples levante de quartéis, sem maiores consequências. Tanto que, interrogado por Blaine, o chanceler americano, sobre a possibilidade do reconhecimento imediato do novo regime pelos Estados Unidos, foge a assumir qualquer compromisso. Iç cogita de telegrafar a um parente, o barão de Caumilé, ordenando-lhe transferir para Londres as economias que tem depositadas no Brasil.

## COMO PROCEDE SALVADOR

Já Salvador, não. Republicano de primeira água, o alastramento da atividade política num ou alheio da matilha dos reconhecimentos. É possível que se desagradasse da maneira por que vingara a idéia a cuja propaganda tanto dera. Tinha preferido a evolução à revolução. E isso quase o levou a acompanhar Lafayette. "A verdade — disse ele — é que nutrido a mesma crença republicana que sempre nutri, no primeiro momento estive para retirar-me à vida privada, por não acreditar na eficácia do professo empregado para a mudança do regime político. Preferi a feita no Parlamento, como a desejava o conselheiro Saravia, quando para isso estivesse o Brasil preparado, e fosse o voto da maioria da Nação. Entretanto, posto de parte todo o interesse pessoal, acreditando sinceramente que a República vieria para ficar e aceitando desde longo tempo o lema de Franklin que "só dentro d'água se aprende a nadar" entendi não poder negar o meu concurso às novas instituições, que durante toda minha vida de imprensa procuraria doctrinar com profunda sinceridade".

E tratou logo de agir.

De agir pelo Brasil, não por seus interesses. De agir pelo reconhecimento imediato da República, que isso se lhe afigurava a providência mais urgente a ser tomada em benefício do prestígio do país no estrangeiro. De agir pelo esclarecimento de que o que se passava em sua terra não era um episódio isolado de quartéis, mas uma resultante de trinta anos de doutrinação consciente.

## A AMÉRICA TODA REPUBLICANA

Logo em princípios de dezembro de 1890, no banquete que a União Comercial Hispano-Americana de Nova York ofereceu aos delegados à conferência, simbólica América toda republicana".

A gratidão pessoal que tem por Pedro II, e que nunca mais o deixará, está presente nesse brinde.

Suplanta-a, porém, a convicção de que o acontecimento se tornaria inevitável.

"A transformação do Império Brasileiro na República dos Estados Unidos do Brasil não é mero acidente da vida dos partidos políticos, produto inesperado de um pronunciamento militar: é o resultado lógico da evolução histórica do progresso de uma nacionalidade na estrada ascendente da liberdade e da civilização.

"Nas horas mortas da manhã de 17 de novembro, quando o velho monarca deixou o palácio antigo com toda a família e dirigiu-se para o lugar do embarque, voltou os olhos para a cidade e chorou. O círculo de montanhas negras da formosa baía do Rio de Janeiro, fechando-lhe o horizonte, devia ter aspecto funerário e as suas últimas lágrimas na terra brasileira deviam ter aprofundado a derradeira noção do sangue dos mártires da República, que seus ascendentes, desde Maria I até seu próprio pai, tinham derramado. Calábria, o velho imperador desceu os degraus do castelo como um rei egípcio que seguia por seus próprios pés as escadas que o levavam ao túmulo, antes do julgamento formal dos seus vassalos.

"Era chegado o momento em que a evolução política, iniciada havia quase um século, se completava.

"E quando o último monarca americano passou diante da Torre de Belém, no Tejo, de onde há quatro séculos saiu Pedro Álvares Cabral, sob a bandeira do rei afortunado, para a viagem em que veio a descolar a terra do Cruzeiro, encerrou-se um ciclo histórico com essas portas de bronze que nenhum esforço humano poderia jamais realizar.

"A República do Brasil está feita e ninguém a poderá desfazer".

## O RECONHECIMENTO DA REPÚBLICA PELOS ESTADOS UNIDOS

O que fez Salvador para que o reconhecimento da República pelos Estados Unidos acelerasse o pronunciamento, até então vacilante, dos demais Governos estrangeiros, é assunto que já não deixou mais lugar a dúvida.

"No dia 19 de novembro — escreveu ele — depois de haver conferenciado com o secretário Blaine, telegrafiei a Quintino Bocaiuva, comunicando-lhe que o que podia obter do Governo de Washington reconhecimento formal da República. No dia seguinte, Quintino respondeu-me que esse reconhecimento já tinha sido feito. (Quintino acreditava, e acreditava bem, que o fato de Blaine haver solicitado, por intermédio do ministro norte-americano, do Rio de Janeiro a renovação dos poderes da Missão Especial, já importava um reconhecimento implícito do novo Governo de fato. Além disso, parece que o ministro, sr. Roberto Adams, declarara meses a Quintino que o seu Governo reconhecia o Governo brasileiro).

"Entretanto — prossegue Salvador — dias depois, declarou-me o secretário Blaine que o ministro Adams excedera as instruções que lhe mandara — que a palavra poderosa do senador John Sherman, um dos chefes mais ilustres do partido republicano da grande união, fizera arrefecer o primeiro entusiasmo com que fora recebida a notícia da proclamação da República — e que o presidente Harrison não o acompanhava no desejo que nutria de reconhecer formalmente o Governo Provisional.

Supõe-se, portanto, a convicção de que o acontecimento se tornaria inevitável.

"A transformação do Império Brasileiro na República dos Estados Unidos do Brasil não é mero acidente da vida dos partidos políticos, produto inesperado de um pronunciamento militar: é o resultado lógico da evolução histórica do progresso de uma nacionalidade na estrada ascendente da liberdade e da civilização.

De fato, a visita do imperador do Brasil aos Estados Unidos, em 1876, deixara impressão tão favorável no ânimo do povo norteamericano que qualquer ato precipitado do Gabinete de Washington seria mal visto e o mais prudente era esperar a manifestação da opinião nacional no Brasil.

Comunicou ao Governo essa resolução.

Peis fins do mês de janeiro, recebi do barão de Itajubá, uma carta na qual me informava de que nenhuma potência europeia reconheceria a República brasileira antes que os Estados Unidos o fizessem.

Entendi dever empregar todo o esforço, assim de alcançar o reconhecimento de que dependia o das potências europeias.

Evidentemente, depois de uma conferência com três dos delegados norteamericanos à 1.ª Conferência Panamericana — Charles Flint, Thomas Jefferson Coolidge e Andrew Carnegie — aos quais mostrei a conveniência de serem os Estados Unidos os padrinhos do nosso batismo político, evitando que alguma nação europeia fosse tomada a dianteira, no dia 29 de janeiro procurei-me pela manhã o sr. Coolidge e disse-lhe que o secretário Blaine desejava falar-me, sem demora.

Procurei-o logo e, depois de poucas palavras, nas quais se me declarou convencido do acerto das minhas observações aos srs. Flint, Coolidge e Carnegie, acrescentou estar resolvido a reconhecer imediatamente o novo regime do Brasil".

O que fez Salvador para que Blaine chegasse a essa resolução foi por ele minuciosamente exposto ao Governo brasileiro nos ofícios reservados sob ns: 1 e 2 de 14 de janeiro e de 6 de fevereiro de 1890, que enviou ao Ministério das Relações Exteriores e que é possível que ainda figurem nos arquivos atuais do Itamarati.

Mais vale, todavia, que se ouça, a respeito, o próprio Blaine. Em carta endereçada a Flint, a 29 de janeiro de 1890, disse Blaine:

"Os telegramas da imprensa que vos terão informado do nosso reconhecimento dos Estados Unidos do Brasil. Sentimo-nos muito orgulhosos em dar as boas vindas a tanto país no seio da família de Repúblicas. Vos e o dr. Mendonça, estou certo, tendes razão quanto à estabilidade do presente Governo e depois de considerar os pontos que me apresentastes na nossa última entrevista, mandei pedir ao dr. Mendonça que viesse prontamente à minha casa, que o ele fez. Depois de fazer uma resenha dos fatos com o dr. Mendonça, e atendendo aos seus persuasivos argumentos, acendi.

"Todo o negócio correu com

# Salvador de Mendonça visto por Humberto de Campos

Uma tarde retrava-me eu da redação quando cruzei, no escuro, com um ancião de rosto erguido e olhos vidrados, que subiu, com a mão estendida sobre o ombro de um moço, e tateando com a direita, a madrugada de balaustre.

Aquela fisionomia, de estatúrio grego, era-me familiar. Eu tinha visto, já, em alguma parte, aquele rosto pálido, eriado de velho barba cuidada, quase sávia, cortada em ponta.

Em que busto de Homero ou de Edipo me haveriam mostrado aqueles olhos opositos?

Em que mármore de Lisipo ou teria descoberto aquele brando sorriso de Socrates, em que se misturavam, completando-se, docice e severidade?

Voltei sobre os meus passos e contemplei o ancião.

Era Salvador de Mendonça, que, glorioso e sépico, ia levar o luto, noquelte dia, as suas reminiscências.

Nodei a patetica tonta e fragilidade humana como a presençade dorosa de um cego.

A contemplação de Homero ou de Melôn enche-me de pavor.

Dante deles, opondo-as, eu vejo a Natureza, que me diz: "Homem futil, verme triste da terra, vê, agora, o que é tu! O planeta, tu, e tu, E' tu, o que te rodeia. Invenções afeitos atraídos para sondar o mistério dos mundos. Sobes às nuvens. Cortas os montes. Desces ao fundo do mar. Entretanto, vê: boga que eu te sobre os olhos um grão de areia para que te sintas solitário no universo!".

Se o Homem nasceu, realmente, para a contemplação e o posse de Natureza, por que ela não é fez como os pedras preciosas, que refletem o sol por todos os lados? Por que Ela, tão pródiga, só concedeu à vossa carne espírito e memória, as delicadas janelas dos olhos?

A Natureza dirá, talvez: "Homem, se, vendo-me tão pouco, tens os desejos e alegrias, que seria de mim se teus olhos tivessem na terra e lâmano de teu coração?".

Salvador soube, porém, consolarse da sua cegueira: vivo de recordações e de rosas.

Dentro de sua treva, ele criou um mundo novo: plantou um jardim, adotou, ao lado dos filhos, uma família de rosas, e fez de amigos a de outros, na glória da sua velhice; o consolo da sua cegueira.

O crepúsculo desta noite vida, esmorecendo num rosado, tem o de que religiosa de um grande quadro pagão. Cego e velho, este Ancestral honesto abandonou a orgia tumultuosa do mundo e as rosas o recolheram. (De discurso de posse na Academia Brasileira).

## O tempo antigo e o tempo de hoje - Salvador de Mendonça

No meu tempo de colegial, terminadas as primeiras leituras, o menino, dos oito aos quatorze anos, entregava-se ao estudo da primeira parte de humanidades a que se dava a denominação de disciplinas. Começava-se pelo

prontidão, e uma grande parte do mérito pertence ao dr. Mendonça, que deu provas de extraordinária capacidade. Sei que estimava-se saber quão esplendidamente procedeu o doutor".

Dando-lhe conta desse depoimento precioso de Blaine, Flint escreveu a Salvador:

"Meu caro doutor Mendonça, congratulou-me convosco pelo vosso sucesso em obter o reconhecimento da nova Repúblia, e em relação a isso inclui uma carta que acabo de receber do secretário Blaine, e como ela registra um importante evento na história de vossa pátria e na dos Mendonça, pensei que estimaria possuí-la para arquivá-la com os papéis de família".

Os Mendonças, de fato, a conservaram, com orgulho.

O Brasil nunca deu provas muito convincentes de conhecimento e apreciação da seu devido merecimento.

Em todo caso, José Carlos Rodrigues, lendo-a, na mesma dia em que Salvador a exibiu a Quintino, Campos, Sales, Ruy Barbosa e Cabo Frio — disse nas "Variações", do "Jornal do Comércio", que "o reconhecimento da Repúblia" — não só pelos Estados Unidos, mas por todas as outras Nações que os seguiram e que só esperavam pelo seu precedente — era devido, inteira e exclusivamente, a Salvador.

latim, à artinha, à arte menor, a sintaxe de Dantus; as fofocas, os meninos, dos oito aos quatorze anos, entregava-se ao estudo da Fádeia e Horácio, tudo pelas obras grandes. Em seguida, durante mais quatro anos, o estudo das matemáticas elementares, principalmente a da geometria de Euclides e a da lógica de Gennense, era tudo o que havia de mais elevado. Depois de acostumado o espírito da criança com a estudo da literatura desse e da sua forte e conquistadora, da geometria e da lógica, estava ele de posse, por assim dizer, do esquadro e do compasso, com que levantasse os salidos alíveres da sua educação.

Em três anos mais completaria esse edifício com o estudo das línguas vivas, da geografia e da história, da filosofia e da retórica. — "Observe o "h" e diga "rhetorica", sr. estudante", dizia o sábio Joaquim Covas da Silva.

"Hoje, parece que nada é preciso. Um bacharel no direito sabe mais que Platão. Mas a barca de Platão negava a rota, e o saber moderno move-se a porto. E' só tomar passagem. No tombadilho, nos caminhos do futebol para o futebol, pensando adiante a viagem. Outros caminhos da pressa para a fofa recém-saída da pressa. Mas, afinal, devem todos juntos ao ponto de destino, inclusive os que ficaram avariados nos caminhos a meio caminho. E, depois de desembarque, tudo está pronto e prontidão. Temos as agências "book", tudo facilitado; engajam-se, anotam cãndidos de hospedagem, comprometem-nos os bilhetes de volta a que devemos assistir a de excursões aos lugares que devemos visitar...".

# AS FREIRAS DO CALUGE -- Salvador de Mendonça

## (LENDAS DA SERRA E DA BAIXADA)

Conto-me a gente velha, isto é, de mais idade, uma história corrente em minha mocidade, que há pouco tempo ainda eu ouvi repetida, por pessoas velhas, circunspecta e sabida.

Dizem que a genteinda, hoje em tribunas (afastadas), de vezas no caminho e nas próprias estradas.

Encontra sempre a pressa em vésperas carnavais.

Ditas velhas gentes, moças, louras, bonitas, e sempre socorrer a um pôr ou doente.

Tiver conta de um filhinho escando a mãe (ausente), levar ou alimento ou remédio ou conforto (ausente).

Quando chega um ferido ou donde sal um morto.

Nos dias de terror da terrível bexiga,

Enquanto a mão da morte afasta a mão (amiga),

das santas irmãs nos lugares mais ermos

nas pustulas curar em nojentos enfermos,

um novo viajante, as passar uma choça

de um milharal, numa pequena roça,

Ver as duas irmãs, de um calze à cabeceira,

A pointa a morrer a velha feiticeira.

No campo do Tanguá, certa noite de encontro,

Chamou a ir buscar o Santo Sacramento

Na estrada de manhã mais de uma vez, as (chegou,

Chamou a ponte amostravam a gente,

De vigário à vivenda em extremo momento (chegou,

Chamou a ir buscar o Santo Sacramento

Os que logo bem cedo à distância as seguiram,

O velho palmilhar ao longo do caminho,

E caminhar depois numa cerca de espinhos

Com formas sem corpo envoltas na neblina,

Cria o leitor ou não: a experiência ensina

A nunca duvidar de quanto não sabemos;

Até o povo acredita, e como o povo acredita,

As freiras nunca vi, posto que fizessem vidas

Quando cedo deixavam terras nativas

E a Serra do Mar, mas guardo na lembrança,

Do meu tempo melhor, o tempo de criança,

E milhares de arroz em tigelas de barro,

No mais etô so de olhos a minha terra,

Interior.

Por laborar, na faldas da colina

Ou desce para o sul por extensa campina,

Ela a começar do século passado

Um antigo solar dentro polar ao lado.

Centro e Calundu eram duas herdeiras

Ligadas entre si por velhas amizades.

Centro em Calundu, no Caluge Azevedo

Estavam juntas sempre em festas e festejadas

Entre latas também. Os ouvidos tinham lido

E Almudra dola, outro fôr feito

Era Magia, e ainda a outra a muiro vira

Interior.

Ao infantil acudir de Ceuta na jornada,

Doce maternos rumos andavam Azevedos

Nas casas dos Sodré, Soares e Macedos

Como escrevem depois um Monsenhor Pizarro,

A gente do lugar dir-se-ia de outro barro,

Taminda era a nobreza em sua cercania,

E o melhor qualite e flor de fidalguia,

Alvaro Mendes d'Onça no dom tendo direito

Por serviços de avôs e fidalgo perfeito.

Senhor de Calundu, Lobos, Gurupiá,

Era rico morgado em linda genuína,

De casa solarengue. Era solteiro e belo.

Uma sécula alíás teria seu casamento,

Na Galiza ou no Minho, e vestindo armadura,

Entraria na liga em prol da formosura.

De sua castela, Nunca gibão de veludo

O campo matão cortava e visitava tudo

Quanto querer ver, inclusive as vizinhas,

Guardadas no solar como duas pombinhas.

Dona Aida de Azevedo, excelente madrona,

Bom eco de enviraunda sinta frescalhona,

Com filhas a criar, Beralda mais Mariana;

Era tipo de mãe e da bondade humana,

O Caluge era seu, mas não tinha mais nada;

Depois o tempo do esposo era mal governado

A bôsia do casal. Mas dona Aida era artista

De caleca e de mão, e coxos dedos e a vista

Tia renda de primos tecia na almofada

Que a obrainda incompleta era logo comprida,

Era debitos tirava as antigas gravuras

De Durer e Cranach e as linhas as malas

Impuras

De um pre-Rafaelita, e dos linhos mais finos,

Torcidas por magia em bilros pequeninos,

Tais lavoros fazia e de tanta beleza

Que os vizinhos disputavam as danças da nobreza

Para se levar a corte, e dava com cruzadas

Uma a favor das selaas nascia aprimoradas.

Quanto as duas gentes e formosas meninas Eram dois querubins e desde pequeninas Educadas na lei dos bons tempos de outrora.

Que menina que lê ou escreve, namora, Cartas do namorado aconita e lê, e breve

As mesmas namoradas, ou a outra, vai e

Aprenderam doutrina e rezas decoradas.

Conversação de França e uma história

Palavras que lêem e cantam, e cantadas

Mas não fere e escrever, apenas com o vinhento

E mui recentemente um empregado lirínguado

De Bernadim Ribeiro, amores de princesas,

Foram manusear. Um dia com surpresa

Encontraram na mesa um gordo brevíario

Deixado por acaso ali pelo vigário.

Pois conseguiram lê-lo e as letras encantadas

Quanto ao dia, dia de São João, dia de São

Antônio, dia de São Pedro, dia de São

João, dia de São João Batista, dia de São

Francisco, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

João, dia de São Pedro, dia de São

Antônio, dia de São João Batista, dia de São

# O sr. Salvador de Mendonça — José Veríssimo

Setuagenário e cego, mas ainda vigoroso de espírito e de expressão, dão-nos o sr. Salvador de Mendonça raro e belo exemplo de uma energia que não quer esmorecer de uma atividade que não quer cansar. Há mais de quarenta anos que luta, em letras, fazendo alternada ou simultaneamente jornalismo político e literário, teatro, crítica, romance, economia política, estética, história, alem de diplomacia. Foi companheiro ou amigo dos principais vultos das nossas duas primeiras gerações românticas, habitando da famosa livraria do bom Paula Bruto, por onde todos eles mais ou menos passaram. Conheceu e tratou os nossos mais eminentes republicanos, e também muitos, e dos mais conspicuos, da América e Europa. Foi ainda entusiasta colecionador de arte e eruditó bibliófilo e bibliógrafo. Em suma, viveu muito mais do que de comum vivem os homens que chegam à sua idade e até os que a excedem.

Essa vida, já longa e tão cheia, está ele, para lição e gaudio nosso, e em oração, num forma encantadora de naturalidade em artigos que os leitores do "Imparcial" tem apreciado gostosamente. Não lhe abateram o animo robusto, nem o número de anos, nem a atração desgraça, nem os infáliveis desgostos de que se entreneia a vida. Mediante o concurso carinhoso de uma família exemplar, onde a Antigone se separaram rivais que lhe não cederam em tocante piedade filial, após longos anos de atividade consular e diplomática, dos melhores efeitos para o Brasil, e de alta vida social e mundana, em que alias o estudo e as letras nunca foram abandonados, voltou com a primeira assiduidade a elas, e como um heróico desafio à iniquidade da sorte que o feriu, fez-se também agricultor, cultivador de espécies novas, e, por último, cultor das mais belas rosas que hoje se encontram no Rio de Janeiro. Nobre e peregrino exemplo daquela força daima, que os romanos, entendidos neia, chamavam virtude, é esta exquisita e tocante conformidade, quase alegre resignação, com o tremendo infortúnio.

O sr. Salvador de Mendonça

é um, e se não me engano o derradeiro sobrevivente da propaganda republicana anterior à formação do partido, em 1870. Deste foi um dos chefes, e o principal redator do seu órgão na imprensa.

Romântico em literatura e em política, quando o principal mestre do vosso republicanismo era o assombroso ideólogo Victor Hugo — cujo "Noventa e Três" ele traduziu e prefaciou — o sr. Salvador de Mendonça conservou, através das vicissitudes e amarguras da vida, as suas atençõesas ilusões de moço. Estas sobrevivem no seu último livro, agora editado pela Livraria Garnier: "A situação internacional do Brasil". Com a experiência e o saber do homem feito nos negócios públicos, tem mais este livro o idealismo de antanho, a frescura de impressões, o calor de sentimento, a sinceridade e até ingenuidade de emoções e o vigor de expressão do jornalista ardoroso e fervoroso propagandista de perto de meio século atrás. Apenas, e não seria humano que assim não fosse, se lhe notará aquil e ali o natural azedume das injustiças sofridas, os serviços desconfiados, da confiança atraipada. Desculpam-se-lhe, porém, estes imóveis de desafogo considerando-lhe a íntima justiça e a perfeita sinceridade. Sou o primeiro a reconhecê-lo; quisera, todavia, que o autor tivesse conservado em todo o seu livro a mesma nobre serenidade do melhor dele. O mérito essencial deste não está no seu feito de reivindicação em que ele ainda importa, simão em ser um preciosíssimo depoimento para a história da nossa diplomacia e mormente das nossas relações com os Estados Unidos, tanto nos últimos anos do Império como sob a República. Esta história, a validade, a presunção ou a biulgação a quem ultimamente bastante falsificado. Certos, o sr. Salvador de Mendonça é parte na contenda, mas os que houverem de fazer-lhe o processo, não os escritores oficiais ou oficiais, que o iniciaram sem se lhes dar da própria suspeição, mas futuros historiadores de verdade, esses terão de ouvir o sr. Salvador de Mendonça, de inquiri-lo, de verifi-

car-lhe as asserções, de confrontá-lo com outras testemunhas, de buscar documentos, que lhe corroboram ou desmentem o depoimento. Alguns desses documentos já os apresenta o sr. Salvador de Mendonça. Como as suas declarações são convincentes e trazem o cunho de veracidade, e ele é homem verídico, podemos desde já crê-lo sob palavra, embora o processo histórico tenha sempre de fazer-se. Eu por mim acredito que este lhe resultará favorável que a nossa história diplomática, qual foi nos últimos tempos feita no Itamarati sofrerá retificações essenciais.

Velho republicano, idealista, sentimental, o sr. Salvador de Mendonça encabeça de apreensões e tristezas ante o que chama os "perigos internos e externos da república". Esta República que está muito longe de ser a que ele sonhou, esquecido de que, salvo nas lendas ou histórias da carochinha, os sonhos nunca jamais se realizam, máxime os sonhos políticos, porque a política é de si mesma coxa e sordida, material e rasante, incompatível com os por vezes encantadores e generosos enganos do sonho. Mas que querem? Os homens da geração republicana do sr. Salvador de Mendonça, e também os apazos do meu tempo, que éramos todos republicanos, e que tínhamos por mestres antes poetas que sociólogos, que jurívoros por Hugo e Castelar, que adorávamos os versos bombásticos de Castro Alves.

República!... Voo ouso! Do homem feito condor! todos nós nos permitimos sonhar a nossa utopia republicana. Em que deu ela? Nisso que está. "Os únicos brasileiros satisfeitos", escreve acertadamente o sr. Salvador de Mendonça, são os que no pano verde da roleta nacional (metáfora muito exata e pertinente) fizeram fortuna do dia para a noite, assaltando as repartilhas do Estado para obterem as gordas concessões que os tornaram "ricos deshonrados e contentes".

Com efeito, mais talvez que a vicissão profunda, a enorme falsificação, a deslavada sofisticação dos principios republicanos, compendiadões na Constituição e dos quais muitos já vinham do Império, tem desmentido e resfriado o ideal daquele sonho a imortalidade que tem contestação ou atenuação possível, nos absorve e domina em a nossa vida política. E o pior é que o povo — o povo deixou de usar desta safada figura de retórica — parece não se lhe dar disso ou conformar-se com isso.

O perigo interno é esta imoralidade, esta corrupção generalizada. Deixa decorre o resto.

O perigo externo é, segundo o sr. Salvador de Mendonça, a apropriação por estrangeiros simplesmente gananciosas das nossas terras, e o seu consequente domínio de grandes propriedades territoriais, grandes senhores industriais, grandes chefes de economia nacional, em nosso país. A nossa fruqueza, principalmente resultante da nossa proverbial indiferença e despreocupação da causa pública, lhes favorecerá a preponderância nos nossos mesmos negócios políticos.

Neste caso, sinto estar em desacordo com o nosso ilustre patriota. Talvez porque são diferentes os nossos conceitos da nação brasileira, eu me não arreio daquele predomínio. Num certo sentido menos patriota que o sr. Salvador de Mendonça, noutro o sou mais do que ele pois acredito que a nossa pátria tem já condições (muitas, alias, de ordem puramente física) para assimilar e absorver o estrangeiro e nacionalizá-lo. A nós cabe aumentar e reforçar essas condições. Como também creio que nada poderá impedir a transformação de nossa atual fórmula nacional, e observações curiosas de tudo.



O pai de Salvador de Mendonça, comendador Salvador Furtado de Mendonça.

## SALVADOR DE MENDONÇA E O REGIMEN REPUBLICANO

### CARTA A CAMPOS SALES

"Brazilian Legation,  
New York, 2 de Julho de 1895.

Meu caro Campos Sales.

Depois de minha última carta e da promessa que me fez o Chief Justice Fuller de dar-me um parecer acerca da suspensão de garantias sob o estado de sitio, fiz por mais de uma vez diligência para obter tal parecer; mas os trabalhos da Corte Suprema, desde então até a chegada das férias de verão, foram tantos e tão acunhados, que o Chief Justice Fuller não teve realmente tempo de elaborá-lo e terminou por prometer-lhe durante estas férias. Efectivamente só o estudo da questão — se a income tax era ou não constitucional, ocupou mais de um mês das sessões do Supremo Tribunal de Justiça. Quando receber o importante parecer do sr. Fuller, remetê-lo-ei a v.

A um advogado notável, muito entendido em questões internacionais o sr. Ivens, escrevi com muita insistência, pedindo-lhe que me desse parecer sobre a mesma questão. Este, infelizmente, por motivo de molestia, teve de interromper o trabalho, que alias, espera com ciúme assim que lho permitir o seu estado de saúde.

Vê pois v. que não estive nas minhas mãos mandar-lhe com a presteza desejada os dados que v. me pedia. Obra especial sobre o assunto não existe; o que há de mais apropriável é o volume 4º de Wallace, *United States Supreme*

luso-indio-negroide, em uma futura nacionalidade germano-latino-americano, que será por ventura, a sua fórmula definitiva; como assim penso, não tenho as apreensões do meu eminente confrade e amigo.

O seu livro não é só interessante sob o aspecto da história diplomática, repõe também a história e a crônica da nossa vida política, dos nossos homens públicos do Império e da República, com informações e observações curiosas de tudo.

Salvador de Mendonça



Salvador de Mendonça, entre os irmãos, numa fotografia de 1874. Sentados: à esquerda, Salvador; à direita, Francisco. De pé, da esquerda para a direita, Lucio, Cândido e José.



# JOÃO CABOCLO — Salvador de Mendonça

## (LENDAS DA SERRA E DA BAIXADA)

Por trás do Morro Grande, entre duas colinas,  
Envolta no seu ver de nevoas matutinas,  
Dentro do vale estende a morte a ocultura.  
Outro habitatado de tribos altivas e bravas,  
Tornara-se depois em guerreiro e temido  
Dava ao misero sacrum e suarento e a guarda.  
Por legado em reitor as vastas corrupções  
Os machados e o fogo as terras desbandadas  
Desse a Serra do Mar ate a beira-rio  
Desviam longamente as cluvianas do estio  
Entregue sem piedade, e as varzeas e as montanhas,  
Escolhendo no seu exorcismos estivalas.  
Esborravam o passo a qualquer tentativa  
De ataque impunido a selva primitiva.  
A mata era um resultado, e as estradas cobertas  
Por mato da natureza em seu cinturão aberas,  
Tornavam-se seguro. Assim sem obra daria  
A terra entre os seus dentes a defesa reforçada.

O estio, já sombrio no declinar do dia.  
Era todo pavor quando a noite caia,  
Cielo de tempestade sons de sinistros ruídos  
O quebrar de troncos e das ramos caídos  
As garas de tapir pelo jardim montado  
Em bucha de carneiro e de trevo tombado  
Para arrancar do dorso a carne que o devora,  
O riso da coruja, a dança do caporá,  
A voz do bicho é a voz do bicho-carrasco.  
Dividindo a preta, que depositava cimento.

O mato era de fato, um malício segredo  
Entrava na floresta e desaparecia a noite,  
Nos ramos perpassava uma ligeira aragem,  
Vozes vindas de longe e que distante agem,  
Rumores da floresta, algazras amavas,  
Quinhões de fumado em que triste de avei;  
Eles se multiplicavam e dava de pavorins.  
Ou do jongo de escrave em longínquos territórios.  
Era noite de tormenta, o céu de raios.  
A oitenta a desparar para o medo do envado,  
O vento retorcia as copas e rachadas.  
E rangia a floresta no passar das folhas,  
E silvaram rípos, como cordas vibradas.  
Des instrumentos mil, tangente por tristes.  
Ricava a tristeza como uma causa premente,  
Co mato vira de mestre e os céus pulmões do mundo.  
Torce Anhangá regia o concerto da terra.  
O luto de Tupan, Deus da raia e da guerra,  
Foi luto de raios a desolar silêncio.  
A instâncias sua do bicho houve frequente,  
Na comprido leito atuado de vulcões.  
A piroca furtiva e os indícios inseparáveis.  
A molação de corrente em suas jacadas.  
Tres costuras de berço, a espuma de onças tintas,  
Co seu queimado nas molas, tudo ossos e peças.  
Do sono secular erguendo as caixas  
E procuravam ver os os relhos comungas  
E queriam ouvir sem já terem ouvidos.  
E camada a piroca e linda a tempestade,  
Tornava cada mato é sua eternidade.

Mas no mato da sua primeira de alvorada,  
Quando acordava a mata, após a trovoadas,  
Enchiam todo o vale os cantos e gorgos,  
Dos píssimos em bandas. Os ramos duros cheios,  
Albergues de uma noite, irradiações de cores,  
Vezavam para o chão se peso das chafudas,  
Da serra, de improviso em borbotões acenos  
Vinham enxadas de sol, subredurando os troncos  
E montes em redor, subredurando a mata  
E devorando quanto a sombra inda recata,  
Nas folhas da imbalha os passares se banham,  
E os cores da mata na pérula apanharam.  
Ao subirem ao ar em ricas espadadas.

Sua a lata de chão, depois vozes humanas.  
A mata alumiada era densa e frondosa,  
O ipê de flores de ouro, a canela o pau-rosa,  
O cedro perfumeado, a peroba, a graxa.  
O roxo guarabá a estrela cabuana  
Enrolam para o céu as frondes alantanas;  
Mas a fronda maior, primeira entre as primeiras,  
Tinha-a a Jequitiá, monarca da floresta,  
Tão grande e senhoril que com as nuvens entesta.  
Que secadas vividas e gerações contaria,  
Diziam-no seu porte e a velha chascara,  
Que do tronco ao redor aprofusa pródula.  
Nesse aduto da selva o gigante surgiu  
Dente em longos cípios distendidos, esgoinas,  
Dir-se-lam cordame em mastros de navios.  
Por forta o taquari, as escropolas, os fetos,  
Os acerás fechando, abafavam os rios,  
Os filhos, toda a prole aná desse gigante,  
Que subiam do solo eretas, arrogantes,  
Palante de titãs de novo congregados  
Para escalar os céus, como em tempos passados.

Di feria saiu um homem de alto porte,  
Robusto, varonil, cabeça em torso forte;  
Tinha a canisa abundante, e a calca arregacada  
Mostrando a brônzea lez de cor baixa e queimada;  
Trazia firme e andar, mas parecia inquieto;  
Trancado o Morro Grande em atalho direto  
E uma hora depois da casa de vivendas  
João Caboclo achava o dono da fazienda.  
— Então a derribada? — A gente inda não veio.  
— Não veio, hein? Nem virá. Você descrevou malo  
De bicho a promessa a mim feita, há mais de ano.  
— Patrício! — Fique sabendo, eu não mudo de plane  
Po... o querer vir destruir esse mato.  
— Patrício, em cumprir sempre os negócios que  
— Por que então não derribou? — Eu lhe digo a verdade  
E se o patrício me ouvir, estou certo, não há de  
Exigir que eu derribue. A mata não tem era,  
Pois se ali a crescer, onde devo a puser?  
E cresceu e cresceu, ate perder-se a conta  
Dos anos que ela tem e a que tempo remonta  
Antes que a gente braves haver ganho as montanhas  
Havia serra achada umas tribus tamanhas  
Que enchiham toda a terra até no Parnaíba,  
Do rio Pirat em uma e outra riba;  
Nesse tempo essa mata era o lugus das festas,  
Havia no arredor florescas e florestas,  
Mas esta era a mala velha, a colaca do morro  
E no tempo de inverno era assolo e socorro.  
Daqui foi Gingardá à verde Guanabara  
A 1.500 de Altamira, e como não voltara  
Tiveram-no por morto, entretanto, a pirosa  
Em que só coxos seus, ainda agora voga  
Pelo rios da serra, e se a noite vai alta,  
E o veja chegar quando na prisão salta.

E sente-se na mata, audaz, bravo, ligeiro,  
Como quando segui o vento gaúcho.  
— E' predestinado arredar essa gente fúrida.  
Nunca querer vingamento. — Acredite, com vida  
Somos eu e os meus cães, o mato é gente morta.  
E de tanta não sei como a terra a comporta.  
Quintonobas não há, a ultima batida.  
Varrem de toda a mata a gente foragada.  
Nesta parte cumprir a penosa promessa.  
— Pode é cumprir o resto, antes que alguém lhe peça.  
Mandar bussar a gente, é só o que é preciso.  
Agora não se corra, a mata teve aviso.  
Os mortos sabem tudo e os segredos devoram.  
As raízes que funda os corpos nos trazem.  
Tiram da carne e de ossos abundante alimento.  
E penetram no crânio atilho pungimento.  
Sangam vida animal, são olhos, são ouvidos;  
Tate, olfato e sabor, os humanos sentidos.  
Quantas vezes a gos, recostando na relva.  
Eo tembo visto e ouvido os segredos da selva.  
— Alívio, ven am, eu te prefiro ao vento.  
Leva mato o mato ser, meu amor, meu alento,  
Aquele flor de mato agora tão corada.  
E crivo agora viven a neve deflorada!  
A vozes mato vive, e ri, e chora e canta,  
Na vida do universo e na vida da planta.  
Tudo é transformação, a matéria é eterna.  
Semente o que foi galho é agora a eterna perna.  
Ea resa mata tem a tinta-purpurina  
Ou fei bela e fei rosa em face de menina,  
Não se pode cortar, a mata teve aviso.

Tentar Jucá-lo agora, era perder o sizo.  
Se no Jequitiá os arapongas cantam;  
Quando malham o ferro, as árvores repantam;  
O brejinho farta e entraida dos caminhos  
E as fibras endurecem, entristando os espinhos  
O seu planalto, patria, a mata já conhece,  
Lendo no seu aspecto apenas amanhace.  
E se assim está tudo, o mato não se corta.  
— Ouvi a lenga lenga e bem pouca me importa.  
Dos escravos, na lisa o seu nome figura  
Da compra na fazenda em valada escritora  
Mestiça ouça este aviso, ou se quiser conselho;  
Vá, faga a derribada ou eu lhe mato o reho.

A palavra contou qual cortava a lambanha,  
Mas sem nadar dizer, sem gesto nem parada,  
Foi no laranjal o caboclo sumiu-se.  
E se perfaz-se um mato, uma marxa ouvir-se.  
Por trás do Morro Grande e com a derribada.  
Era nos dias de abril, a chuva era passada,  
Estava em flor o ipê e da quaremba roxa  
As flores os capões coitaram de uma edéia  
De triste viuza. Os golpes retiniam.  
Qual metal no metal, e logo se partiam  
No cerne da madeira os melhores machados  
Da tempeira melhor, todos daco caladões.  
Subiam entretanto as filas inimigas,  
Cavado yoco e sempre a guisa das forragens  
E por fim a floresta, a mor joia da serra,  
Já na quase totalidade examinava terra.  
Numa manhã de julho, alegre, sorriente.  
Kuma de sua marinha que dão o braço à gente  
E nos melham os pes nas perolas do ovalho  
João Caboclo quis percorrer o trabalho.

Da majestosa selva a parte que restava  
Dir-se-ia que de suado ao morro se achegava.  
Tal ao materno seio os filhos se recolhem  
Quando no mar da vida as tormentas os colhem.  
Des vencidas Titãs a linha serradeira  
Na cabeça do vale imiliava a carreira  
De escravos, que os nas terras africanas

Re-ordam o passar das correntes humanas,  
João Caboclo olhou. Num campo de batatalha,  
quando a sombra da noite os corpos alinhava,  
E dos erros a luta é a luta das estrelas.  
Perde-se o horror da morte. Essas cenas que, no céu,  
Não parecem crúas, são apenas insanas.  
Produzido do combate entre as feras humanas.  
Armadinhos da mesma arma em lances de surpresa,  
Em recursos iguais no ataque e na defesa,  
Nas deu homens na guerra aos animais e às plantas  
Quanta desproporção e diferenças quanta!  
Um fere como algaz em covardes elatas.  
Outras as vítimas fere imóveis, desarmadas.  
João Caboclo olhou, Colossal trucidado  
Juncado o vale inteiro. Os troncos multitudine  
Nadam em sangue e seiva inertes e rendidos,  
Alguns mortos de todo, outros só mal feridos,  
Um morto sem gemer, outros nos estertores  
Da morte, rolam inda entre grandes frangos.  
Da velha Copalha o bálsamo dimana.  
O visirão a acudiu com essa sobrehumana  
Caridade seu par, que na morte da vida,  
João Caboclo olhou. Que profunda ferida!  
Vendo-o de um gravata, duas cobras se irritam,  
Umas flores amas com triste olhar o lham,  
E a parásita branca, a rainha da fronte.  
No solo ora calda a pura face esconde,  
Volto a passo largo o Caboclo preciso,  
Tendo nação um inferno e na mente um só fio.  
O seu vale matad, o seu berço adorado.  
Em enorme ruína havia transformado.  
Quando a treize voltar, não achava a truta,  
Nem o verado manu e caminho da gruta.  
E a alegre uru não teceria a dança  
Com marca de quindinha, se balançava e se transa.  
Ouvia pelo caminho os motejos das pacas,  
Re-goligos de bugio e vaia das maitacas.

A vila tinha ido o senhor da fazenda.  
Quando João Caboclo, a hera da merenda,  
Procurou a patroa. A excelente senhora  
Estimava o mestiço e dele mestra fia  
De escrita e de leitura, o quanto ele sabia.  
Aprendera com ela ou nos livros que lia.  
Na marquesa de sola encontrou-a sentada  
A casa a governar. Fitei-o consternada.  
Ao vê-lo pecternar-se nos seus pes lacrimoso.  
— Patrício, trinha perna? Um aviso enunciado.  
Deu-me o Jequitiá nessa passada noite.  
E a tudo lhe contar não sei como me atoie,  
O gigante, entendendo os rumos para os vinte  
Colhe de toda a parte os estranhos portentes  
Da rede me chamou rumor vivo e seguido  
Que entrecortava o espaço um pequeno estuado.  
Ao tronco o ouviu e ouvi a proteção.  
Que inda a hogna mi trilha e o sangue me rebula.  
E, contumax no crime eu cortar e que ressa  
Da velha, magistosa e soberba floresta.  
Vinho sobre essa casa as maiores desconfias  
E as terras do lugar se tornaram malditas;  
Os patrões morrerão sem aquilo se arredarem  
E bolidão será quanto em vida tentarem.  
Um filho aqui nascido há de morrer esse ano  
E os outros crescerão, para que cresça e dano.  
Para a afronta haver, para alegar a magua.  
O Rio Pirai, repreendida a sua agua.  
Os vales catinhas, inundada as terras.  
Em ilhas formadas, se que já eram serras.  
Patrício, temia penal. Eu nasci nessa mata,  
Li nasciam mato pais, e quem a mãe maltrata  
E um ente malhado!

— Eu já fiz e que pode.  
Quando nesse bicho, ate se mostrou rude.  
Teu senhor, tão sortes e perfeito marido.  
João, iria dar o rito e qualquer sentido.  
São coisas do Destino, e nos regem também.  
Louvado seja Deus.

— Por todo o sempre. Amém

O mestiço inclinou-se, e a mão alta beijando  
Saiu po após pé, humilde, recendo.

Pouco depois, não sendo a tarde ainda acabada,  
No vale prosseguiu a fela derribada.  
Estabilhada de Norte a linha serradeira  
Das árvores em pe, a gente companheira  
Levantou um gira espacoso e possante  
E se pôs a cortar o tronco do gigante.  
E já passadas três bem compridas semanas  
De incenso trabalhava das formigas humanas,  
O gigante tremeu e soltando um bramido  
De monstro que se vê mortalmente ferido,  
Na queda retratou juntamente consigo  
As árvores das quais fora vizinho e amigo.  
Em roda a concusso foi tão forte e tremendo  
Que fêz a estremecer a terra da fazenda.

Chegou por fim setembro, o mês dado as queimadas.  
E atacado o logo a todas na testânia.  
Alastrou-se o incêndio, enorme, rubro, irado,  
Qual uma força nova a surgiu do incêndio.  
Largos incharassus os estouros eram am,  
Tinente os ocos troncos, os ecos acordavam.  
Colunas de fumaça em espirais escoravam  
As labaredas mil zerviam de molduras.  
Outras iam pra o ar como cargas de obuses.  
E compunham em cima as arcadas em cruzes.  
Ergueram-se um furacão, surgiu um remoino.

Na cabeça do vale, a beira do caminho,  
João Caboclo, apoiar açoite a colvira,  
Que pusera entre o tronco e a velha caçara,  
Abriuam os seus caes, o Leão e a Leoa,  
E tirando da cinta a faixa larga e boa.  
Ali se despolou com dois golpes certeiros.  
Depois, tornando os deiz, lançou-os nos brazeiros.  
Depois pelo gira, golgando o velho tronco,  
Sobrero pedestal informe, aspergo e tronco.  
Sua obra contemplou, ate que enrolou em fumo,  
Viu subir em redor a labareda a prumo,  
Novo Leoconte, as serpentes de chama  
Vão suocar a dor que naima lhe derreira.  
O fero matriicidio, e o reu remorso torvo.  
O reu a luta rasgar como um bico de corvo.  
Por trás do Morro Grande em meio das colinas  
Só havia destróbos e ruínas.  
Hesitas monumentais de mardros recintos  
E ossadas de animais monstrosos extintos.



Salvador de Mendonça, numa caricatura de Angelo Azevedo

# SONETOS DE AMOR

## Á MARIA

I

Vou-me pra longas terras, doce amiga,  
E nem posso, sequer, dizer-te adeus,  
Tocar-te amáis as mãos e nesses teus  
Olhos, em que meu ser todo se abriga,

Dávor gravada a sombra que te siga  
E levar tua luz nos olhos meus!  
Sentidas frases minhas não quer Deus  
Qu'ella neste momento t'elas diga.

Mas que importam palavras, se mostrando  
Faz minha alma ter aqui feido  
De fadiga na claudia prisão,

E o corpo iname que abastando  
Se vai, pois qual do bardo etanmorado  
"A tens pés fica morto o coração?"

II

Foi diante de estranhos, num sala,  
Que apertamos a mão na despedida,  
E dos indiferentes não sabida  
Fui sempre a agonia que se euia,

Confirme a cortezia admitida,  
Deixe tua mão para beijá-la:  
Na garganta ficou-me presa a fala  
E, nos teus olhos, presa, à minha vida.

Inerte, tolerei que a lacerante  
Mão da morte meu peito ali aforisse  
Antes do que mostrar minha paixão.

As rosas te fugiram da senilidade  
Sem que da minha a tua mão fugisse  
Nossa hora de muda confissão.

III

Quando nos vimos pela vez primeira  
Meu coração estremeceu de medo  
Por mim, por ti, ó bela feticheira  
Capaz de adivinhar meu segredo.

Nada soubeste. Por dois anos fomos  
Companheiros felizes de jornada.  
Leste, de alheio amor, tomou e tomas,  
Ouve tr, mas do meu não leste nada.

E foi assim melhor. Bravas e singelas  
Flor do Renascimento, satisfeitas  
Vi-te menina e vejo-te donzela.

Cinge-te a como dorio o ar estreito  
Das nacionais de Lotto e Della Bella,  
Virgem, que acceso altar tens em meu peito.

IV

Sim, foi melhor. No gozo de uma hora  
Quintos, anos e séculos futuros  
Do santo amor que as almas revigora  
Andas alegriamente impuros.

Agora, flor de luz e de beleza,  
Casto como o jasmim da madrigada,  
Alva como o acordar da natureza,  
Podas volver dos anjos a morada.

Vem, repousa a meu lado, na silente  
Paz da noite estrelada, só mutuaria  
Perto de nos a limpida corrente.

Dorme em sossego, sobre a fonte pura  
Num beijo selrei eterno, ardente  
Amor, meu doce calix de amargura!

V

Criança loura, meus cabelos brancos  
Neve de inverno em tua primavera  
Talvez dissesses mudamente franco  
O que jamais a voz dizer pudera.

Só, batido dos ventos e do raio,  
Sor o tronco esgalhado da montanha,  
E se ainda flores tu me vés em maio  
E a mão da tormenta que as apanha.

Segue tranquila a perfumada senda  
Do vale de inocência e mocidade  
Que o sol nascente ao longe te desvenda.

Acorda e vai, a fria claridade  
Dá manhã de meus braços te desprendo  
Sonho gentil! prenúncio da saudade.

VI

Se tu sorrias, como a natureza  
Sorrisa toda, como os passarinhos  
Cantavam, como à beira dos caminhos  
Vindei mirar-te as flores da devesa.

Se tu choravas, como o vale inteiro  
As florestas, os montes se cobriam  
De nívia triste, como se carpian  
A fonte, o rio, os ramos do salgueiro.

Luz e sombra dinamam de tua alma,  
Encerrada na forma peregrina,  
Pira de amor e de martírio palma,

Muller e deusa, seu olhar fascina  
Como um abismo, tua fronte calma  
Revela a paz da habitação divina.

VII

Amar-te sem que o saiba, ver-te, ouvir-te,  
Desnieldosa, inciente; acompanhar-te,  
Qual segue a sombra ao corpo a toda parte  
Sem ter a consciência de seguir-te;

Viver só deste amor de contemplar-te,  
Risonho ou triste, se sorris ou choras,  
Em muda adoração, horas e horas,  
Achar a vida curta para amar-te;

Baixar confuso os olhos, se tu choras  
A meu olhar, e ver a sôs contigo  
Apegar-te o rubor meigo sorriso;

Eis meu destino. E tu ali ignoras  
Que calvo de amor, a mão bendiga  
Que mandou-me a paixão em paraíso!

VIII

Não te direi adeus, não. Tua imagem,  
Se tu te foste, não se foi contigo  
Vejo por toda parte o rosto amigão  
Em meu deserto vivida miragem.

Guardiões, qual no marmore divino  
A deusa grega, estão a seu semblante  
E a forma do corpo radiante  
De maldade no cofre cristalino.

O som de tua voz, seu claro riso,  
A luz de teu olhar de corsa e diva  
Perdo de mim agora ongo e diviso.

Não te partiste toda, compassiva  
Ficou para criar-me um paraíso  
De teu adeus a lágrima furtiva.

IX

Uma tarde, na fonte debrucada,  
Vi no fundo do céu azul e puro,  
Como visão de um dia de futuro,  
Nossas almas e corpos enlaçados.

A tarde era de outono, no poente  
A luz era de ouro, realçada  
Pela cor do pinhal, entre cortada  
Dumas chispas de fogo e lava ardente.

O vale nessa hora de magia  
Desdobra a trus pés a purpurina  
Alombra da folhagem que cai.

Virá depois da noite a matutina  
Luz doura vida? Teu olhar segue  
O levantar da estrela vespertina.

## (INÉDITOS)

X

Avezinha do céu, que estranhos climas  
Viste percorrer! Por que por este  
Vale escuro trocaste as claras nuvens,  
Dos paraisos de luz em que nasceste?

Açoo visto que na terra havia  
Quem tua luz cegava e só te vê-la.  
De amor sem esperança se morria,  
E a mim deixaste, minha linda estrela?

Ave de amor puríssima, sublime  
Lágrima santa, que dos céus vertida  
Alumaste meu destino escuro!

Se vieste buscar-me, ela responde  
Estic minha lama dos grilhões da vida  
E vemos ao nosso lar futuro!

XI

Ave Maria! hora da saudade,  
Em que nossos amores ressuscitaram,  
E errantes lucidas palpitar,  
Pela da dia morta claridade.

Das chaminés levantou-se a fumaça  
Nabilha à beira-mar, ao arvoredo  
Traz a brisa da tarde seu segredo  
E o velho mar a ilha verde abraça.

Na vastidão azul as velas correm,  
Como em minha memória muitas lembranças  
Mistos de dor e cívida alegria.

Os sons do campanário ao longe morrem,  
E tua imagem fala de esperanças  
Na hora da saudade, ao fim do dia.

XII

Naquela tarde amena em que subiu  
A escarpa encosta junto ao mar  
A ver o por do sol, e em que vimos  
Tu maldade e eu o céu em teu olhar.

Lembraste? Douro e púrpura vestido,  
Sepultou-se no mar o rei do dia,  
E o horizonte de luz foi sucedido  
Pela da noite mística magia.

Esposa enamorada, a lua nova  
Seguiu o rei co'a lâmpada argentina,  
E no céu as estrelas cintilaram.

Assim quando eu morrer a fria cova  
Terá meu corpo, mas a luz divina  
Refugirá nos olhos que a guardaram!

XIII

Que vale vivo afeto, monstro ardente  
Que o corpo nos devora? Saciado  
Deixa murcha no leito profanado  
A rosa que em botão colheu frenemente.

O fogo deste amor plácido e puro  
Que dinama de ti suavemente  
Está em teu olhar tão inocente  
Que outro céu na terra não procura.

Com a tormenta o céu fica severo  
Ruge, brame, fuzila e, pavoroso,  
Esmaga o verme humano tão pequeno.

Mas teu olhar as portas do futuro  
Abre de par em par e, venturoso,  
Subo transfigurado no ar sereno!

# A correspondência de Salvador de

Amigos durante cincuenta años, Machado de Assis e Salvador de Mendonça mantiveram uma longa e ajetosa correspondência. Aqui encontram o leitor algumas das cartas trocadas por eles — cartas indecíveis, para a discrição, o humor, o tom simples e suave do afeito, a total ausência de malévolas de cada um para com o outro ou para com as outras.

ção. — E para coroar tudo isto, meu Machado, há aqui as mais formosas e amáveis moças do mundo, está visto, executuadas assim brasílicias, a péna a péna vir ver; faze por isso. — Escreve ao Teu do coração — Salvador.

"Americanas", que todas li consumo diâbile, e de que encontrarás novas no "Novo Mundo" do mês de março, delas te diré alguma coisa adiante, quando te falar também da minha Americana. Falas do meu andar e trabalhar e escrever, e adicionei-me que tenho feito mais de que calculas, pois estou com um volume acerca dos "coiores" quase pronto, e um romance

de minha mulher que perdera, e de minhas filhas que deixaria no Brasil; porque obiei para ela com uns olhos que ela nunca tinha visto, simão em uma corsa que eriou e teve em casa 12 anos; porque em suma achou-me "exceptional". Prometemos estudar-nos e conhecer-nos de perto; comecei no dia seguinte a minha aula de inglês, e com o total progresso ibem sabes que ia nisso o meu amor-próprio que em janeiro já ela se não ria tanto da minha pronúncia, e em já lhe podia dizer mais e melhor do que no Maine. Durante dois meses fomos várias ações maior que a sua a dispensar de tratar da causa de todos para tratar de si e de sua educação; o seu ideal é ter muitos filhos e educar-los todos com utilidade para a pátria; durante a guerra civil minhinho trabalhou mais do que Mary nos clubes de Boston contra os escravocratas; ela mesma dizia que tinha tanto ardor no seu discurso e na sua obra que foi a de todas as reuniões do Norte, como tem hoje no seu ato por mim, e ao dizê-lo para como uma colegial, que não seja da faculdade Conceição de Balafoglo, ou da Sagrado Coração

vezes ao teatro sóz, como aqui fazem todos os namorados, no Parque, e até no Niágara. — Mary tem 26 anos com essa primeira flor de mocidade que não conhecemos no nosso clima abravador; é alta, esbelta, nem clara nem morena, olhos azuis e cabelos castanhos quasi negros; rosto oval e harmonioso, com as mais finas e correias sobranceiras que já vi, nariz irrepreensível, e um pequeno buço que a torna mais morena do que clara. Tem umas mãos que nunca me deixaram a entender bem à lição. — Mary teve até agora cem adoradores ao redor de sua beleza, de seu talento e de seu caráter. Quanto a este lora insuficiente um livro para pintar-to: é a perfeita mulher americana, educada em uma casa de puritãos, trabalhando todos os dias apesar de possuir suficiente de seu, e encerrando um homem em face com a dignidade de um "gentleman". Escreveu durante três anos para uma revista alemã aqui, sob pseudônimo; os seus versos ingleses são formidíssimos: le Virgílio e Horácio como a sua Bíblia; aprendeu desenho com a mãe e faz aquelas admiráveis: canta com uma voz velada e doce como nunca ouvi.

— Não podes ter ideia da minha felicidade: Mary é essencialmente doméstica; tem a educação americana para usar dela em benefício do nosso futuro, e do futuro de minhas filhas, que está ansiosa por ver chegar do Brasil, pelos extremos com que trata o Mário, avô o que vai ser para os meus anjinhos. Aí veia-lhe dire-se à que tem a certeza de dominar ao prório marido; mas o que é real é que mais suave e meiga criatura não deparei ainda. Vou diariamente buscá-la e saímos a comorar mil coisas para o arranjo de nossa futura casa: era preciso ver para acreditar, as mil *inconveniências* desse caráter na acomodância varonil; procura adivinhar-me a vontade, e já me declarou que abdicou de querer. Define a mulher perfeita no América do Norte como "um cidadão ativo até que outra vez afinal que decidi as coisas apressadamente, e que devia porventura esperar algum tempo mais. Porem se tal acasalamento não tem razão, primeiro porque tudo ponderem com a felicidade do coração vtrho e não de família, depois porque já que nele não é em à americana, não queira ver suplantados os costumes brasileiros, e dessa vez encontrei admirado da nressa bela "yankie". Nem todos somos lados e tróqueos. — Se não for à Exposição, iria buscar minhas filhas com Mary; mas vira o fim do ano eero mostrarei-lhe o Brasil, que, aliás, conhece bem pelos livros, e pelo espetáculo que eacolheu para maratão, com interpretação de muito mérito daqui; po s. meo. Machado, se esta é a terra das moças bonitas, ainda malo e ótimo homens bonitos. Mas são bonitos, energicos, ativos, parecem não entendem de mulher; qual-

1999, 22 (2) 185-190

#### ► SALVADOR DA BEMBOMBA

Ergonomics

Meu caro Salvador. — Procurei-te ontem sem ter a fortuna de encontrá-lo; mas vai aqui no papel o que eu te queria dizer, e que, se depois de publicado o discurso do Du-mas (1), não fixeres empenho em conservar o original, o mandarei a este. — Teu do C. — M. A.

(1) Alexandre Dumas Filho, recebido na Academia Francesa em 11 de fevereiro de 1875. Foi eleito em 29 de janeiro de 1874, na vaga de Lebrun (Pierre-Antoine). Recebeu-o o conde d'Haussonville (Joseph-Otho-Bernard de Clermont).

New York 30 de out. 1875

Meu Machado. — Quero apenas pedir-te notícias tuas, e dizer-te que estou quasi, se não totalmente bom de saúde. Aqui cheguei a 23 de setembro, já melhor, e sa o Governo nomea-me definitivamente Consul Geral, cargo que já estou exercendo interinamente desde 28 do passado, é hora de davi da que fico só como um pera, e como um pera norte-americano; que são coradíssimos de fina popa... Espero que destas vez se lembrem de me mandar aí cá, visto que admiravam

ale ca: vejo que somariora  
só quinta coisa. Por mais que  
conheçamos esta terra, dos li-  
vros, das impressões dos ami-  
gos, da imprensa, dos seus ho-  
mens de letras, reservaria-se  
aqui ao estrangeiro boa do-  
se de pazmo para as novi-  
dades. E' um país que pos-  
sue cidades inteiras de palácios  
de tijolo, da pedra e de mármor-  
e. Serão os donos alguns fi-  
lhos? Qual! Gente de mão  
grossa e coração fino, move-  
ndo-se como agitados por conti-  
nua febre, dizendo que se mo-  
vem por que o país é frio, e pos-  
suindo o raro dote de amon-  
toar milhões. Queres ver? Um  
fabricante de pianos, o Chick-  
ering, que já possuia um grande  
estabelecimento à rua 14, man-  
da construir um palácio para a  
sua fábrica, para os seus ar-  
mazens e para uma saia de con-

Meu caro Salvador. — Recebi a tua carta e o teu retrato, o que quer dizer que te recibi de cor e alma. A alma não mudou: é a mesma que daqui se foi. Mas o corpo! Estás outro, meu Salvador: renasceste a vida com a mudança, se é que não contribuiram principalmente para isso os tal lábios, "culo inglês parece italiano". Dou-te os parabéns pela saúde, pelos lábios e pelo exercício do consulado. Aqui creem todos que terás a nomeação definitiva. O Glaviano (2), se bem me lembra, falou-me também nesse sentido. O que preciso é que os amigos que podem influir não se deixem ficar parados — Muito me contas desses pais. Tive com água na boca. Pudesse eu ir ver tudo isso! Infelizmente a vontade é maior do que as esperanças, infinitamente maiores do que a possibilidade. Não espero nem tento nomeação do governo, porque naturalmente os nomes estarão escolhidos (3). Mais tarde: é possível, talvez. — Remeto-te um exemplar das minhas "Americanas". Publiquei-as há poucos dias, e creio que agradaram algum tanto. Vê lá o que isso vale: se tiveres tempo, escreve-me as tuas impressões. Não remeto exemplar ao nosso Rodrigues (4), porque o Garnier costuma fazê-lo constantemente, segundo me consta.

— Por aqui não há novidade importante. Calor e pasmázeas duas coisas que talvez não tenhas por lá em tantinha dose. Ai, ao menos, anda-se depressa conforme dizes na tua carta, e na correspondência que vi no "Globo". Não podes negar, porque o estilo é tu. Vejo que mal chegaste aí, logo aventureste o uso da terra de andar e trabalhar muito. Uma correspondência e infinitas cartas particulares! Já eras trabalhador antes de lá ir. Imagino o que ficarás sendo. Olha, o Rodrigues é bom mestre, e o "Novo Mundo" um grande exemplo. Adeus, meu Salvador: muitos beijos em teus pequenos. Futuros "yankees", e um abraço apertado do — Teu Machado de Assis — que te pede novas letras e te envia muitas saudades.

(2) Francisco Otaviano.  
(3) Para a exposição de Filadélfia. — (4) José Carlos Rodrigues, então embaixador nos Estados Unidos, diretor da Escola de Belas Artes.

New York, 7 de março de  
1876.

ses de plantas, o que é de grande interesse, e está longe de ser aqui considerado muito ríodo. — Se do privado passamos ao coletivo, vemos por exemplo erguerem-se cinco monstros com o nome de palácios para a Exposição do Centenário. Palácio da Agricultura, palácio das Horticultura, palácio das Máquinas, palácio Central, palácio da Comemoração. O Central tem 365 pés de largo e 1 876 de comprido. Se estiveres de passo nessa grande feira, não te esqueças de visitar o belo edifício da Agricultura e fazer a comparação.

Meu querido Machado de Assis. — Não me acusarás por responder agora a tua carta de 24 de dezembro, deixando de fazê-lo pelo paquete de fevereiro, quando me tiveres lido. Nem preciso dizer-te quanto se encheu minha alma de santo e boa amizade, lendo-te, ouvindo-te. — Falas no meu almejado consulado definitivo, e até hoje não sei quando me dará. Falas-me do teu desejo de viver a esta terra admirável, e comprehendo-o. Falas-me das tuas

"Americanas", que todas li com consumo delírio, e de que encontrei novas no "Novo Mundo" do mês de março, e delas te diria alguma coisa adiante, quando te falar também da minha Americana. Falas de meu andar e trabalhar e escrever, e adicionarei que tenho feito mais do que calculas, pois estou com um volume acerca dos "coelhos" quasi pronto, e um romance quasi terminado também. De romance tratarrei. É o único, porém, a quem confio o segredo do Brasil, e tenho para isso minhas razões: salvo o nome Blest Garu (1) a quem perderei a mesma confidência que a ti perco, a ninguém mais o transmitas. — Versa a história acerca dos "lábios rulados", parece italiano? — Fui a Boston ver umas manufaturas e de lá ao Maine, acidentalmente, a pequena cidade de Augusta. Convidaram-me à noite para ver uma família, que era a incarnação dos antigos puritanos da Nova Inglaterra, e nessa casa encontrei uma moça formosa como se não pintada. Ilustrada como se não suprizesse que o seja uma moça cheia de espírito e vivacidade "yankee", que é duas vezes a vivacidade o espírito francês, e conversou com ela em pessímo inglês, que a fez tirar vinte vezes, cerca de quatro horas. Ao despedirmo-nos a noite disse-me que, se eu não seguisse muito cedo viajaria, iria visitar-me na manhã seguinte, e é escusado dizer que esperei no outro dia por ela em casa do amigo em conhecido que me hospedou. Com esse resultado, às 9 horas mandou-me o seu cartão de visita e desci a vê-la. Disse-me que se interessava por mim excepcionalmente (foi o adverbio), que dentro em poucos dias estaria em New York, em casa de uma irmã casada cuja residência me deu, e que pronunciava-se a enganar-me enganar. Acelei a proposta, guardei o cartão, despedimo-nos, fui contente, eu exaltado, e meti-me no trem de ferro sem entender bem tudo aquilo, mas em miséríssimo estado, meu querido amigo: no estado agudo de uma paixão violenta, de que não me julgava capaz. — Em New York a primeira coisa que fiz foi perguntar pelas famílias e qual não foi minha surpresa quando que Mary Redman era uma das esperançosa escritora norte-americana, autora de dois volumes de poesias e colaboradora, efetiva de uma excelente revista aqui! irmã de John Redman, o fogoso e indomável jornalista do Oeste, que exatamente agora, na campanha dos democratas contra a corrupção do governo de Garant, faz a mais brillante figura na imprensa em S. Louis! filha de uma família há muitos anos ilustrada nas letras, e cuja mãe, falecida há cinco anos, deu sempre tom à boa e severa sociedade de Boston. — Vi que se não trairia de um capricho galante que essa moça ia influir poderosamente no meu futuro. Cinco dias depois recebi dela uma carta, convidando-me a vê-la ful à casa da Irmã, mais velha de que ela vito anos, que mandou por um carro seu para irmos ao Parque. Fomos os dois com a liberdade que aqui temos as moças, disse-me que me daria todo o tempo que eu quisesse para lecionar-me; perguntei-lhe animosamente por quem tomava tal interesse por mim e no meio de cem carregamentos que a essa hora corriam os ônibus, os mais frequentados desse ponto de reunião da boa sociedade new-yorkesa, disse-me que se interessava por mim porque nenhum homem despiria nela os sentimentos que eu despertaria, e "que ela supunha amor". Gostou de mim, porque nunca viu um homem tão triste como eu na noite em que conversávamos em Augusta, por que faz-lhe com entusiasmo?

# Mendonça com Machado de Assis

quer rapariga lhes dá água pela se de teus olhos de cegu. Quantos, nem tem coragem de do li isto, reconheci que nunca me enganaria a respeito dos tais olhos; tu mesmo não sabes talvez o que elas valem. Agora o que é preciso é que elas não fiquem que se rendem, quando a vitória é certa. Lamento-o. — E lamento também a ti, que certamente me leste até aqui. Preciso escrever-te tudo isto e mais ainda, porque só tenho desabafado em inglês um amor todo original no brasileiro. — Quanto em abril ou maio, an chegar a notícias, os amigos ficaram admirados, diz-lhes que "era essa velha", ao menos velha para quem vive a americana, com jornais de metá em metá hora, e a cidade acordada 24 horas por dia, para não perder tempo. — Abraça-te com um abraço bem apertado — Teu Salvador de Mendonça.

(5) Guillermo Biest Gana, escritor, diplomata chileno, talvez então ministro do Chile junto ao Governo do Brasil.

Rio, 15 de abril de 1876.

Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria ideia da surpresa que me causou a tua carta de 7 de mês passado: a maior e a mais agradável das surpresas. Quando a abri, e contei as doze laudas da tua letra, serrada e miuda, fiquei extremamente ilisonjado, e creio que causei afetuosas invejas aos que estavam ao pé de mim, o Quatino (6) e o João de Almeida. Mas logo que comecei a lê-la, senti uma doce desilusão; só o amor é tão eloquente, só ele podia inspirar tanta coisa ao mais sério dos rapazes e ao mais jovial dos consules. — Rele a carta, não só porque eram lettras tuas, mas também porque dificilmente podia ver melhor retrato de uma jovem americana. Tudo ali é característico e original. Nos amamos e casamos aqui no Brasil, como se nascia e se casava na Europa; nesse país parece que estas coisas são uma espécie de compromisso entre o romanesco e o patriarcal. Antes tem os dotes intelectuais de Miss Mary Redman — talvez a esta hora Mrs. Mendonça, Casar assim, e com tanta noiva, é simplesmente viver, na mais ampla acepção da palavra. — Sabes se sou teu amigo, receberas daqui de longe o mais apertado abraço. Sê feliz, meu Salvador, porque o mereces pelo coração, pelo talento e pelo caráter. Tua esposa já adivinhou teus dotes; há de apreciá-los, e reconhecerá que, se te dá a felicidade, recebê-la-á do mesmo modo e em igual porção. Nada disse a ninguém do que me revelas em tua carta. O Biest Gana, segundo me disseram no Hotel dos Estrangeiros, está fora, na roça. Agradeço-te a confiança; mas devo dizer que a caíndo em rasgar o canote. Foi o caso: estava no "Globo", lendo o que me ditas nreca de "um livro sobre 'coolies' e um romance", repeti estas palavras ao Quintino, João de Almeida e Taunay (7). Admiraramos-nos todos do teu gênio laborioso, e eu continuei a ler a carta para mim. Quando vi de que romance me falavas, limitei-me a dizer que efetivamente escrevias um romance, mas que não convinha anunciarlo por ora. Meu receio era que o Quintino noticiasse gravemente no dia seguinte que as letras nátrias iam receber um novo mimo, etc., etc. Imagina o efeito que te produziria semelhante notícia no "Globo". De maneira que, por ora, só eu sei do caso, e não o revelarei antes de revelado por cartas ou jornais. — Miss Mary admirou-

tras. — Como remuneração: — Pelas correspondências, 50 dólares mensais. — Pelos anúncios, uma percentagem de 20%.

— Podes aceitar isso? No caso afirmativo, convém remeter a primeira carta de maneira que possa ser publicada em Janeiro. Caso não te convenha, o dr. Moreira, pode que vejas se o nosso amigo Rodrigues, do "Novo Mundo", pode aceitar o encargo, e em falta deste alguém outro brasileiro idoneo. — Os industriais que quiserem mandar anúncios poderão também remeter, se lhes convier, os "cliques" e gravuras. Quanto ao preço dos anúncios, não está ainda marcado, mas regulará o "Jornal do Comércio", ou ainda alguma coisa menor. — Esta carta vai por via de Eduardo. No primeiro Lique que estiverá outra, para remediar o extravio desta, se houver. — Desculpa-me a pressa, e corre ao — Teu do Coração — Machado de Assis.

bruto, nem a Petalóquias, nem o tado abraço do — Teu velho amigo — Machado de Assis.

(1) Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

Rio, 9 de fevereiro de 1896. (alias 1897).

Meu caro Salvador, — Aqui

está uma carta que vai duas vezes retardada; mas como acerto de levar uma notícias agradável aos teus amigos, conto que me desculparás a demora das suas outras partes. A notícias é que foste, como de justiça, eleito para a Academia Brasileira de Letras, que aqui fundou o nosso Lucio (1). Poucos creram a princípio que a obra fosse a cabo; mas sabes como o Lucio é tonz, e a coisa fez-se. A sua amizade cabou em favor da minha presidência. Resta agora que não esmorecamos, e que Congresso faça alguma (coisa) pela instituição. Cá estás entre nós. O Lucio te dirá (alem da comunicação oficial que tens de receber) que cada cadeira, por proposta de Nabuco, tem um patrônio, um dos grandes nomes da literatura nacional (2). — Era pelas festas do Ano Bom que eu queria escrever-te, desejando-te a ti e aos teus um ano de dias felizes. Espero que sim, e também que a nossa amizade (a nossa velha amizade) dure.

Mário casou no dia 1º de junho com Miss Charlotte Rogers, e ambos se recomendam a ti e a tua Senhora. Comunica-o de minha parte ao Chico Paz e diz-lhe que à vista disso longe vão os tempos do Chiarini, onde ele levava o Mário. — Aceita lembranças de minha Senhora e filhos para tua Senhora e para ti. Abraça-te. — Teu amigo velho — Salvador de Mendonça.

P. S. — Além do retrato para o Paz, peço-te o favor de entregar o terceiro ao Pacheco

(1) Crônica dominical de M. de Assis na "Gazeta de Notícias". — (2) Francisco Ramos Pacheco.

Rio, 22 de setembro de 1885.

Meu caro Salvador de Mendonça, — Com grande prazer recebi o teu retrato e a carta que o acompanhava, cheia de tantas saudades e recordações. Tens razão: compreendo que, ao ver tanta gente nova, em 1891, toda ea te parecesse intrusa no não saber das nossas bons tempos nem das boas coisas que lá vão. Algumas intrusas vingam-se em ritmo que passou, distando o ritmo de si, e crendo que o Rio de Janeiro começou depois da guerra do Paraguai. Os que não riem e respeitam a cidade que não conhecram, não tem a sensação direta e viva; é o mesmo que se leasse um quadro antigo que só intelectualmente nos transporta ao lugar e à idade. Este Rio de Janeiro de hoje é tão outro do que era, que parece antes, salvo o número de pessoas, uma cidade de exposição universal. Cada dia espero que os adventícios salam; mas elas aumentam, como se quisessem por fora os verdadeiros e antigos habitantes. — Já que me falaste na "Semana", dir-te-ei que ainda contem tive de fazer referência a uma dessas pessoas do nosso tempo, a Eponina, viúva do Otaviano (1). Morreu quinta-feira, e uma só folha, creio, seu notícias da morte, sem uma só palavra, a não ser o nome do marido. Assim se vê as figuras de outrora! — Venhamos ao teu retrato. Acho-o excelente: não te importes com os 54 anos; eu só vou com os meus 56 e não digo nada. Vivam os quinzequagénarios! Entrequel ao Par e ao Pacheco os exemplares que lhes mandaste. — Felicito-te pelo casamento do Mário, que conheci tão menino. A ele e a sua jovem esposa daras da parte de minha senhora e da minha igual felicitações. Agradeçemos as lembranças de tua senhora e de seus filhos, e peço-te que as retribuas da nossa parte. — Adieu meu querido Salvador. Recebe um aperto

(1) Salvador e mais nove Acadêmicos foram eleitos na sessão de 28 de janeiro de 1897.

(2) Salvador escolheu para patrono o seu conterrâneo Joaquim Manuel de Macedo.

(3) Comédia de Machado de Assis, representada em 1865.

Veja-se a carta de Machado a Nabuco, em 14 de janeiro de 1908.

Itaboraí, 8 de junho, 1900.

Meu pressado Machado de Assis, — Há um mês sai tão cheio de esperanças no modo por que fui acolhido pelo dr. Alfredo Mala, quando lhe pedi a remoção de meu sobrinho Paulo de Mendonça, de Praça para Itaboraí como telegrafista, que julguei desnecessário pedir-te lembrar ao Ministro meu recorrido. Recebeu um aperto

(Continua na página seguinte)

Rio, 13 de novembro de 1876.

Meu caro Salvador, — Mal tenho tempo para agradecer-te muito do coração o belo artigo que escreveste no "Novo Mundo", a propósito dos "Americanas". Esta como tudo o que é teu, muita reflexão e forma encantadora. Cá ficará entre as minhas joias literárias. — Valou este vapor um exemplar da "Helena", romance que publicou no "Globo". Dizem aqui que dos meus livros é o menos mau: não sei, lá verás. — Faço o que posso e quando posso — E tu? Eu dir-te-á muita coisa, a não ser a urgência. Escrevo esta carta, à hora de sair da Secretaria, para ir levá-la ao João de Almeida. Prometo desde já ser muito mais extenso no próximo vapor. Entretanto, agradeço-te as fotografias que dai me remeteste; são de excelente efeito. — Meus respeitos a tua senhora, lembranças a teus filhos, e natação o coração do — Teu Machado de Assis.

Rio, 8 de outubro 77.

Meu caro Salvador, — Exerece-te, à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de coisas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito. Antes de tudo, estimo a tua saúde e a de tua senhora e filhos. — Vai aparecer no 1º do ano de 78 um novo jornal, "O Cruzeiro", fundado com capital de alguns comerciantes, uns brasileiros e outros portugueses. O diretor será o dr. Henrique Correia Moreira, seu colega, que devês conhecer. — Incumbi-me este de te propor o seguinte: — 1º. Escreveras duas correspondências mensais — 2º. Remeteres cotações dos gêneros que interessem ao Brasil, principalmente banha, farinha de trigo, queijo e cachaça, e mais notícias do câmbio sobre Londres, Paris, etc. e só do ouro. — 3º. Obteres anúncios de casas industriais e ou-

# O esforçado diplomata do

## UMA NOMEAÇÃO PARA A CARREIRA CONSULAR

Em 1875, a situação de Salvador de Mendonça é das mais tristes. Resultado, talvez, do seu trabalho intensíssimo (vem de uma fase da tradução de romances franceses, em que passou para o nosso idioma quase quarenta volumes), sua saúde está em perigo. É nesse momento que, como para agravar os seus sofrimentos intímios, vê morrer a esposa. No lar, agora deserto da compatriota querida, estão quatro criancinhas sem mãe. Além dos quatro filhos, Salvador ainda tem irmãos pequeninos, que precisam de educação. A alma do líder vacila, e se interroga, ansiosa, sem saber onde irá encontrar solução para tantos problemas que o afligem. É nesse momento que lhe chega dos Estados Unidos uma carta de José Carlos Rodrigues, portadora de alento e de esperança. O velho amigo mantém em Nova York a publicação de um jornal interessantíssimo — "O Novo Mundo". Ali inclui notícias que interessam à vida e à história do Brasil e da América, tratando de assuntos políticos, sociais, estéticos e literários. Rodrigues lembra-se de levar Salvador para Nova York, como seu companheiro de trabalho. "Não quererá voce vir ajudar o redator do 'Novo Mundo'?" E o concilia a levar os seus filhinhos, para educá-los "ao sol da liberdade americana". Salvador, que a princípio ficara indeciso, termina resolvendo aceitar o convite. E ao barão de Paranaípaca, também seu velho amigo, comunica essa resolução. Dois dias depois, é o próprio Paranaípaca quem o procura e para oferecer-lhe o cargo de consul do Brasil em Nova York. Ante o espanto de Salvador, o amigo escarreça: ao saber que ele tinha vontade de morar nos Estados Unidos, Paranaípaca lhe fala no Visconde do Rio Branco e lhe faz essa comunicação, mostrando-lhe que seria justo que o governo imperial desse a Salvador de Mendonça uma atividade que, estando de acordo com os seus talentos, lhe permitisse viver sem dificuldades nem preocupações, na grande República. O Visconde do Rio Branco ficou inteiramente de acordo com a sugestão, e nesse sentido tratou de falar sem demora com o Imperador. Pedro II, que estimava Salvador, declarou, por sua vez, que a possibilidade de uma tal escolha só lhe poderia ser grata: ele punha suas dúvidas em que Salvador de Mendonça acelasse a nomeação...

A nomeação se fez a 23 de junho de 1875, e Salvador foi designado para o Consulado de Baltimore, enquanto aguardava sua vaga no Consulado de Nova York. A aceitação do cargo foi motivo para gravíssimas acusações a Salvador de Mendonça. Um publicista honesto e escrupuloso, dos mais graves que o Brasil tem possuído, levou a sua severidade até o ponto de dizer: já na República, já que nas vésperas de Salvador de Mendonça morrer, que ele havia inaugurado no Brasil a práxis do adesismo...

No mesmo ano de 1875, e por morte de Luiz Henrique Ferreira de Aguiar, foi Salvador de Mendonça nomeado, em caráter interino, consul geral em Nova York.

## TRABALHOS CONSULARES

Começam, desde logo, seus grandes trabalhos, pois esse homem de letras e de poesia é também um decidido homem de ação.

Americanista convicto, ele vai enviar todos os esforços para que o Brasil mantenha com os Estados Unidos uma política de cooperação eficaz. Está nos Estados Unidos apenas há um mês, e já escreve a Tomaz Coelho, que é ministro da Agricultura, sugerindo a conveniência da imigração dos norte-americanos para o Brasil. Embora não receba resposta às suas sugestões, vai enviando emigrantes.

Em meados de 1876, tendo sido promovido a consul geral efetivo nos Estados Unidos, seu entusiasmo de americanista ainda mais se acentua. Nesse mesmo ano, representa o nosso país na Exposição do Centenário de Filadélfia. Ali se encontram, em visita à exposição, dois brasileiros do maior destaque: D. Pedro II e Saldanha da Gama. Com o velho Imperador, Salvador de Mendonça, pelas próprias condições do seu cargo, estará em contacto todos os dias, vendo crescer, nessa amizade que se renova, o afeto e a admiração que há tanto tempo lhe tributou. Saldanha da Gama, que à esse tempo é capitão tenente, é um dos seus grandes amigos, é aquele a quem ele mais confiadamente entregou a sua alma.

## AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA AMÉRICA

São dessas primeiras horas nos Estados Unidos as impressões maravilhadas que Salvador de Mendonça comunica aos amigos. Sua correspondência com Machado de Assis a esse respeito é um documento bem eloquente. Salvador escreve a Joaquim Maria, um mês depois de estar em Nova York. Já se encontra em pleno idílio com a terra em que está vivendo. Tudo ali é, aos seus olhos, novidade, tudo é motivo de admiração e prazer. Encantam-no as cidades de palácios de tijolo, de pedra e de mármore. Encanta-o aquela gente, de mão grossa e coração fino, que possue a arte de amontear miões. Encanta-o, particularmente, aquele fabricante de pianos, que manda construir um palácio de grandiosidade assinado para a sua indústria, e que, entretanto, cada manhã ainda segura a mangueira de sua bomba, para lavar, com a sua máquina, a frente de sua casa. Encantam-no, sobre tudo, as moças americanas — "as mais formosas e amáveis

moças do mundo, excetuadas, está visto, as brasileiras". Nos labios de tais moças — nos de uma delas, ao menos — "o inglês parece suavíssimo italiano". E o tentador acena com tantos encantos para aquele em cuja alma os venenos do futuro D. Casmurro já se andavam derramando: — "Vale a pena ver estes milagres, meu Machado de Assis. Faze por mim". D. Casmurro admira Capitu e se retrai ainda mais, na sua concha de misantropia... Salvador continua a envir a melodia divina daquela inglesa que em certos lábios é mais suave que o manto suave dos Italianos... Eis-lhe que poucos meses depois, D. Casmurro é surpreendido com uma noticia sensacional: o amigo, que daqui saira vivo, está novo! Sim: mas a noticia é privativa, é unicamente para ele. A dois amigos, além de Machado de Assis, poderia o coração efusivo do noivo levar a informação de sua ventura incomparável: eram Quintino Bocaiuva e Blest Gana. A Blest Gana fica Machado de Assis autorizado a contar a história do enternecido idílio americano: contando que lhe imponha também a mais absoluta discrição. A Quintino, porém, o melhor não pode dizer: ele é jornalista, e há perigo de dar com a língua nos prelos... Vem entanto a longa, a infinita, a maravilhada descrição — a descrição que se estende por quase dez páginas — do namorado e do noivado. Salvador está noivo de Mary Redman. É uma escritora de talento, que lhe tem publicado dois volumes de poesia e que colabora em excelentes revistas do país. Sua família é de gente há muitos anos lustre nas letras. Sua mãe sempre o trouxe à boa e severa sociedade de Boston. Seu irmão, John Redman, é um dos mais brilhantes jornalistas do Oeste, e no momento em que Salvador se aproxima de sua ardorosa campanha contra a corrupção do governo de S. Luis, Salvador se derrama, deslumbrado, sobre o ouvido do amigo. Qual a inspiração frívola do sorriso de D. Casmurro, quando ouve aquele trecho da intimidade do amigo: "Mary é realmente umente excepcional: uma mulher assim como uma Minerva, com capacete e lanca, partidos no nosso encontro de Augusta; deposita a armadura, ficou a sabedoria, e a mulher, bem mulher, bem anjo..."

— Não me achas plegas, não o sou! Estou o mesmo homem, entusiasmado, aprimorado, mas calmo e prudente!...

Machado de Assis recebe o transbordamento dessa ternura de nôvo e escreve a Salvador uma carta de felicitações: "Miss Mary namorou-se de teus olhos de coroa. Quando lhe isto, reconheci que nunca me engava a respeito de teus olhos, tu mesmo não sabes talvez o que elas valem..."

Que pena, não possuiriamos a carta em que, poucos anos antes, D. Casmurro teria contado a Salvador a história do seu idílio com Carolina. E como, comparando a carta de Salvador, que acaba de citar com a carta de Machado de Assis que acabou de imaginar, poderíamos ter um precioso esclarecimento sobre o procedimento desses dois homens, na ocasião em que se encontravam no maior perigo: os exercícios anti-intelectuais — o de fazerem confidências sobre assuntos de amor.

## PROSSEGUIMENTO DE TRABALHOS

E prosseguem os fecundos trabalhos do consul geral do Brasil em Nova York.

Ele emprende esforços no sentido da criação de uma

## O RECONHECIMENTO DA REPÚBLICA

Em Julho de 1889, S. M. o Dr. de Mendonça deixou a carreira consular e entrou para a carreira diplomática, sendo nomeado Embaixador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Missão Especial nos Estados Unidos e Delegado do Brasil à Primeira Conferência Interamericana. A missão teve como chefe Lafayette Rodrigues Pereira. De lá, também faz parte Amaral Valentim.

Pouco mais de um mês lhe que se havia instalado a Convenção, quando foi proclamada a República no Brasil. Quintino Bocaiuva, ministro do Exterior do novo regime, renoveu, sem demora, os poderes do Ministro Especial. Lafayette Rodrigues permaneceu terminantemente o seu cargo, Salvador de Mendonça assumiu, nessa conjuntura, as matérias responsabilidades, que passavam sobre os ombros da representação brasileira em Washington. E passou-se em campo em prol da República, em prol do Brasil. Ele próprio despojou, contudo-nos qual foi, a sua atividade nesse momento crítico da vida de sua pátria. No dia 19 de novembro, quinto dia depois da proclamação, Salvador vai à casa do secretário de Estado James G. Blaine, seu amigo. De já sai com a alma jubilosa, pois sente que todo a simpatia está com o Brasil republicano. Logo, telegrafou a Quintino, comunicando-lhe que pode obter sem demora o reconhecimento formal da República. Quintino responde com um telegrama frio, capaz de calar todos os entusiasmos: eu, quando que esse reconhecimento já tinha sido feito. Salvador nos esclarece aterado: engano do primeiro ministro das Relações Exteriores da República. E que o secretário Blaine havia já solicitado ao governo brasileiro, por intermédio do ministro norteamericano no Rio, a renovação dos poderes da Missão Especial. A Quintino acreditava que essa demarcação importava um reconhecimento implícito do novo governo de Pedro II. Além disso, Robert Adams, ministro dos Estados Unidos no Rio, declarou formalmente a Quintino que o governo americano reconhecia o governo do Brasil.

Entretanto, em Washington, as coisas se iam apresentando bem mais difíceis do que o princípio pareciam. Blaine telefonava a Salvador que o ministro Adams se excedera nas negociações que tinha recebido. De já saía com um companheiro, que, no cabo de alguns dias, não resistindo à fome, morreia. Errara no mar, à margem de destino, sem dar acordo de si, na sua jangada perdida... Nas suas situações que fora encontrado. Agora, só esperava um milagre de Deus, que tornasse possível aos seus olhos verem ainda uma vez a sua mãe, que estava tão distante...

Comoveu-se Salvador diante daquela eloquência simples, clara, tão saída do coração. E procurou ajudar o infeliz. Remeteu-o para o Rio, com passaporte de passageiro, fazendo-o prometer que não saltaria no Recife. E escreveu um ofício para o oficial da polícia na capital brasileira, recomendando que conduzisse o portador à presença do chefe da Polícia da Corte. Escreveu; e também, intercedendo pelo prisioneiro, ao Chefe da Polícia e ao Conselheiro Lafayette, que era ministro da Justiça.

Manuel Gomes da Silva cumpriu a sua palavra. Passou pelo porto do Recife e não tentou saltar. Chegou ao Rio. Tudo fez como Salvador lhe tinha recomendado. Meses depois, recebeu ele em Nova York uma carta em que o homem lhe mandava dizer que se encontrava de novo no presídio, depois de ter conseguido abraçar a velha mãe...

e dela ouviu que os Estados

# Império e da República - Mucio Leão

Unidos se encontravam dispostos a reconhecer imediatamente o novo regime do Brasil.

Na, sobre esse assunto, no arquivo de Salvador de Mendonça, abundantes documentos, que mostram a atuação patriótica do nosso representante em Washington, naquele momento. Em sua *Situação Internacional do Brasil* estão reproduzidos alguns desses documentos. Dando conta de uma carta de Blaine, em que os grandes serviços do nosso representante eram postos em destaque, Coolidge escrevia a Salvador de Mendonça: "Contingui-me convosco pelo vosso sucesso em obter o reconhecimento da nova República, e em relação a isso incluo uma carta que acabo de receber do secretário Blaine, e como ela registra um importante evento na história da vossa pátria e dos Mendonça, penso que esclarecê-la possa, para arquivá-la com os papéis de família". Em certo trecho dessa preziosa carta dizia Blaine: "Depois de fazer uma resenha de fatos com o doulor (Salvador) e atendendo aos seus persuasivos argumentos, ofereci-lhe arranjar o seu recebimento na Casa Branca como representante da nova República, tão depressa como os discursos pudessem ser preparados". E depois: "Todo o negócio correu com prontidão, e uma grande parte do mérito pertence ao dr. Mendonça, que deu provas de extraordinária capacidade".

Entretanto, não foi Salvador de Mendonça o primeiro ministro brasileiro acreditado pela República junto ao governo de Washington. Esse posto coube a Amaral Valente, que era quem tinha credenciais para a Missão Ordinária.

## A PRIMEIRA CONFERÊNCIA PAN-AMERICANA

Continuam os trabalhos da Primeira Conferência Pan-Americana, e pesam sobre os ombros de Salvador tarefas exaustivas. Foi ele membro de várias comissões e entre estas da executiva. Foi convidado por todas aquelas a que não pertencia a tomar parte nas deliberações. Redigiu ou sugeriu, em seu próprio, metade dos pareceres apresentados à Conferência.

A Primeira Conferência Pan-Americana deixou dois frutos de maior importância: o reconhecimento do arbitramento obrigatório e a abolição do direito de conquista.

A tese do arbitramento obrigatório nasceu das duas delegações, a brasileira e argentina. Para tratar do assunto, Salvador convocou Sacas Peña e Manuel Quintana, representantes da Argentina, e Amaral Valente, seu companheiro da representação brasileira. A reunião dos quatro ocorreu em casa de Sacas Peña. Assentada a doutrina, redigido o projeto, deram os quatro diplomatas conhecimento do assunto às delegações. Logo surgiram discordâncias, por parte do México e por parte do Chile. A maior discordância, porém, surgiu da parte dos Estados Unidos, que, contra a tese argentina-brasileira, achavam que a proibição da conquista devia ficar separada do arbitramento obrigatório. Nessa dificuldade, foi Salvador de Mendonça encarregado pelos seus companheiros de representação latino-americana de ter uma entrevista com o secretário Blaine, afim de ver se o convencia a vir para o ponto de vista dos demais países continentais, isto é, se consentia em que as duas teses fossem apresentadas num só projeto.

Dirigiu-se o nosso patriota à secretaria, e, recebido por ele, expôs o negocito a que República em nossa terra...

Blaine o ouvia, fria e imperturbavelmente.

Quando Salvador chegou a certo ponto da exposição de suas razões, ao dizer que os Estados Unidos, se não conseguissem com os outros países americanos, iam perder a situação privilegiada que tinham desfrutado até então, a do serem o porta-estandarte das idéias liberais do continente — Blaine teve um subito gesto de incômodo. Ergueu-se, e, estendendo as mãos para a frente, arremessou ao chão diante do representante do Brasil, caixas de papel, tinteiro, pesos, livros, tudo o que havia em cima da mesa. Salvador conservou-se calmo, sentado no lugar em que estava. E parecia-lhe ver no rosto de Blaine um sorriso imperceptível... Veio um criado, apinhado o que estava jogado ao chão... Agora Salvador comentava: "Contou-me mais tarde um membro da delegação norte-americana que, dias antes, saíndo o secretário de Estado que sir Julian Pauncefate, então ministro e depois embaixador da Inglaterra em Washington, lhe ia ler uma nota um tanto ácida de Lord Salisbury, acerca da questão do mar de Beiring, tivera o mesmo movimento de irritação, com o subsequente prazer de ver o ministro inglês, que era alto e corpulento, de gatinhas a apanhá-las, apanhar os objetos caídos. Ora, um ministro de quatro pesas perde necessariamente toda a dignidade para a leitura de uma nota reprimatória. Foi o que então sucedeu com sir Julian, que se limitou a deixar com o secretário Blaine cópia da nota que trouxera para ler".

Esse ano de 1890 o vê empenhado nos trabalhos da criação da Câmara International das Repúblicas Americanas o que chamamos hoje União Pan-Americana. E o vê também empenhado, juntamente com o secretário Blaine, no mais poético de os sonhos dos internacionalistas americanos — a criação de uma Dieta Continental.

## A ATUAÇÃO DE SALVADOR DE MENDONÇA EM 1893

Finda a Missão Especial em 1890, é Salvador de Mendonça nomeado ministro plenipotenciário em Washington.

Empreende-se desde logo em áspéros trabalhos — como o da assinatura do Convênio Aditivo, o da compra da prata que lhe traria tantas amarguras.

Em certo dia de 1892, seu amigo particular, o secretário Blaine, manda chamá-lo à sua casa. Salvador atende ao convite, e Blaine lhe conta aí uma coisa grave que deve descrever todo o seu interesse. Faz que tem chegado à chancelaria dos Estados Unidos, de duas fontes diversas, notícias de que em cortes europeias está sendo tramada a restauração da Monarquia no Brasil... Uma dessas fontes contava que um dos mais eminentes políticos da Monarquia brasileira fora à Europa e lá se avisava com a confessa d'El, proporcional que abdicasse os seus direitos ao trono do Brasil na pessoa do seu filho mais velho, o qual, afé chegar à maioridade, ficaria sob a regência de um ou de mais de um brasileiro, representante de cortes europeias, interessadas na reimplantação da Monarquia em nosso país. Salvador faz sentir ao secretário Gresham a inconveniência que há em que o ministro Thompson permaneça no Rio de Janeiro. E ele é mandado seu demora para a sede do governo federal.

Salvador acerta com Blaine algumas medidas que em tal momento devem ser tomadas em defesa da preservação da República Brasileira: que em sua mensagem ao Congresso o presidente americano aplauda mais uma vez a manutenção da

que o governo dos Estados Unidos faça sentir às cortes europeias o desagrado com que ve- rá qualquer pessoa real empreender viagem para o nosso país... que o governo da grande nação vinda uma esquadra ao governo do Brasil...

Nessa ocasião manda ele a Fernando Lobo, ministro das Relações Exteriores, um telegrama expressivo: "Quereis apoio deste governo contra maiores restauradores; quereis nova mensagem governo americano ao nosso; quereis nota monarca a Europa; quereis esquadra das portas de Washington para a África. E amava os Estados Unidos, cujo povo compreendia, cuja civilização lhe parecia ser um dos maiores milagres ainda realizados pelo homem. E ali frua uma situação privilegiada. Oliveira Lima, que o viu em Washington, que com ele serviu ali, dá-nos o seu depoimento eloquente: "Salvador de Mendonça conhecia admiravelmente os Estados Unidos, porque penetrava no caráter nacional com o instrumento agudo de sua simpatia. Anos de residência em Nova York, quando essa metrópole ainda não dissolvera sua cultura literária e artística num excessivo cosmopolitismo, que chega para abafar o tradicional predominio de Tammany Hall com sua corrupção política de tonalidade irlandesa; o casamento com americana; seu natural bondoso, que o despia de preconceitos, eram outras tantas circunstâncias que o levavam a querer sinceramente o país onde viveu um quarto de século e que queria ver associado ao seu mesmo porque no seu conceito era preciso amarrar o touro pelas lagoas do afeto pelas obrigações dos tratados, enquanto ele, entrando algum dia em fúria, não descobrisse a sua

autor dos "Lusitâos". E um pouco sob o signo desse rei da língua portuguesa que ele coloca o seu espírito de humanidade e de homem de letres.

Em Portugal, porém, pouco tempo logo ficou Salvador de Mendonça: o Senado da República, reunido em sessão secreta, desaprovou a sua remoção de Washington para Lisboa. Em consequência disso, viu-se ele exonerado de um dia para outro, do seu cargo diplomático.

"Assim tratava a República Brasileira um dos seus grandes servidores — aquele que nas colunas do "Piranga" doutrinava os credos novos em 1867; aquele que em 1870 redigiu parte do Manifesto em que Hickman corporificadas as novas idéias; aquele que em Washington velava, como um soldado intrépido, pelo bem estar e pela tranquilidade de sua pátria...

## A REMOÇÃO PARA LISBOA

Ao começar o ano de 1893, tem Salvador uma das grandes decepções de sua vida: a de ser removido da legação de Washington para a de Lisboa. Ele amava os Estados Unidos, cujo povo compreendia, cuja civilização lhe parecia ser um dos maiores milagres ainda realizados pelo homem. E ali frua uma situação privilegiada. Oliveira Lima, que o viu em Washington, que com ele serviu ali, dá-nos o seu depoimento eloquente: "Salvador de Mendonça conhecia admiravelmente os Estados Unidos, porque penetrava no caráter nacional com o instrumento agudo de sua simpatia. Anos de residência em Nova York, quando essa metrópole ainda não dissolvera sua cultura literária e artística num excessivo cosmopolitismo, que chega para abafar o tradicional predominio de Tammany Hall com sua corrupção política de tonalidade irlandesa; o casamento com americana; seu natural bondoso, que o despia de preconceitos, eram outras tantas circunstâncias que o levavam a querer sinceramente o país onde viveu um quarto de século e que queria ver associado ao seu mesmo porque no seu conceito era preciso amarrar o touro pelas lagoas do afeto pelas obrigações dos tratados, enquanto ele, entrando algum dia em fúria, não descobrisse a sua

A LUTA PELO SEU DIREITO

Alma destemida, que não conhece enfraquecimentos. Salvador de Mendonça vem para o Brasil, afim de lutar contra a cruel postergação dos seus direitos. Sua primeira esperança é Campos Sales, mas essa em breve se desfaz. Com a vinda de Rodrigues Alves, seu discípulo em 1865, no Colégio Pedro II, vem sua segunda esperança... E a Rodrigues Alves o Rio Branco estava reservada a tarefa de fazer justiça ao velho lutador.

E de setembro de 1903 o decreto em que ele foi considerado em disponibilidade desde 30 de setembro de 1898, e manda-o continuar a fazer parte do quadro diplomático entre os funcionários de sua categoria.

## SALVADOR DE MENDONÇA E SAENS PENA

Aqui valeria a pena transcrever dois documentos que merecem ter a maior significação na reconstituição da vida de diplomata de Salvador de Mendonça. São as duas cartas, trocadas por ele e Saens Pena.

Em 1910, estava Salvador aposentado, morando na sua chácara da Gávea, quando veio ao Brasil o presidente argentino, que tinha sido seu companheiro na representação da Primeira Conferência Pan-Americana. Salvador, que não esteve com Sacas Peña no Rio, lhe escreve, logo que ele se ausentou, a seguinte carta:

"Meu ilustre e prezado amigo...

Aguardei o termo das longas conferências acerca de negócios de Estado para ir com minha senhora visitar a v. excia. e a s. s. exmas. senhora e filha.

Nos dois últimos dias, porém, de sua estadia nesta cidade, incômodos de saúde vedaram-me de sair, e vi com muita alegria ver-se v. excia. sem poder levar-lhe minhas congratulações. A leitura, porém, do seu discurso no Itamaraty fez ressurgir em mim a lembrança do amigo de há vinte anos.

Estávamos em Washington, como delegados à Primeira Conferência International Pan-Americana. A República brasileira não tinha ainda um mês de nascida. As instruções imperiais, que recebera a delegação do Brasil, eram infensas ao arbitramento obrigatório e à criação de tribunais arbitrais permanentes. Perguntei a Quintino Bocaiuva, meu velho companheiro de propaganda política e então ministro do Governo Právissimo, se podia dar interpretação republicana às instruções do Império, tendo sem dúvida recebido seu pleno assentimento, convidei a vossa excia. e a Manuel Quintana para apresentarmos conjuntamente as delegações argentina e brasileira, o projeto de arbitramento, o mais impor-

A EXONERAÇÃO

Embora com a alma transbordante de saudades dos Estados Unidos, Salvador de Mendonça levaria certa consolação para Lisboa: ia para a terra em que estavam as mais fundas raizes do seu espírito, a terra em que tinham florido os velhos clássicos que ele tanto amava. Ia, sobretudo, para a terra de Camões. O grande poeta foi um dos cultos permanentes do escritor brasileiro. O discurso de recepção a Oliveira Lima, na Academia, Salvador o diplomática do Brasil, e roca-

(Continua na página seguinte)

# O ESFORÇADO DIPLOMATA DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA

(Continuação da página anterior) tante de todo o programa da Conferência.

A satisfação com que por v. excia, e Quintana foi recebido o meu convite demonstrou-me, para logo, os vossos sentimentos de amizade para com o Brasil. V. excia convidou-nos, a mim e a Amaral Valente, meu companheiro de delegação, para nos reunirmos em sua casa no dia seguinte, e, ai, Manoel Quintana e eu redigimos, de uma assentada, em espanhol, português e inglês, o projeto de arbitramento obrigatório, que as nossas delegações apresentaram à conferência no dia 14 de dezembro de 1889, e que, depois das vicissitudes que conheceu e em que as duas delegações argentina e brasileira procederam sempre com o acordo e mais leal, foi aprovado quase sem modificação pelas quase unanimidades de votos das nações presentes, cuja maioria, acompanhando-nos com inteira confiança, conseguiu a adesão dos Estados Unidos, a princípio infenso ao artigo que abolia o chamado direito de conquista.

Estávamos meio século adiante do nosso tempo. Desde então tem sido para trás todos os passos dados na senda que desbravamos, e as subsequentes Conferências Pan-Americanas parece terem tido medo da obra que iniciamos. O arbitramento obrigatório, entretanto, teve ali a sua consagração internacional e, na primeira Constituição Republicana, que se lhe seguiu, um jovem democrata, Nilo Pecanha, obteve que esse princípio e a abolição da conquista fossem homologados pelo pacto fundamental da República dos Estados Unidos do Brasil.

Com exceção dos dois que já responderam à última chamada, quis o destino comum de nossas duas pátrias e a melhor orientação da nossa política internacional que em terra brasileira se reunissem há pouco todos os colaboradores dessa página da história — v. excia, presidente eleito da República Argentina — Nilo Pecanha, presidente da República dos Estados Unidos do Brasil — Quintino Bocaiuva, presidente do Senado Brasileiro, e, eu, o mal humilde dos admiradores de v. excia.

Se os dois últimos, por motivo de enfermidade, não puderam cerrar a mão a v. excia, sei que guardam a memória de sua leal amizade à nossa pátria. Foi o que me fez lembrar o seu discurso do Itamarati, cuja sinceridade transborda de um coração amigo na frase espontânea e fluente. Por ele lhe envio daí o aperto de mão do companheiro de armas dessa jornada de há vinte anos.

Queira v. excia, aceitar para si e para s. s. exmas, sra. e filha as saudações amistosas de minha família e minhas, com os votos mais fervorosos pela felicidade da sua futura administração e pela sua prosperidade pessoal.

De v. excia, velho amigo e admirador.

## Salvador de Mendonça

A essa carta respondeu Saenz Peña:

"Meu distinto e estimado amigo.

Tive o maior prazer em ler a sua amável carta e lastimou as razões que me impediram de receber sua visita no Rio de Janeiro, durante a minha recente estadia, fazendo muitos sinceros votos pelo completo restabelecimento de sua saúde.

Não podia v. excia, haver evocado recordação mais grata para mim do que a nossa situação comum na Conferência de Washington, quando, conjuntamente com o meu grande e ilustre amigo, o dr. Manoel Quintana, lutávamos em prol do princípio da arbitragem.

A cooperação das duas delegações, argentina e brasileira,

a que v. excia, se refere, foi nessa circunstância memorável, como o é hoje e o será sempre, a imposição de destinos comuns, e de um mesmo ideal de paz e de grandeza para os nossos países.

Os anos tem passado para nós outros, nós que iniciamos o amparo a aspirações semelhantes e com a mesma visão do porvir dessa realização humanitária, mas não passaram para a obra empreendida, que requer sempre a dedicação dos dirigentes de ambos os países.

Hoje, como naquela ocasião,

um convencido de que a amistosa cooperação de argentinos e brasileiros é a maior garantia de paz e prosperidade do nosso continente e de que a isso deve tender o nosso esforço comum.

Avalio em todo o seu alcance

a adesão de homens como v. excia, a estas aspirações e muito lhe agradeço os termos em que a exprime, assim como os votos que formula por meu país e por minha pessoa.

Minha senhora e minha filha retribuem reconhecidas seus atenciosos cumprimentos e eu lhe rogo apresentar as minhas respeitosas saudações a sua distinta família, aceitando v. excia as expressões da mais distinta consideração e estima pessoal de

seu admirador, e amo.

Roque Saenz Peña"

## COMO O VARÃO DA TERRA DE HUS

Apostado em sua carreira diplomática, dedicado unicamente aos seus amigos, aos seus parentes, aos seus livros, à sua Academia, às suas rosas, viveu Salvador de Mendonça desde então na sua chácara na Gávea.

Em breve a moléstia dos olhos que vinha gradativamente se acentuando, lhe roubou de todos a luta de vista. O velho Salvador, doce e resignado, não manifestou revoltas nem ódios contra o destino, que de maneira tão cruel o castigava.

Como o paciente varão de Hus, ele sabia talvez que o sofrimento nem sempre é um mal, e compreendia que a mão benigna daquele que fez os muros e fez os homens muita vez manifesta a sua predileção ferindo o espírito e a carne dos seus filhos...

## A ATUALIDADE DE SALVADOR MENDONÇA

Agora, encerrando esta palestra, creio que poderemos caracterizar a atuação de Salvador de Mendonça, como tendo sido a de um ardente americanista. Foi ele um campeão do Americanismo desde sempre, desde, por exemplo, a Conferência Monetária Internacional, de 1891.

Noque momento o secretário Blaize mandava que os Estados Unidos apolassem toda e qualquer proposta apresentada pelo diplomata brasileiro, pois sabia que o governo norte-americano não tinha melhor amigo do que o delegado do Brasil, "único em cujas mãos podia deixar a solução das questões, certo de que a dignidade das duas grandes Repúblicas seria zelosamente guardada". (Arquivo do Itamarati. Documentos de Salvador de Mendonça).

Esse sentimento de americanismo é, porém, esclarecido e ativo.

Baseia-se num ideal de absoluta igualdade, de total confraternização, entre os vários povos do continente.

E nessa confraternização e nessa igualdade encontra as garantias de uma intangível integridade continental. E' o que o próprio Salvador diz, em palavras que parecem escritas para o momento histórico que estamos vivendo. "Não há uma só das nações sul-americanas que se possa julgar a coberto das ameaças e das violências das grandes potências, que cada vez mais parecem com bandos armados dispostos a calcarem tarcava tanto.

## O folheto "Regeneração." O primeiro dinheiro ganho.

### Salvador de Mendonça

No auge da efervescência das paixões políticas agitadas nesta cidade pelo lenço branco de Theophilo Ottoni, escrevi um opúsculo com exageros próprios da ocasião e da idade. Fui esperar, a saída da Câmara dos Deputados, Feliz da Cunha, e, em caminho entramos no "paiz da pôrpora" do velho Cesar, no "Correio Mercantil", para ai termos o escrito. O velho Cesar, está visto, postou-se à porta, ouviu a leitura, e, ao fim dela, festejando seus elogios aos de Feliz da Cunha, disse-me: — "Isso está parecido com o que escrevia o Timandro antes de virar a casaca. Você trazia isto aqui para a folha?" Acenei-lhe afirmativamente. — "Pois não faga isto. Mande imprimir em folheto, que eu lhe venderia isto como canela aqui no balcão".

Segui-lhe o conselho. Fui à Tipografia Lisboense, à rua do Hospício, e encorrei com urgência uma edição de 500 exemplares da "Regeneração", por Demófilo. Quatro dias depois, levi o velho Cesar 200 exemplares prontos e brochados, que ele anunciou e no dia seguinte tinha todos vendidos. Pediu mais. Fiz-me elevar a edição a 2.000. E no fim do mês, descontada apenas a despesa com anúncios, entreguei-me perdo de um conto de réis, principia paga que recebi por trabalho literário.

sob as patas da sua cavalaria invasora e a rasgarem a tiros de canhão os artigos mais sagrados do direito das gentes". Assim se pronunciava ele, e dava o seu claro conselho, que seria de uma evidência fácil e até vulgar, mas que convém ser sempre repetido: "A comum prudência aconselha que, sem perda de tempo, não dispersemos muito e isoladamente os nossos esforços, mas tratemos de nos reunir sob o pensamento comum da defesa de nossa integridade".

Ai estão palavras de certo muito oportunas. E palavras que poderiam ser consideradas a sintese dessa política internacional, tão sabiamente seguida pelo Brasil de hoje, a sintese dessa política da mais ampla cooperação do continente. E tal orientação, meus senhores, não é mais a simples manifestação da tendência individual de alguns homens de boa vontade, mas um imperativo dos próprios destinos do mundo, na hora que passa.

Salvador de Mendonça, que possui essa intuição sutil, que parece ter presentido os anelos máximos do nosso país, no que se referia à sua vida com os outros povos americanos, tem hoje uma extrema atualidade.

Nesta casa, onde pairam ainda as grandes sombras de um Rio Branco e de um Joaquim Nabuco, onde se guardam as recordações vivas de tantos nomes tutelares da pátria; neste casa, em que o pulso poderoso de um homem de Estado dos mais capazes que o nosso país tem tido, como é o sr. ministro Oavalo Aranha, vai conduzindo o Brasil nos rumos seguros; nesta casa, digo-vos agora, foi para mim um grande prazer recordar convosco a figura de Salvador de Mendonça.

Sentimos que devemos a esse velho diplomata brasileiro alguma coisa mais do que essas frases e sumaríssimas notas biográficas, que ele tem merecido, aqui e ali, em um ou outro dicionário mais benévolos. Deve-lhe, sim, um, um testemunho de gratidão e de carinho, pela sua obra de compreensão do Brasil, de patriotismo sincero, nunca adormecido.

E' essa justiça que, começo agora a ser-lhe feita. Eu tive grande satisfação em ser um dos pregoeiros dessa justiça que

## Salvador de Mendonça nas palavras de Bernardino de Campos

Nós vivemos em um país onde a faculdade da memória está há muito tempo abolida.

E essa lamentável obliteração não motiva apenas esquecimento, contradições dos homens em evidência — arrogância, também, ao desprezo cruel e ao ostracismo injusto voltos laurados por incalculáveis serviços à causa pública.

A notoriedade e as aclamações só atingem, agora, excepcional e transitoriamente, os espetaculos e os nulos que lisonjam pelo escândalo o senso embotado das turbas.

Os outros, os de real merecimento, os que se sacrificam por um ideal, os que consumiram o melhor das suas energias no apostolado e no triunfo dos grandes princípios e das grandes instituições liberais, os que se fizeram inválidos no labor da República — esses desfazem por ali, escarneados e indigentes, privados do conceito e das honrarias que, por justiça, só a eles deveriam caber ao termo de uma existência gloriosa constituída de virtudes cívicas, de rasgos de abnegação e de altos meritos de patriotismo.

Salvador de Mendonça foi uma das nobres vítimas dessa dolorosa ingratidão contemporânea.

Pionero das idéias democráticas no Brasil, ele firmou o inovador evangelho de 1870, que congregou em torno do Júlio Barreto republicano o primeiro número de iluminados, dispostos a ensiná-lo, pela palavra, pelo voto, a velha fortaleza do trono braganhino.

Estabelecer o regime, em cuja fundação cooperou com a tenacidade do seu doutrinamento, rasado em sedutora erudição e erudição forma literária, a sua combatividade proseguiu inédita e rara vez sobreizando ao esforço de muitos que suportaram, com o rótulo de benemérito e de cabos em punho para colher os frutos da situação que o seu privilégio engajava nujorada a consolidar.

No desredo de v. excia, o velho e arguto diplomata não pôde evadir o seu rude e vulgare sarcasmo a estes contra-sensos e absurdos da nossa maçonaria política, invadida pelas mediocridades e governadas pelos traficantes de todos os naipes.

Durante a revolta de 6 de setembro, Salvador foi um agente providencial na defesa da legalidade e momento honre em que a sua ação nos Estados Unidos interfez vitoriosamente em prol da Constituição e do governo de Floriano Peixoto, que simbolizava então a resistência energica da República contra as veleidades da restauração imperialista propagada por Saldanha da Gama.

Isso deve ser dito na hora em que ele tomba, já de vade invançável mas com o coração ainda cheio da pureza das convicções e do amor ao regime que o acompanharam desde a mocidade.

Cultuar-lhe a memória é um modo de formularmos o nosso protesto contra o anátema injusto lançado aos maiores servidores da República.

## Uma preciosidade do arquivo de Salvador de Mendonça

### Um ofício do governo da Venezuela

Em data de 3 de Maio de 1890, patia para o apelo, que, aos senhores ministros venezuelano em Washington, sr. Bolet Peraza, e aos seus irmãos das três Américas durante o mais grave conflito em que já se empenhou sua soberania".

"Senhor.

O presidente da Venezuela, desejando dar um testemunho do muito que aprecia os nobres trabalhos que realizou a Conferência Interamericana Americana em benefício da paz, da fraternidade e da prosperidade das repúblicas do Novo Mundo, respondeu, com a aprovação do Conselho Federal, concedor-lhe o diploma da ordem do Busto do Libertador.

Não tem a Venezuela mais preciosos galardões do que esse, que representa a sua glória mais resplendente, e poucas ocasiões se lhe oferecerão tão propícias para concedê-lhe dignamente como na atual circunstância, em que com ele premia serviços que beneficiam a todo o Continente, sendo a todo a Humanidade.

Se emocionado já me sentia na hora que meu governo houvera por bem fazer-me a escolher para representá-lo na memorável Conferência, duvidamente o estou, agora, quando me distinguem com o encargo de formular umcompanheiro daqueles nobíssimos trabalhos a gratidão da minha pátria.

As por em vossa mão o Diploma da Ordem do Busto do Libertador não pacio em assegurar-vos que Venezuela não esquecerá jamais que o Brasil, tão dignamente representado por v. na Conferência, correu com o seu voto de sim-

## CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

### Carta de Silvio Romero a Salvador de Mendonça

"Venho pedir-lhe licença para ter paciência comigo e compreender que lhe faça um pedido, ó ilustre poeta e romancista. Espero que me perdoará a inconveniência que porventura cometa. Mas recebi de pessoa amiga a missão de lhe falar, muito à puridade, para que o meu bom amigo não faça guerra declarada e positiva à pretensão do Lauro Muller à Academia de Letras. Se o meu nobre chefe pudesse votar, melhor seria; mas, ao menos, não é combate. Espero de sua amiga declarada gentileza que me fará a vontade, obrigando cada vez mais este seu muito antigo admirador e amigo — Silvio Romero.

# A CORRESPONDÊNCIA DE SALVADOR DE MENDONÇA COM MACHADO DE ASSIS

mendado. Recebeu-me o dr. Alfredo Maia com tamanha benevolência que, conhecendo, como julgo conhecer, a sinceridade de um caráter, seria ingratidão de minha parte supor que esqueceria meu pedido. Mas o que realmente receio é que, depois de haver o Ministro mandado fazer a remoção, o sr. Vilhena, quer pela natural demora em formar a contradação, de maneira que o Paulo fizesse "balanço" defronte de Itaboraí, quer por motivos não menos naturais, quais as diferenças de clímas e consequentemente de costumes do Maranhão e do Rio de Janeiro, o sr. Vilhena, digo esteja mamparreando sem ciência do Ministro, que naturalmente também não sabe se a remoção, acho que não tem nenhuma de assinar, foi ou não feita. — Teu engenho, e principalmente tua amizade, não de descobrir o meio de acertar a contradação telegráfica e as temperaturas e temperamentos do Norte e do Sul. — Aqui estou com a senhora e as meninas a passar o inverno, ostensivamente preparando terras para o cultivo de baunilhas e ameixas-brancas, mas na verdade nua e crua para fugir da peste bubônica, não por medo, mas por prudência, coisas que não devemos contundir. —

Como estou na terra de um patrônio acadêmico, (1) que é também a minha, pois nascemos ambos nesta mesma cidade e rua, estou recolhendo quanto a tradição guardou aqui do autor da "Moreninha" e da "Nebulosa", para desempenharmos em nossa Academia, dando-lhe sínus boa critica literária, pelo menos a platura del de um caráter sério e sério (2). — Recomenda-nos a tua Exma Senhora e acredita-me sempre — Teu velho e afetuoso — Salvador de Mendonça.

(1) Joaquim Manuel de Macedo. — (2) Salvador não chegou a fazer o elogio do seu patrônio na Academia.

Itaboraí, 27 de junho, 1900.

Meu querido Machado de Assis. — Agradeço tua carta de ante-ontem e os passos que deste para a realização do desejo que nutria de ver removido para aqui como telegrafista meu sobrinho Paulo Mendonça. — Esta, porém, é escrita, não só para agradecer o interesse que tomou o Ministro, e que tomaste, no meu pedido, como também para dizer-te que desistio do pedido que fiz e comunicar esta minha desatenção ao dr. Alfredo Maia e ao sr. Vilhena. — A razão deste meu proceder, deixa-me dizer-te com a velha franqueza que entre nós cultivamos, é evitar que nas minhas costas se cometa clamorosa injustiça, clamorosa injustiça. — A pena, transformando-se em pântografo, até escreveu isto dobrado. — O modo igualmente satisfatório, por que o sr. Vilhena quer efetuar a remoção do Paulo para Itaboraí não me satisfaz a mim, antes viria amargurar-me, pois me faria instrumento involuntário da desgraça de numerosa família. Hoje fui informado aqui que a telegrafista de 3<sup>a</sup> classe, d. Marin Bezerra Antunes, mulher do telegrafista de 2<sup>a</sup> classe Alonso Antunes e ambas com exercícios igual, havia sido posta em disponibilidade. Este é evidentemente o primeiro passo para a demissão do marido ou sua remoção para alguma estação em que se não possa manter. E' preciso evitar isto, pois o casal Antunes tem muitos filhos, e se o marido é doente, a mu-

lher supre tão bem suas faltas que nemhuma queixa justa pode ter chegado ao sr. Diretor dos Telegrafos. — Quando pedi a remoção do Paulo, pedi também a de Antunes para Rio Bonito. Se o Diretor não quer fazer esta, o pedido para a primeira fica prejudicado. Alguém tinha de sair, e verdade, mas no caso do meu pedido seria o empregado de Rio Bonito, que o próprio Diretor disse uma vez a meu irmão João que era desonesto e estava subornado pelos jogadores de bicho daquela localidade. E nem penso que tenho andado pedindo que melhores a sorte do sobrinho, só porque o e: Paulo Mendonça tem sido empregado exemplar sem nota que o desbase; pelo contrário deu-lhe o Marechal Floriano a patente de tenente honorário do Exército por serviços de telegrafista, prestados na estação do Castelo durante a revolta. O Costelat sabe disto. — Sempre ten de coração — Salvador de Mendonça. (1).

(1) Vê-se adiante a carta de Machado a Salvador, em 6 de Março de 1904.

Itaboraí, 11 de agosto de 1900.

Meu querido Salvador. — Valia uma palavra, por falta de tempo e necessidade de não adiar para amanhã. O Vilhena esteve comigo, e disse-me que o negócio da transferência de meu sobrinho está concluído; creio que é só esperar alguns dias. Estimo que vais passando bem; eu não vou mal, e enquanto puder dar conta do trabalho, tudo irá bem. Domingo almoçei com o Lucio e outros amigos; foi uma festa alegre. Até a primeira, e não te esqueças de mim para o que for do teu serviço e amizade. Lembranças aos teus e um abraço de — Vélo am. — Machado de Assis.

(1) Cargo para o qual acabava de ser nomeado Lucio de Mendonça.

608 — "O par de bustos". — O Lucio é bem capaz de dizer que são meus. — Abraça-te — meu de coração — Salvador.

(1) Quintino Bocaiuva, presidente do Estado do Rio de Janeiro, cuja capital era, então, Petrópolis.

Rio, 14 de março de 1901.

Meu querido Salvador de Mendonça. — Esta carta já devia ter subido a Petrópolis; ainda assim não vai tarde de mala. Trata-se de pouco, e, ao que me parece, negócio sabido. O nosso colga da Academia, Oliveira Lima, antes de ir para o Japão tomar conta do lugar, tenciona vir aqui tomar conta da cadeira, cujo patrono é o Varnhagen. Segundo me escreveu de Londres, ele quisera que Você lhe respondesse, e para nós todos a festa seria maior. Podemos ficar certos disto? A designação oficial pode ser feita e publicada oportunamente? Eis a resposta que Você me mandaria, logo que entenda, assim de que tudo se prepare para a recepção. — A saúde como vai? Eu, na semana passada, tive dois dias de molho, mas aqui me sinto outra vez no gabinete. Não vejo há muito o Lucio; mandei-lhe ontem um cartão de cumprimentos ao Procurador Geral da República (1), com direção a Teresópolis, onde penso que continua. Minha mulher e eu recomendamo-nos à tua Exma. Consorte, e eu mando aqui dentro um abraço particular do — Vélo amigo — Machado de Assis.

(1) Cargo para o qual acabava de ser nomeado Lucio de Mendonça.

Petrópolis, 15 de março de 1901.

Meu querido Machado de Assis. — Chegou-me esta manhã tua carta com as duas perguntas, a que respondi, e com notícias, que agradeço. Escreveu-me o Oliveira Lima, de Londres, no mesmo sentido em que o fazes, e já lhe respondi a 9 deste mês que com prazer aceitava a incumbência, caso ele viesse e tivesse de ser recebido formalmente. Vés pois, que respondi agora afirmativamente às tuas perguntas: responderei ao discurso de Lima e oportunamente poder publicar como iremos na festa (1). — Disse-me alguém não me lembra quem, que os 40 instituidores, não só os presentes à primeira reunião (2), como os eleitos nela, entravam sem formalidade, tanto assim que eu assim entrei na sessão em que foi recebido o João Ribeiro (3). Vélo, porém, que o mesmo João Ribeiro e depois o Domício da Gama (4) constituem precedentes em sentido contrário. — Aconselhei o Lima, a quem muito quer, a ir primeiro tomar conta do posto, pois não estou muito certo de que tenhamos diante de nós tempos tranquilos, propícios aos trabalhos acadêmicos. Sei que ele pediu uma licença, pretende ir de Londres no fim deste mês e demorar-se em Paris, para assistir ao nascimento da sua história do reconhecimento do Imóvel, agora nos prelos da Casa Garnier; passar em Madrid algumas dias com a Irmã, senhora do ministro Beltrão, demorar-se algumas semanas em Lisboa junto da boa velhice sua mãe, e embarcar para aquí la para 20 de maio. — Recomendo-lhe que e que inquerisse cuidadosamente da saúde d'Erey Calé, que já tendo matado

no Brasil a monarquia, quando lhe tiraram os escravos, ficando-lhe os cafeeiros, as terras e os bons preços, é muito capaz de matar a república, quando os cafeeiros e as terras forem repartidos nas carteiras: apodrecidas dos bancos, e o melhor dos preços ficar nas carteiras americanas e europeus. Disse-lhe que se soubesse que o café cheava a \$8000, tomasse o rumo do Oriente, e deixasse, não em paz, mas entregue a seus destinos, o Poente. E em verdade te digo, e falo como vítima de muitas cartas do interior, eu não me arreco do hidra das praias (ja sabemos que não passa do vulgar jacaré dos brejos de Macaé ou Iguá, lascado no Arsenal de Marinha), o que temo, e muito seriamente, é que, como no vaticínio de Macbeth, as árvores se ponham a caminho. Como trabalhos na Agricultura deves saber disto melhor do que eu. Para mim temo que uma redução de 10 milhões esterlinas no valor total da nossa exportação da futura colheita de café, com a consequente redução da renda das alfândegas, e, no meio daquele bradeira geral, a diminuição dos próprios impostos de consumo, fazendo-nos voltar ao regime do pé no chão e à mandioca, ao milho, à galinha e aos porquinhos do sítio, traria a queda de quanto está de pé, embora de polos se tenha de por de pé coisa muito pior. — Estimei saber que já estavas bom do incômodo que te revete em casa dois dias. Outro tanto não te possa dizer. Por dormir umas noites em casa do Lucio, tive umas seções, que apesar de combatidas, deixaram-me como se fosse eu o vencido: debilitado e com fígado de ganso cevado. — Minha mulher e filhas comigo se recomendam muito a tua Exma. Senhora e a ti. — Abraça-te — Amigo velho, afetuoso admirador — Salvador de Mendonça.

P. S. — Lucio está ainda em Teresópolis, onde permanecerá o fim da 1<sup>a</sup> semana de abril.

(1) Oliveira Lima, eleito para a Academia na mesma sessão em que o foi Salvador, tomou posse de sua cadeira em sessão de 17 de junho de 1903, sendo, de fato, recebido por Salvador. — (2) A primeira sessão da Academia foi a 15 de dezembro de 1888 e os estatutos foram assinados em sessão de 26 de janeiro de 1887; nesta sessão que foram eleitos os dez acadêmicos que faltavam para completar os 40. — (3) João Ribeiro não foi sócio fundador, mas eleito na vaga de Luiz Guimaraes Junior, sessão de 8 de agosto de 1888. Foi recebido por José Verissimo em sessão de 26 de novembro desse ano. — (4) Domício foi um dos eleitos em 28 de janeiro de 1888; foi recebido em sessão de 1 de junho de 1900, por Lucio de Mendonça.

Petrópolis, Hotel Alexandra, julho 23, 1903.

Meu querido Machado de Assis. — Agradeço cordialmente teu telegrama: estiveste realmente em espírito comigo no dia de meus anos (1), pois a atmosfera de suave e terna amizade que me cercava, revelava-te tua presença. A tua exuberância, é hoje o amigo que há mais anos tenho, sempre o mesmo, bom e sincero. — Minha mulher e filhos comigo enviam a tua Exma. Senhora e a ti lembranças afetuosas. — Abraça-te estreitamente — Teu de coração — Salvador.

(1) Salvador nasceu a 21 de julho de 1841.

Rio, 6 de março de 1904.

Meu querido Salvador. — Envive ontem com o Campos (1). Ouvi-lhe que não podia responder logo, mas que em dois dias me mandaria recado à Secretaria. Não havendo objecção fará a transferência do Paulo. Até depois de amanhã. Nossos respeitos e muitas lembranças do — Machado de Assis.

(1) Cesar Campos, funcionário do Ministério da Viação. Veja-se a carta seguinte.

Rio, 9 de março de 1904. (Alás, 1904).

Meu querido Salvador de Mendonça — Estive com o Cesar Campos, que me mostrou a nota recolhida acerca das duas agências. Disse-me que já houvera pedido de transferência, e alegou que o serventuário de Rio Bonito já ali está há muitos anos. Propôs-me vir o Paulo para a Estação Central; disse-me que esperava a resposta. Não adiantei nada acerca da aposentadoria do outro, nem respondi afirmativamente acerca da vinda para cá. Fiquei de lhe dar resposta. — A meu ver, é melhor que Você escreva ao Lucio, como me disse. Ira assim mais direta e prontamente. Mande-me o que lhe parecer. — Adeus: desculpe a pressa com que esta carta é escrita, para subir hoje, sábado. Meus respeitos a Exma. Senhora, e mais um abraço do velho — Machado de Assis.

Cosme Velho, 21 de julho de 1904.

Meu querido Salvador. — Não quero que passe o dia de hoje sem cumprimentar-te, ainda que por letra, não podendo fazê-lo em pessoa. Tenho há muito minha mulher doente. Não quero, porém, que este dia de teus anos acabe sem mandar aqui um abraço de felicitações e saudade. — Outra felicitação e outra saudade vão aqui pelo teu discurso sobre João Caetano (1). Câ e lhe e rei e guardei; fizeste-me reviver dias passados compusseste a figura do nosso grande trágico, ele e o tempo, e que tempo! A gente nova de hoje achou fino gosto naquilo que pessoalmente lhe não recordou nada; viu a vida, a pessoa, o quadro, os sucessos, adivinhou a arte e o gênio que possuímos. Quando falaste do Paraná (2) e da amizade que o ligava a João Caetano, fizeste-me lembrar que o estadista morreu nos braços do ator, e que um poeta da Baía, ora esquecido (Manuel Peixoto da Silva), em poema que escreveu sobre o marquês, terminou a composição com estes dois versos:

E o gênio da política fenece  
Noz braços do imortal gênio da  
Icena.

Vi também através do discurso o perfil do nosso querido Muzzio (3). Também me lembrei, ao narrar a noite do ensaio do "Joana de Flandres", a festa da primeira representação desta ópera, quando tu, eu e tantos outros, cercando o Carlos Gomes, descemos em aclamações ali pela rua dos Ciganos (4) abaixo. Restámos ali uns e as lembranças que não acabam; dado que esmoreciam, ai está uma voz para as avivar com a velha alma sempre nova. — Adeus, meu querido Salvador; recomenda-me aos teus, e não esqueças o — Velho amigo — Machado de Assis.

(1) Discurso de Salvador, (Continua na página seguinte)

## A correspondência de Salvador de Mendonça com Machado de Assis

(Continuação da página anterior)

pronunciado na inauguração do Teatro João Caetano, em Niterói, nos 14 de julho de 1904, publicado no "Jornal do Comércio" de 17 desse mês. — (2) Horácio Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná. — (3) Henrique Cesar Muzzio, jornalista, companheiro de Machado e Salvador na redação do "Globo". — (4) Atual rua da Constituição.

• • •  
63, rua Itapagipe, 29 de julho, 1904.

Meu querido Machado de Assis. — Bem avalia quanto me comoveu tua boa e terna carta de felicitações e de recordações. Só com um abraço muito apertado poderei retruir-te toda a expressão de velha e sincera amizade que puseste naquelas linhas douradas pelo sol poente de tuas e minhas saudades. E bem certo que nem tu nem eu o trocaríamos pela mais esplêndida alvorada. Esse é o tesouro dos velhos, que só de corpo o têm e tem o privilégio de conservar a alma dos vinte anos. — Dá recomendações de minha mulher e minhas a tua Senhora e aceita-as para ti, com um abraço do — Teu velho e sincero — Salvador.

Preciso um dia destes avivar contigo memórias da Ópera Nacional, para o artigo "Carlos Gomes íntimo" que me pediu o "Jornal do Comércio". E não escarparás então de uns versos meus.

Rio, 28 de out. 1904.

Meu querido Salvador de Mendonça. — Já ontem recebi na igreja os teus pésames (1) e por teu intermédio os da tua boa esposa. Agradeço-os a ambos. O pouco trato que entre elas houve foi bastante para availarem o coração uma da outra. Eu, meu querido, estou ainda atordoado, pela imensidão do golpe, como pela injustiça que a feriu. Após trinta e cinco anos de casados é um preparo para a morte. — Teu velho am.º do coração — Machado de Assis.

(1) Pela morte da esposa, Dona Carolina, falecida aos 20 de outubro de 1904.

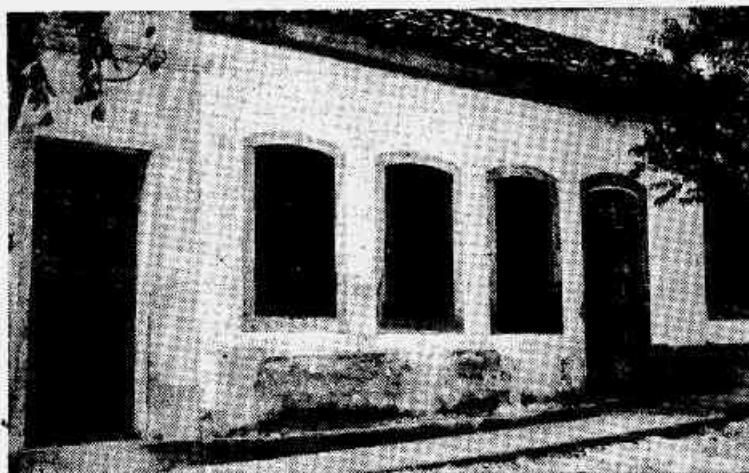
• • •  
23 de julho de 1907.

Meu querido Salvador. — A data vai errada, mas tu desculpas a falta de ontem; ainda é tempo de mandar um abraço pelo teu aniversário. Somos dois velhos companheiros, a quem o tempo poderá ter levado muita coisa, mas deixou sempre a afeição moça. Cumprimentos por mim tua Exma. Senhora e aos teus filhos, e continua a crer no — Teu do coração — Machado de Assis

• • •  
Hotel Balneario, Ipanema, juho 25, 1907.

Meu querido Machado de Assis. — Recebi ontem tua carta e teu abraço. A data é 21, mas para ti meus braços estão sempre abertos, como para um irmão. — Foi em 1857, do mês não me lembro, não houve talvez mês, pois eu passava quasi

## Em Itaborai, a cidade de Salvador de Mendonça



A casa em que nasceu Salvador de Mendonça, em Itaborai



Busto de Salvador de Mendonça, naquela cidade fluminense



A matriz de Itaborai, onde existem as duas telas do Dominguinho, doadas por Salvador de Mendonça

diariamente pelo largo do Rio, em caminho do Tautphous (1) para o Paula Britto (2), teatro de S. Pedro ou rua do Ouvidor: tinhas 18 anos e eu 16, começamos a querer-nos, com essa aféição que recor-das e que dura há meio século, sem uma nuvem, sem um arrufo, sem uma palavra se é capaz, outro par de amigos velhos que tenham sido assim amigos 50 anos! — Com lembranças de Maria e das meninas. — Sempre teu — Salvador de Mendonça.

(1) Barão de Tautphous, grande humanista e professor. — (2) Francisco de Paula Britto, livreiro estabelecido no largo do Rio, e em cuja casa era

## Salvador de Mendonça e a Política

De uma carta endereçada a Campos Sales:

"Se eu fosse homem dirigente, esmagava lenta e tenazmente os sebastianistas, não lhes dando trégua, nem quartel. Sei que os há convictos e os há por especulação ou mera ambição de poder. Pois bem, como o governo não pode entrar nessa discriminação, tem de exterminá-los a todos, indiscriminadamente, se não quiser morrer-lhes nas mãos, mais cedo ou mais tarde, pois no dia em que os monarquistas vencessem, considerar-se-iam na mesma posição em que estavam no dia 16 de novembro de

1889 se em vez da revolução fora o sr. Ouro Preto o vencedor.

"Moderado é coisa excelente em qualquer governo, mas em termos e bem entendida.

"Não deverá nunca provar fraqueza.

"A massa flutuante do povo, que ainda não ama a República, embora nunca tivesse amado a Monarquia, está à espera de ver se terá de temer e respeitar a República ou cobri-la de vãs e mofetas.

"Desde que não está em nossas mãos fazer que desde já a amem, é indispensável que a temam.

"Note você que não estou su-

## A paisagem de Itaborai - SALVADOR DE MENDONÇA

A leste do grande anfiteatro que circunda a baía do Rio de Janeiro, sobre o extremo de um contrafórmão da serra do mar, ergue-se a colina pitoresca em que hoje repousa a meio arborizada Itaborai, que, a semelhança dos antigos reis de Espanha — que quanto mais domínios perdiam, mais titulos acrescentavam a seus nomes — foi mais rica e florescente nos séculos XVIII e XIX, quando simples freguesia de Santo Antônio de Sá e depois vila e cabeça de município, até ser transformada pela República em cidade.

Do alto dessa colina avistam-se como muralha externa desse anfiteatro a serra dos Órgãos, a serra da Tijuca, o Corcovado, a linha de granito apolida no Pão de Açúcar, a Itacatiá, a serra do Lagarico e a Sambá.

Em um semicírculo menor, correm-lhe em frente os montes que lhe separam o vale do Niterói, do morro da Armação ao morro da Atalaia, os quais lhe ocultam as águas da baía.

Pela ladeira sul o vale corre aberto até ao oceano na direção do pequeno promontório de Itaipu. Por ai entram as bacias do mar que refrescam as calmas do estio, e nos dias de tormenta, quando sobre elas pairam as aves marítimas, o vento salino vem tocar-lhe de branco os velhos telhados.

No inverno, de manhã, a vista é surpreendente: a névoa, estendida sobre todo o vale, afigura-se um mar de gelo no meio do qual repousam os montes fronteiros, e aqui e ali uma cipa de árvore secular ou um grupo de palmeiras mais altas, até que os primeiros raios do sol deem um tom rosê aos pináculos da serra e, debruçando-se sobre a planície, dissipam o nevoeiro.

A tarde, à hora do poente, espalha-se no ambiente uma poeira dourada, que dá à paisagem um aspecto oriental, e quando o sol, em sua refracção abaiça do horizonte, sobre as cabeças dos montes de vermelho — ao que a gente da roça chama "sol das almas" — bá-nesse espetáculo fantástico alguma coisa de sobrenatural.

Quando, depois de um dia de verão, ao subirem os vapores do espacoso anfiteatro até o alto da serra do mar, ai se condensam, e está iminente uma tempestade do céste, as primeiras fendas do vento da terra, as nuvens rolam e se estendem sobre a face da cordilheira como um Niágara colossal. Desencadeia-se a tempestade, a água despenha-se das alturas e o trovão ribomba repetido pelos ecos infernais. Entre a cordilheira e o mar passam fitas de fogo que formam uma abobada candente. Mas como é para a atmosfera, lavado o céu e verde a mata ao romper do dia seguinte!

gerindo tiranias: é simples regime ditatorial de momento, pois a rebelião restauradora, embora enxotada momentaneamente do Brasil, ainda se arrigamente na casa dos vizinhos, que não são nossos amigos.

"Anistiar esses rebeldes, metê-los em nosso seio, suponho que os conciliaremos com a nossa brandura, será apenas favorecer a continuação da conspiração mais ou menos aliada em que estiveram desde a queda da monarquia.

"Melhor é ter alguns centos de inimigos declarados do que um só amigo hipócrita, que, no momento preciso, apunhalará pelas costas a República..."

# BIBLIOGRAFIA DE SALVADOR DE MENDONÇA

## (organizada de acordo com as notas de Carlos Sussekkind de Mendonça, por M. L.)

A bibliografia de Salvador de Mendonça é a seguinte:

1 — *O Bobo* — Drama em 4 atos e 8 quadros. Adatado do romance de Alexandre Herzen. Rio. Nunca foi publicado nem representado. O manuscrito constava de 152 páginas. Apresentado ao Conservatório Dramático Brasileiro em 5 de novembro de 1858, teve parecer favorável do censor J. J. do Rosário, referendado por J. do Nascimento Silva.

2 — *Singári ou Cingári* — Lenda das margens do Piraí. 1567. Publicada primeiramente na *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulista*, de 30 de julho de 1859. Edição de Mário Matos, dedicada a A. J. de M. e de Soares, de S. Paulo, 1859.

O romance de um moço rico — Comédia-drama em 5 atos e 7 quadros. Imitado de A. D'Ennery, por Luiz de Bivar, Salvador de Mendonça e Bertioli. Duarte. 266 págs. ms. Rio. 1859.

Foi publicado no *Leiódoscópio* em 1860, acompanhado de uma carta de Tomaz José Pinto de Siqueira.

4 — Duas palavras sobre um grande herói — A propósito das *Flores Silvestres* de Bittencourt Sampaio. Publicado na *Revista Popular*, ano II, tomo VI, Garnier. Rio. 1860.

5 — Colaboração na Legenda, com Teófilo Otoni Filho. São Paulo. 1860.

6 — Colaboração no *Leiódoscópio*, publicação semanal do Instituto Acadêmico Paulista, de S. Paulo, 1860.

7 — *A Herança* — Comédia-drama. Rio. 1861. Nunca foi representada em português. Representada em língua inglesa, em Nova York, com o título de *Money*, em 1898. Parecem perdidos os originais de uma língua e de outra.

8 — Colaboração no *Diário do Rio de Janeiro*, 1861.

9 — Crítica musical no *Jornal do Comércio*, 1861-1863.

10 — *No álbum de A. C. G.* — Poema publicado em uma coleção intitulada *Lírica Nacional*, de B. L. Garnier. Prefácio de Quintino Bocaiuva. Rio. 1862-1872.

11 — *Calabar* — Juízo crítico. A propósito do trabalho de José da Silva Mendes Leal Junior. Rio. 1863.

12 — *Semana Lírica, no Correio Mercantil*, 1863.

13 — Colaboração na *Atuabilidade*, onde Salvador de Mendonça é redator. Folhetins com o título *Dilettantismo*, onde são trazidos vários retratos biográficos. Rio. 1864.

14 — *Dilettantismo — Isabel Alba*. 24 págs. com retrato de I. A. Tip. Particular. Rio. 1864.

15 — *Dilettantismo — Maria no Padiña* — 23 págs. Com retrato de M. P. — Tip. Particular. Rio. 1864.

16 — *O Direito de Falar* — Panfleto de Eugène Pelletan. Tradução publicada na *Atuabilidade*. Rio. 1864.

17 — *Joana de Flandres, ou A volta do Cruzado*. Tragédia lírica em 4 atos. 54 págs. Com uma carta-prefácio a Carlos Gomes. Música de Carlos Gomes. Tip. da *Atuabilidade*. Rio. 1865. Também foi publicada no *Arquivo Federal*.

18 — *Nílens Dea* — Crítica. 1865.

19 — Colaboração na *Revista Popular*. 1866.

20 — Artigo sobre o Ator, drama de Furtado Coelho. In: *Diário do Rio de Janeiro*. 18-11-1866.

21 — Apontamentos biográficos para a história da campanha do Uruguai e Paraguai, desde 1864, em colaboração com o padre Antônio Alvarez Guedes Vas e Vitor Dias. Rio. 1866. Agosto. — O primeiro volume

foi concluído. O segundo foi apenas começado.

22 — *Regeneração*, de Demófilo. Tip. Lisbonense, 32 págs. Rio. 1866.

23 — *Catecismo Constitucional*, de Demófilo. Garnier. Rio. 1866.

24 — Colaboração no *Arquivo Lírico*, publicação mensal. Tip. d' O Ipiranga. São Paulo. 1867.

25 — Colaboração em *O Ipiranga*, jornal de que, juntamente com Ferreira de Menezes, é diretor. 1867-1869.

26 — *Musa Latina* — Epistola ao dr. Antônio de Castro Lopes. In: O Ipiranga. 7-6-1868.

27 — *Rocambole* — Críticas de teatro em folhetins de O Ipiranga. 23-3-1868.

8 — *A Costeira* — Romance de Paul Féval. Traduzido em folhetins de O Ipiranga. 1868.

29 — *O Conde de Camors* — Romance de Octave Feuillet. Tradução em folhetins de O Ipiranga. 1868.

30 — *História da Regência*. Ensaio do regime democrático no Brasil. Nunca foi publicado. 1868.

31 — *Manifesto de 70*, redigido com Quintino Bocaiuva. Tudo o capituloso sobre A Verdade Democrática é da autoria de Salvador de Mendonça. 1870.

32 — Atração de redator e colaborador na *República*, jornal que fundou com Luiz Barbosa da Silva e Quintino Bocaiuva. 1870-1872.

33 — *Pro Rege Nostra, Anais do Império*, I v. 4 partes — 1º, O Rei velho. 1868-1821; 2º, Ficar e não ficar. 1821-1831; 3º, Mal com ele, melhor sem ele. 1831-1841; 4º, Das fárias à baliza. 1841-1870. — Nunca foi publicado, e parecem perdidos os originais.

34 — *Carta a José de Alencar*. Prefácio dos *Caídos de Selma*, de F. Otaciano. Edição de 7 exemplares. 1872. Republicado na *Revista da Academia*, n. de 1916.

35 — *Páginas literárias. Ensaios de análise crítica*. Um grosso v. in-8º, dividido em 2 tomos. Nunca foi publicado, tendo sido anexada a sua publicação em 1872.

36 — *Epistola a Furtado Coelho sobre o Barbeiro de Sevilha*. 1872.

37 — *Memórias de uma Mulher*. Tradução do romance de O. Feuillet, para a casa Garnier. 1872.

38 — *Julia de Tréscoeur*. Tradução do romance de O. Feuillet, para a casa Garnier. 1872. Reeditado em 1874.

39 — *Prefácio aos Quadros*, de Joaquim Serra. 26-12-1872.

40 — *João de Thomymera*. Tradução do livro de Jules Sandeau para a casa Garnier. 1873.

41 — *A Viscondessa Alice*. Tradução do livro de Alberic Second para a casa Garnier. 1873.

42 — *Mademoiselle Muriani*. Tradução do livro de Arsène Houssaye para a casa Garnier. 1873.

43 — *Mademoiselle Cleopatra*. Tradução do livro de Arêne Houssaye. 272 págs. 1873.

44 — *Novelas*, de T. Gautier encerrando *O Rei Candango e Fortunio*. Tradução para a casa Garnier. 288 págs. 1873.

45 — *Novelas*, de A. de Musset, abrangendo *As duas amantes*, *Emmeline*, *O Filho do Ti*, *Frederico e Bernadina*, *Croiselles*, *Margarida*. 393 págs. Tradução para a casa Garnier. 1873.

46 — *Novelas* de T. Gautier, abrangendo *O Velocino*, *Onça*, O cãozinho da Marquesa. O *Ninho de Rouxinóis*, *A Amanhecer*, *Alem Tumulo*, *A Cadeia de Ouro*, *Uma noite de Cleópatra*. Tradução para a casa Garnier. 261 págs. 1873.

47 — *Mademoiselle de Mau-*

pin, de T. Gautier. Tradução para a casa Garnier. 434 págs. 1873.

48 — *O Sobrevivente*, de P. Féval. Tradução para a casa Garnier. 1873.

49 — *Anat*, de T. Gautier. Tradução para a casa Garnier. 1873.

50 — *Da Terra à Lua*. Trajetória direto em 91 horas. Tradução do livro de Julio Verne para a Livraria Garnier. 237 págs. 1874.

51 — *A Retirada da Laguna*. Tradução do livro do Visconde de Taunay feita para o Ministério da Guerra. 226 págs. seguidas de um documento comprobatório. Tip. Americana. Rio. 1874.

52 — *A Ira roseira*. História melancólica em folhetins no *Globo*. 1874.

53 — *O Mafete ou o Bandeirante*, de Gabriel Ferry Louis de Bellemare. Tradução para a casa Garnier. Três v. 1º v. 310 págs.; 2º v. 327 págs.; 3º v. 327 págs.

54 — *O Dia de São Nunes*, de Alberic Second. Tradução para a casa Garnier. 1874.

55 — *Novente e Três*, de V. Hugo. Tradução para a casa Garnier. 432 págs. 1874.

56 — *Um drama nos ares*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.

57 — *Uma fantasia do Dr. Ox*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.

58 — *Mestre Zorárias*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.

59 — *Uma internada nos gados*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.

(Estes últimos trabalhos estão encerrados em *O Dr. Ox*, Garnier. 1874).

60 — *Lucia, de Arsène Houssaye*. Tradução para a casa Garnier. 1874.

61 — *Marabá*. Romance brasileiro. Prefácio de José de Alencar. 200 págs. Editores Gomes de Oliveira e Cia. Tip. do Globo. Rua dos Ourives. 51. Rio. 1875.

62 — *Descobrimento prodígio e suas incalculáveis consequências para o futuro da humanidade*. 189 págs. Seguido da 40ª *Ascensão Francesa ao Monte Branco*. 52 págs. Tradução de trabalhos de Julio Verne para a casa Garnier. 1875.

63 — *Contos*, de A. de Musset. Abrangendo *A Pinta*, História de um Melro branco, Pedro e Câmila, Mimi Pinson, O segredo de Javotte. Tradução para a casa Garnier. 1875.

64 — *O Segredo de Javotte*, de A. de Musset. Tradução para a casa Garnier. 142 págs. 1875.

65 — Segundo prefácio à tradução do Jocóvel, de A. de Lamartine, por João C. de Menezes. 1875.

66 — Colaboração para o *Novo Mundo*, de J. Carlos Rodrigues, jornal editado nos Estados Unidos. 1876-1877.

67 — Colaboração em *O Cruzeiro*, onde publica as *Cartas Americanas*. 1878-1883.

68 — *Trabalhadores asiáticos*. Livro mandado publicar por Cansanção de Sinimbu. 278 págs. Tip. do *Novo Mundo*, Nova York. 1878.

69 — Colaboração no *Diário da Baía*, onde publica as *Cartas dos Estados Unidos*. 1880-1881.

70 — *Instructions to vice-Consul and Commercial Agent of the District of the Consulate General of Brazil in U. S.* 27 págs. Nova York. 1880.

71 — *Imigração chinesa nos Estados Unidos*. Conferência no Ministério da Agricultura, em 20-7-1881.

72 — *Imigração chinesa*. Coleção de artigos escritos sob esse título para o *Cruzado*, em refutação ao Rio Neos. 54 págs. Tip. O Cruzado. Rio. 1881.

73 — *Transformação do Trabalho no Brasil*. O Rio Neos e os imigrantes chineses. Tip. O Cruzado. Rio. 1881.

74 — *Substituição do trabalho no Brasil*. Reunião dos artigos de Salvador de Mendonça e de um ensaio sobre o mesmo assunto de Pedro Dias Gordilho Páis Leme. Introdução por Joaquim da Silva Melo Guimaraes. 1881.

75 — *Arqueologia Americana*. Nunca foi publicada. Escrita em 1882.

76 — *A primeira deputada brasileira* (Dra. Maria Augusta Geronimo Estrela) ms. 1882.

77 — *Discurso na Alfândega de Nova York*, em nome dos Delegados Sul-Americanos à Exposição Internacional de Nova Orleans. 1884.

78 — *The Empire of Brazil at the World's e Industrial and Cotton Centennial Exposition of New Orleans*. N. Y. 1885.

79 — *De Domingo a Domingo*. Artigo publicado em O Paiz sobre a morte de Joaquim Serra. 1890-1891.

80 — *Os Mapas*. Continuação dos estudos de Arqueologia Americana. Artigos publicados em seis números seguidos do *Treze de Maio*, revista literária, científica e artística. Rio. 1888-1889.

81 — *Surge et ambula!* Prefácio para os *Esboços e Quedas*, de Lucio de Mendonça. 21 págs. Rio. 1889.

82 — *Amerika all Republican*. Discurso na Spanish American Commercial Union Bankuet, 20-12-1889.

83 — *O Arbitramento*. Nunca foi publicado. Escrito em 1890.

84 — *A Justiça da História*. Artigo escrito por ocasião da morte de Pedro II. 1891.

85 — *A Revolta da Armada*. 1893.

86 — *William Cullen Bryant (Fragmento de memórias)*. — 1894.

87 — *Política Internacional*. Ensaio que nunca foi publicado.

88 — *Força produtiva das Nações*. Ensaio que nunca foi publicado.

89 — *Republicanismo in Brazil (A idéia republicana no Brasil)*. 8 págs. *The North-American Review*. Janeiro. 1894. N. Y.

90 — *Latest Aspects of the Brazilian Rebellion*. The North-American Review. Fevereiro. 1894. N. Y.

91 — *Thanatopsis*. Versos de William Cullen Bryant. Tradução. Nunca foi publicado. 1897.

92 — *Conferências sobre arte, 1ª — General Outline or Spectre of the History of Art; 2ª — Harmony in the Art of Painting*. Ambas pronunciadas no Washington Club de Senhoras. 1897.

93 — *Discurso na inauguração dos Museus Comerciais de Filadélfia*. Pronunciado em nome dos membros do corpo diplomático da América latina em um banquete. Junho. 1897.

94 — *Harmonia na Pintura* foi publicada em inglês no *New York Herald*, em 10-1-1897, e em português na *Revista Brasileira*, em 15-1-1898.

95 — *Discurso de cinco minutos sobre diplomacia moderna*. No banquete anual da *Order of the Royal Legion* (Washington). 12-2-1898.

96 — *Discurso na Pintura* foi publicada em inglês no *New York Herald*, em 10-1-1897, e em português na *Revista Brasileira*, em 15-1-1898.

97 — *Harmonia na Pintura* foi publicada em inglês no *New York Herald*, em 10-1-1897, e em português na *Revista Brasileira*, em 15-1-1898.

98 — *Discurso na Pintura* foi publicada em inglês no *New York Herald*, em 10-1-1897, e em português na *Revista Brasileira*, em 15-1-1898.

99 — *Discurso na Pintura* foi publicada em inglês no *New York Herald*, em 10-1-1897, e em português na *Revista Brasileira*, em 15-1-1898.

100 — *Discurso na inauguração do Teatro João Caetano*, em Niterói. 1904.

101 — *Apoloese, versos. Jornal do Comércio*. 17-7-1904.

102 — *Ajute de Contas*. Artigos publicados no *Jornal do Comércio*, 1899-1904.

103 — *Arqueologia Americana*. Coleção dos artigos do mesmo título publicados no *Jornal do Comércio*, 258 págs. Tip. do *Jornal do Comércio*, Rio. 1904.

104 — *Carlos Gomes inilino*. Jornal do Comércio. 2-7-1905.

105 — *A véspera do Capitólio*. Versos recitados na inauguração da estátua a Carlos Gomes, em Campinas. 1-7-1905. Publicado no *Jornal do Comércio* de 3-7-1905.

106 — *Orfeu triunfante*. Versos recitados na inauguração da estátua a Carlos Gomes, em Campinas. 1-7-1905. Publicado no *Jornal do Comércio* de 3-7-1905.

107 — *Colaboração no Brasil*. Outubro e novembro de 1907.

108 — *Lendas de Serra e da Baixada*. Versos. Jornal do Comércio. 32-7-1907.

109 — *Limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina*. Artigo no *Jornal do Comércio*. 18-11-1908.

110 — *O Fumo de J. B. Wilkes e Herbert Myrick*. Biblioteca da Agricultura. Rio. 1909.

111 — *A Cana de Açúcar*, de Juan Bautista Jimenez e Francisco Zayas e Jimenez. Biblioteca da Agricultura. Rio. 1909.

112 — *Onde naceu John Draper*. Carta a José Carlos Rodrigues. Jornal do Comércio. 1910.

113 — *O Trono de Peter Tracy Doudinger*. Biblioteca da Agricultura. Rio. 1910.

114 — *Compêndio de Educação Rural*, do professor Hooper T. Washington. Biblioteca da Agricultura. Rio. 1910.

115 — *O Algodão*, de Charles William Burritt e Clarence Hamilton Poe. Biblioteca da Agricultura. 1910.

116 — *Jodo Caboclo*. Versos. Revista da Academia Brasileira de Letras. Janeiro. 1910.

117 — *Para ler e reter*, de Maria Johnston. Traduzido para a casa Garnier. Dols vs. 1º, 216 págs.; 2º, 281 págs. Rio. 1911. Foi publicado primeiramente em folhetins do *Jornal do Comércio*. 1911.

118 — *As Freiras do Caldeirão*. Versos. Revista da Academia Brasileira de Letras. Julho. 1911.

119 — *O Engenho do Tinhoso*. Versos. Revista Americana. Rio. 1911.

120 — *O último porto Soneiros*. 1911. Publicados na *Revista da Academia*. Janeiro. 1912.

121 — *Discurso na Academia Brasileira sobre a eleição de Lauro Muller*. 23-8-1912.

122 — *Varso a Lucio*. Na inauguração do seu busto na Academia Brasileira. 14-8-1912. Publicado no *Jornal do Comércio* de 15-8-1912.

123 — *Manual da crise de porcos na América*, de F. D. Coombes. Biblioteca da Agricultura. 1913. 2ª edição oficial; 3ª edição de Lívian Magalhães. São Paulo. 449 págs.

124 — *Janeice Meredith*. Tradução do romance norte-americano da Guerra da Independência, da autoria de Pauline Lester Ford. Dols vs. 1º vol. 470 págs.; 2º vol. 396 págs. Foi primeiramente publicado em folhetins no *Jornal do Comércio*. Primeira edição, 1911; 2ª, 1913.

125 — *Colaboração no Sóculo de Brito Figueiro*. 1912-1913.

126 — *Colaboração no Impresarial. Coisas do meu tempo*. 1913.

127 — *A Situação Internacional do Brasil*. Colaboração dos artigos anteriormente publicados no *Sóculo*. 206 págs. Casa Garnier. Rio. 1913.

128 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

129 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

130 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

131 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

132 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

133 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

134 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

135 — *Parceria da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leites*. 1913.

# SALVADOR DE MENDONÇA NA ACADEMIA

## SEU COMBATE À CANDIDATURA DE LAURO MULLER

Em 1912, por morte de Rio Branco, Lauro Muller, que era ministro das Relações Exteriores, se apresentou candidato à Academia Brasileira. Salvador de Mendonça — embora sendo desafeto de Ramiz Galvão, candidato que lutava com Lauro Muller, e, entrou, decidido, num violento combate à candidatura do ministro.

Dessa memorável ação, "sous le coupole" aqui transcrevemos o discurso que se segue e que é, por todos os motivos, interessantíssimo.

Éis o discurso de Salvador de Mendonça:

**Sr. presidente** — Congratulo-me com a Academia Brasileira por vos ver restituído a essa cadeira, depois da grave enfermidade que, pondo em perigo a vossa vida, pôs em suspense esta casa e todo o Brasil.

Felizmente estais de novo à frente dos nossos trabalhos, e vindes em momento oportuno, quando o que agora periga é a dignidade desta instituição. Ou a Academia Brasileira tem hoje as suas termópilas, ou abre-se a porta à invasão da Hellada.

**Ilustres confrades** — Antes de entrar na análise dos méritos dos candidatos à cadeira que aqui deixou vaga Rio Branco, consenti que ponha bem clara a minha posição individual relativamente aos dois contendores. De um deles, o ministro candidato, só tenho recebido atenções, a que alias me davam direito minha idade e meus serviços a esta terra durante mais de meio século, quer na imprensa liberal e republicana, quer nos postos consular e diplomático. As nossas relações tem sido até agora de mutua estima e respeito. Do outro candidato não posso dizer o mesmo. Depois de relações amistosas, que parecia deverem perdurar, surgiu de improviso uma disputa de imprensa entre ele e Lucio de Mendonça, e o assunto foi a minha pessoa. Em mais de uma folha pública era eu então atacado violentamente: devia estar fazendo alguma coisa útil ao Brasil.

Como o coroê de Job, ouvi de longe os ecos do fragor do combate. Chegaram-me depois notícias: trocavam-se baldões e vilipéndios. Afinal, terminado o encontro, recebi um envelope lacrado e selado, com lados as pegas da discussão. Confiei no valor do meu advogado espontâneo, notável polemista nunca vencido. O envelope que recebi permanece ainda hoje lacrado e selado como me foi trazido e como há de ser legado com outros documentos ao arquivo desta casa, e à curiosidade, maior que a minha, de algum futuro biógrafo dos acadêmicos que primeiro constituam esta companhia. Demais assim os Destinos a equanimidade que me permite fazer justiça aos próprios desafetos e

por isso entre hoje nesta discussão "sine ire ac studio".

Quando na primeira sessão do mês de julho o nosso secretário geral, remetendo a carta de 4 desse mês, an qual o sr. ministro das Relações Exteriores apresentava sua candidatura, escreveu ao nosso primeiro secretário que não vinha presidir a sessão desse dia para não declarar "in limine" inelegível esse candidato por lhe falecerem os requisitos exigidos pelos artigos 1º e 2º dos nossos estatutos, não lhe achel razão e di-lo-ei porque. Enquanto estes dois artigos não forem interpretados no sentido mais restrito ou mais amplo, isto é, permitindo que só venham bater a estas portas os literatos propriamente ditos, os beletteristas, ou ampliando essa permissão a todos os literatos, artistas e cientistas, cujas obras intelectuais tiverem por instrumento a palavra escrita ou falada, entendo que só a Academia, em número legal para deliberar e votar, cabe decidir se é ou não elegível qualquer candidato, e não a mesa, embora investida da nossa confiança.

Ao ler-se a carta do sr. ministro das Relações Exteriores, observei com desprazer que ele se dizia animado por alguns acadêmicos a apresentar a sua candidatura; digo com desprazer, primeiro porque esses sr. acadêmicos conforme a praxe atual, não deviam ir ter com o sr. ministro para esse fim, e segundo porque o sr. ministro pratica haver-se decidido em vista dessa solicitação. A verdade é que s. excia, apenas observou em parte as praxes adotadas até agora: mandou a carta de apresentação ao presidente da Academia, mas não solicitou por visita pessoal ou por carta o voto de cada um dos acadêmicos.

Eu creio que também neste ponto as nossas praxes devem ser alteradas. A Academia deve escolher dentre todos os literatos brasileiros os que tenham de preencher as vagas que forem ocorrendo. Assim as propostas deveriam ser assinadas pelo menos por cinco acadêmicos, podendo ser os candidatos tanta quantas fossem as apresentadas por diferentes grupos de acadêmicos. Em sessão preliminar e secreta, discutir-se-iam os méritos dos candidatos propostos e assentar-se-ia em um ou mais nomes para receberem votação, responsabilizando-se os propONENTES pela aceitação dos seus candidatos. Este sistema traria a vantagem de evitar que qualquer mediocridade pretenciosa pudesse, como até hoje, apresentar a sua candidatura e arradar mesmo outro candidato, se fosse bastante poderoso para o fazer.

Será preciso comparar os méritos literários dos dois candidatos que hoje vão receber nossos votos? O sr. Ramiz Galvão, notável desde os bancos acadêmicos pela eloquência, que para logo o sagrou orador, tem em sua bagagem obras de subido mérito. Além de várias monografias sobre assuntos médicos tem entre outras obras as seguintes: "Apontamentos Históricos sobre a Ordem Benedictina", "O Púlpito no Brasil", "Biografia de Frei Camilo de Monserrate e Vocabulário Etimológico, Ortográfico e Prósodico das Palavras Portuguesas Derivadas da Língua Grega", que por si sós lhe abririam as portas de qualquer Academia do mundo. Como orador, como professor, como historiador, como filólogo, o sr. Ramiz Galvão tem pleno direito a uma cadeira nesta casa. Na primeira lista de membros da Academia que o seu organizador formulou achava-se o nome do notável escritor, e se desde o começo desta instituição não teve

assento entre nós foi por haver recusado a distinção que lhe fora oferecida, em razão da incompatibilidade que supunha existir entre a sua pessoa e a do fundador da Academia Brasileira.

Quais são pela outra parte as obras do sr. Lauro Muller? Creio que se não pode mencionar o que não existe, ou que, pelo menos, não posso mencionar o que não conheço. É certo que mais de um mês depois da apresentação de sua candidatura, chegou-nos da Europa um opúsculo em tipo e papel gordos, que o nosso confrade relator do parecer acerca de "Sua Exceléncia", chamará espirituosamente "literatura de encher". Se o discurso das Insignias não pede megas ao Discurso da Coroa de Demônios, não carecia de ser engordado para ter peso e valor. Vale ao menos, como uma promessa, e se s. excia, não fosse agora ministro, bem o poderíamos receber a crédito, como a crédito já aqui foram outros recebidos e se vão desempenhando da divida de modo muito satisfatório para as esperanças neles depositadas. Um dos turiferários dos "Ideais Republicanos", diz que s. excia, em sua juventude escreveu poesias. Em que pese aos que de denham dos poetas, e principalmente dos poetas que cantam a mulher — como se desde Homero até nossos dias não fosse a mulher a melhor fonte de inspiração poética — vá s. excia, acatulando essas suas produções e lembre-se de que Maciel Monteiro, orador parlamentar e diplomata, só obteve a chave do trinco da Torre Eubúrica quando lhe conheceram o soneto

Formosa, qual pintor em tela  
(Mina...)

Em linguagem portuguesa só o gênio de Garrett conseguiu escrever a tragedia em verso "Catão", sem um só personagem do sexo feminino, e quase sem mencioná-lo, pois só uma vez, creio se declina o nome de Porcia.

Não for agora eleito, quando mais tarde deixar de ser ministro, e ainda não for presidente da Republica, mande-nos ca alguns de seus versos, ainda que seja um só soneto à guisa de Maciel Monteiro e conte então com votos bastantes para ser eleito airosoamente.

Não é, porém, como literato que o sr. ministro das Relações Exteriores vai hoje receber um número considerável de votos Acadêmicos. De acordo com um recente artigo, devido à pena de um nosso confrade, s. excia, deve para aqui entrar por ser político poderoso e futuro amparo desta Academia, que ainda está no período da amamentação.

Logo depois da morte de Washington apareceram nos Estados Unidos nada menos de vinte e seis mulheres, que diziam ter sido amas de leite do fundador da "República", nada menos que o duplo do número dos Estados que originariamente constituíram a União. Admitindo-se o absurdo do caso e que cada ama tivesse aleitado o herói ao menos durante um mês, ter-se-ia que George Washington ficaria na história como o herói que mais houvesse mamado, isto é, dois anos e dois meses. Pois com a nossa Academia ainda se quer deitar a barra adiante e estender-lhe o período de amamentação para além dessezes anos de idade. Ao ver o interesse carinhoso com que está cuidando da alimentação futura da Academia Brasileira, sinto o desejo de propor que criemos aqui acadêmicos extranumerários, destinados apenas a prover a subsistência e bem estar da Academia, com a denominação de amas de leite.

Sim, a candidatura de s. excia, não é ato seu espontâneo; é obra de um como sindicato, organizado dentro e fora do Itamarati, para exploração das boas graças do ministro.

Surgiu nesse ponto a coope-

ração da imprensa; começaram os artigos laudatórios. Devem dizer que certos artigos laudatórios não deviam correr livre-

mente; deviam ser recolhidos ao depósito dos artigos inflamáveis, fora dos centros populosos. Um escritor descrevia traços de gênio no Ministro e outro disse dele que era um dos mais belos espíritos da América. — Por que não das cinco partes do mundo? — Perturbou-se a natural modéstia do elogiado; mas gostou e começou a prestar atenção ao que se dizia.

Pouco a pouco se foi lembrando de que tudo isso bem podia ser sincero e verdadeiro. Esses elogios acariciavam-lhe o amor próprio. Seria possível que houvesse subido a tamanha altura sem os prediletos que agora lhe descobriram? Turvaram-se-lhe a visão e o critério. Apareceram-lhe as primeiras borbulhas e depois as empolias da vaidade, e o caso de enfermo tornou-se caso grave, e depois, na linguagem médica, caso perigoso. Já não havia cura para a febre da imortalidade.

Alguém expediu do Itamarati, um telegrama circular, assinado por acadêmicos, aos acadêmicos residentes fora do Brasil. Quando aqui se mencionou e estranhou, o mês passado esse fato, um confrade increpou-me de não haver censurado proceder igual por parte do sr. Rio Branco, que mandara expedir a custo do Estado, telegramas semelhantes, pedindo votos para candidatos à Academia. Declara logo e repete que, se não censurou tais atos, foi por não ter deles conhecimento e não ter ignorar que o sr. Rio Branco fosse o introdutor desse e de outros métodos de corrupção no Itamarati. Vem aqui a ponto de recordar que quando soube que a nossa Academia pagara uns tantos contos de réis por um banquete dado a Ferrero, eu interpelei a mesa e ao diretor-me que o banquete fora pago pelo sr. Rio Branco, sugerira a ideia de se cotisarem os Acadêmicos para saldarem essa dívida. Com esse meu protesto pararam as coisas nesse caminho, que certamente teria levado a Academia Brasileira às mesas do Rio Minho em manadas de camisa. Quão melhor e mais condigno não foi o festejo intelectual dado nesta sala pelo nosso presidente, ao receber Anatole France — contado de suas estrelas de primeira grandeza que nos foi dado observar destas cadeiras e registrar com letras de ouro em nossas amistades. Essas sim, é que são as festas do encontro, na mesa eucarística do gênio Latino.

"Mais revolvem à nos montons". Seria uma necessidade de minha parte desconhecer o direito que tem todos e cada um dos membros desta casa de dar seu voto a quem bem lhe aprovou. Este direito, porém, é limitado pelos princípios da moral, e assim os acadêmicos que pertencem ao Corpo Diplomático — e que por um eufemismo delicioso já ouvi que num caso como o presente podiam dar seu voto como "mera cortesia profissional" — os acadêmicos comissionados pelo Ministério das Relações Exteriores e os que tem parentes ou afins dependentes desse Ministério, dever-se-iam considerar incompatibilizados com esta eleição para que se não pudessem dizer que tem estas cadeiras para negócio. Se para negócio as tivéssemos melhor seria que nos chamássemos a Nova Academia dos Linceus, mas no sentido pejorativo, como se dissessem a Companhia do Olho Vivo. Mais merecedor, porém, de censura que estes acadêmicos, é o ministro que pratica ou permite que praticamente esta coação. E depois dela, caso o ministro seja eleito, com que ufania poderá contar os votos que o elegeram, se a maior parte deles for os votos de seus subordinados e dependentes? E se um ou mais desses subordinados ou dependentes



Salvador de Mendonça, quando ministro plenipotenciário do Brasil em Washington

(Continua na página 267)

## A PROJETADA HISTÓRIA DA REGÊNCIA — Salvador de Mendonça

No primeiro ano de publicação da "A Reforma", fize a satisfação de ler e meu respeito às palavras mais benévolas com que em todo o minhão viu tenho visto considerado os meus esforços no ingrato caminho das letras.

Condecorou-me com elas Francisco Otaviano, sempre bom e indulgente para com os que se estreavam na imprensa, escrevendo do minha "História da Regência", obra cuja publicação ele anunciará para breve, mas que até hoje não veio à luz e naturalmente não virá nunca.

Por que?

Porque saiu-me, graças às condições do tempo, uma como obra eterna, isto é, sem princípio, nem fim.

Depois do texto propriamente do livro, escreverá-lhe um prólogo, no qual se fazia grande cobiçada das vantagens da pura democracia sobre o regime misto que nos felicitava.

As objeções desse prólogo referem-se Gaspar Martins nos excelentes artigos em que dizia ser-lhe indiferente a forma de governo contanto que garantisse o círculo da liberdade.

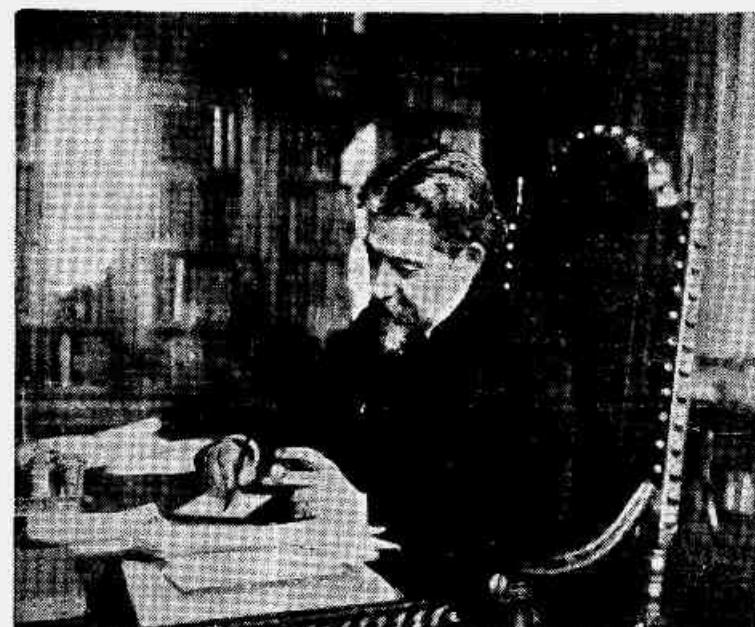
Achei tão sensata essa observação, que antepunha a essência da coisa às vezes sem significação real, que, enquanto reflectia nela, correu o tempo e ajustei com Saldanha Marinho, no Rio, e Quintino Bocaiuva, no Rio da Prata, fundarmos um órgão republicano na capital do Império.

Desde que ficou isso resolvido, ficou também em parte prejudicado o meu prólogo.

Percebi, então, em escrever um epílogo para a obra, que o fato de tempo dudu de ano para ano até vir à República, depois da qual seria uma idéia estar o escrever cerca de ensaios de democracia no Brasil, quando a coroa já estava entre nós substituída pelo berrete frigido.

E ai está porque o livro dorme ainda o sono do esquecimento, já sem prólogo e ainda sem epílogo, obra de um período de transição, satisfeita com o seu recado e perfeita inutilidade.

Quanto provável não adviria a certos autores, se não tivessem tido pressa na publicação de escritos, que teriam ganho com a colaboração de tempo, para parecerem mais ponderados ou desaparecerem de todo?



Salvador de Mendonça, em seu gabinete de trabalho

# MANES TUTELARES

(AO BARÃO DO RIO BRANCO)

III

V

### A GUARDA DO CONTINENTE

### VOZES DO ATLÂNTICO

#### O DEFENSOR PERPÉTUO

— "Minha águia imperial, meu dragão de Bragança,  
Despertai, acorrei, que nos vamos agora  
Desas trevas da morte, antes que surja a aurora,  
Feio ulroje vingar, se a dejesa é vingar!"

E, deixando após si São Vicente de Fora,  
Foi direito à Batalha e sobrepondo a lança  
Que em mãos do Venturoso até a Índia alcança  
Tornou para o Ocidente, onde o Brasil demora.

Chegou na antemanhã às plantas do gigante,  
Envolto de neblina em manto roçante  
Depois de atravessar numa noite três zonas,

Com o couto da lança erguida como céu  
Acurou e brigou, espelho a ouro espelho  
— "Sus! ao Passo da Pátria! Osório, ao Amazonas!"

2-12-1902.

II

#### O DEFENSOR DA REPÚBLICA

O solo estremeceu e os túmulos se abriram  
Ao clangor dos clarins. Ele, a águia e o dragão  
Pecudem na marcha a esquadra e a legião  
Que nos broncos da História os novos insculpiram.

Os lancetos e Osório, após a divisão  
Do Redimido, e após todos quantos scriram  
As batalhas maiores que estes céus já viram  
Sob o Duque do Porto e o velho pavilhão.

Mos quando a esquadra invicta ao mando de Sal  
[dunk]  
Da Amazonas a proa no Amazonas banha  
Das Andes a Belem, de Fernando ao Desterro.

Já rebos o canhão e a signa do Cruzeiro  
Apelida ao combate o povo brasileiro  
Ao mando de outro mario — o Marechal de Ferro.

4-12-1902.

III

De Oodhill a Hollywood Blaine a Monroe desperta  
Quanto os ventos do sul, fejados de fragor,  
Os robles sacudindo, arranca-os ao torpor:

— "Ouve! a Santa Aliança outra vez se concerta,

— "E' tarde! Dentro em breve hão de águia e o

[condor]

Aos rapaces falcões correr em liga aberta.

Do Amazonas a traça há de ser descoberta

E jamais cobrirá nosso emblema o invasor!

"Sejam Teuto e Bretão — é Canning venerando —

Os que nossa doutrina estão desacatando

Da América o destino é, mais do que eles, forte.

"Vai! Acende os vulcões dos Andes às Rochosas,

Faz das vinte nações vinte irmãs gloriosas

Do Cruzeiro do Sul, té a Estrela do Norte!"

10-12-1902.

IV

#### O FUNDADOR

Em Mount-Vernon ergueu-se o exelso Americano

— "Quando vêm repousar, latavam à porfia

O direito divino e a sã Democracia,

De uma parte o canhão, doutro o direito humano.

"Franklin, Fulton e Morse e Field, sem magia,  
Suprimiram o tempo, o espaço, o oceano,

Enquanto que da terra o povo soberano

Ferro, carvão e lâ e trigo recolhia.

"Edison guarda o som e o leva ao infinito

Ericsson prende o sol e o faz motor bendito

Dumont conquista o ar. A Europa submissa

"A inventário o que dão! Conquistas de soldados!

Somos livres aqui. Vós aos tronos atados

Da Galiza aos Urais só teudes a Suíça!"

15-12-1902.

V

Dia do Golfo a corrente — "As águas do Amazonas

Com as do Mississippi arrasto no oceano:

Se eu um dia parar, Europa, um ser humano

Não verás em teu seio, e tu ainda blazomas!"

De Guiné a corrente: — "Em meu ventre, quai Jonas  
Trago as dores do negro e o ódio mussulmano".

As searas do Sul e Norte Americano

— "De jome morrerás! Somos do pão as donas!"

Dia a águia ao condor: — "Tuas garras afia!"

A águia o condor diz — "De tua penéria

Fulmina os reis que o Corso indo à Europa deixou".

O Hinani ao Pete — "Acumula estas lutas

Com que vamos queimar as esquadras escravas!"

Rock Island e Fernando — "Aclita!" — Aclita

[estou].

20-12-1902.

VI

#### O NAZARENO

Clara e serena voz saída do Oriente.

Dos mares acalmando os tempos vendavais

E bálsamo verlando em úlceras mortais

Falou então assim à confusa gente:

— "Homens! Lançai de vós as armas que tomasteis  
A lei minha sagrei todo este continente  
Na triz eu redimi, do martírio contente,  
Os ódios e o rancor que aqui ressuscitais!

"Dos Césares co'a espada abrindo vossas leiras;

Joe e nelas plantai o trigo e as oliveiras

Com que de povo a povo a comunhão se faz.

"Em verdade vos digo — eu sou o fim da guerra;  
A justiça e o amor governarão a Terra!"

E o verbo fez-se luz. E a aurora foi de paz.

24-12-1902.

SALVADOR DE MENDONÇA

Correspondência de escritores

## CARTA DE SALVADOR DE MENDONÇA A FELICIANO PENA

"Rio, 21 de agosto de 1908.

Meu caro Feliciano,

Desejo pedir-lhe um favor e, talvez prestar-lhe um serviço.

Dois amigos — os senadores Pinheiro Machado e Ramiro Barcellos — interessam-se para que o próximo governo me mande para Haia como ministro e membro do Tribunal: devo muito esse posto, a que tenho direito por serviços anteriores e no qual conto ainda ser útil à nossa terra, não só no serviço público, como na impressão de alguns livros em andamento, tais como páginas de literatura, memórias de homens e coisas que tenho conhecido nos últimos cinquenta anos uma história da Regência e uma obra sobre Arbitramento.

O favor que lhe peço é que você se interesse também junto ao Afonso para que eu possa assim fechar minha carreira. Quanto ao serviço, que talvez me possa prestar, a você, ao Afonso, ou melhor, aos pais, el-rece-se no aviso que se contém no que lhe vou dizer, e que você comunicará, na noite, ao Afonso, conforme julgar mais acertado.

Depois que o Rio Branco mandou o Nabuco desobrir a América, e o Nabuco voltou de Washington realmente cônscio de lá, ele desobriu, tendo andado muito apreensivo.

A criação da embaixada, a reunião da Conferência Panamericana, no Rio, a vinda do Root, as suas habilíssimas palavras — criaram nos circuitos oficiais tão exagerada corrente de sentimentalismo que começo a temer que através dela lá se não possa emergir o real interesse do Brasil.

Diz-lhe isto, com toda a sinceridade, o homem que viveu nos Estados Unidos vinte e quatro anos — quatorze e tanto como Consul Geral e nove como Ministro — que foi chefe da Delegação do Brasil à 1.ª Conferência Internacional Americana — que esteve dentro dos bastidores da política internacional da grande Repúblia e durante anos privou com estadias da estatura de Blaine.

Desculpa-me que assim lhe fale; preciso dar-lhe o fundamento de minha opinião.

Estamos todos hoje diante de uma miragem, alegria da astúcia do Rio Branco, posta por obra do visionário Nabuco.

Isto não visa tecer uma intriga, mas dizer as coisas claramente e sem refolhos de falso conveniente.

O nosso Rio Branco, a quem o Brasil deve os dois grandes e inestimáveis serviços das Missões do Amapá, mas, também, o erro do Acre, que ainda não produziu todos os seus maus frutos, nunca foi estadista, nem é sequer um conhecedor da política internacional. Foi sempre um homem vivered e em matéria de direito não sabe sequer acovilhar as consultas que pede. Conhece a História e a Geografia do Brasil, especialmente a colonial, e não deveria nunca ter saído do que tão bem conhece para o quanto menor.

O Nabuco, muito mais interessante, brilliantíssimamente intelectual, e senhor de variados conhecimentos, principalmente históricos e literários, envergando por uns vidos de aumento, como d'hoz, um amigo íntimo, e tem das coisas uma visão forte, por falecer-lhe o critério, esse critério do bom senso, que asinala o centro de gravidade das coisas reais e da gente equilibrada.

E estes são os criadores da situação internacional, sempre

perigosa quando não se apresenta como realmente é e realmente deve ser encarada.

Ora, tudo o que ora vemos, tirando-se-lhe a atual e violenta escenização, é repetição de peça conhecida.

A embaixada foi-me oferecida em 1897, quando o México criou a sua em Washington.

Em relação à doutrina de Monroe já estivemos em meados de 1896, a propaganda de imperialismo e proteorado tácito fez-me dizer na imprensa (no "Sun", de Nova York) que sahieríamos defender a nossa independência e a nossa soberania como os Estados Unidos tinham sabido ganhar e defender as suas, quando mal possuíam de 3 a 5 milhões de habitantes. Essa publicação, que muito agradou ao presidente Cleveland, fez com que o secretário de Estado Olney me pedisse para conferenciar com o sr. John Sherman, relator da Comissão de Diplomacia do Senado, com o fim de entravar a marcha do projeto do senador Cushman Davis, precursor da doutrina Roosevelt. Agora, o Rio Branco diz que temos de aguentá-la, quer querímos, quer não, porque os Estados Unidos não nos permitem para sustentá-la e o Nabuco entende que Washington é mesmo o centro de gravitação da sociedade moderna e de sua dominação também.

Nas bases de aliança íntima, só de boca, ajustadas por mim, e por ordem do Quintino, em 1900, já tínhamos chegado à ideia da Diácia Continental, com a representação "per capita", o que então punha em pé de igualdade a representação italiana e a anglo-saxônica.

Em assunto de Arbitramento, tínhamos as delegações brasileira e argentina à 1.ª Conferência (em Valença, Manaus, Quintana e Santa Fé) reduzido o projeto do arbitramento obrigatório e abolição da conquista, que passou integralmente, foi reduzido à letra do tratado de 28 de abril de 1890 e homologado pela nossa Constituição.

Assim como se recusava a enviar representante à Haia, porque já tínhamos o arbitramento obrigatório na Constituição, o sr. Campos Sales, que Deus haja, nas instruções dadas ao delegado brasileiro à 2.ª Conferência, no México, já tirara a primazia ao sr. Rio Branco, castrando inconstitucionalmente o Arbitramento e tornando-o que era — mera droga de medicina expectante — enquanto as nações fôrtes ajuntam a salvação que devem engolir as fracas.

Nos Estados Unidos, esta comédia de confraternização que o sr. Roosevelt incumbiu o Brasil de representar na América do Sul, depois de lhe ordenar em Washington o programa, só tem o aplauso dos republicanos; quando voltarem ao poder os democratas tudo isto será barrido como cisco e entulho da administração decadente.

Em tal situação, vejamos bem o que nos reserva o sr. Rio Branco ou o sr. Nabuco.

A aparente preferência dada agora ao Brasil pelos Estados Unidos já levantou os clumes da Argentina "et reliqua". O papel de lugar-tenente do sr. Roosevelt na América do Sul não pode trazer, com a odisseia da Europa, o completo afastamento dos nossos vizinhos.

Eu estou vendo claro o jogo do sr. Rio Branco e sua gente. Contam com o prestígio de Washington para descolar a donça.

## O ADEUS DA ACADEMIA

PALAVRAS DE OLIVEIRA LIMA NO TUMULO DE SALVADOR DE MENDONÇA

A Academia Brasileira delegando-me a honrosa incumbência de fazer o seu, o nosso último adeus a Salvador de Mendonça, teve apenas em vista a estreita amizade que nos unia desse que fui seu secretário em Washington.

Ali aprendi a conhecer toda a formosura dessa inteligência privilegiada que os seus pais, tinham esquecido um pouco, desde que ele deixara a imprensa e a política pela representação exterior e também me foi dado medir toda a bondade desse coração peregrino, no qual a paixão das coisas belas — a natureza e a arte, as letras e a pátria — coexistia com a ternura pela família e pelos amigos.

Espírito de uma sensibilidade requintada e de uma nobre elevação, voltara ultimamente ao seu papel luminoso de guia da opinião, que na incidez exercera com tanto brilho e que na velhice tornou a exercer com a mesma sedução de forma e com a autoridade ganha pela experiência da vida, a longa residência nos Estados Unidos, o trato com tantos homens eminentes, o cultivo necessário da inteligência, servida por uma curiosidade que a tudo se estendia e de tudo se interessava.

O jornalismo engoligaria outra vez, para bem da nossa intelectualidade, e data de três semanas o seu último vibrante artigo. Ao mesmo tempo, a Academia merecia-lhe a mais regildor, a mais exemplar frequência. Semanalmente, trazia-nos o consenso da sua palestra sempre encantadora, da sua opinião sempre esclarecida, da sua orientação sempre lúcida. Não contava mais sócio mais prestante, mais devotado, mais orgulhoso dos traços da casa a que pertencia.

Não é, portanto, só com estima de profissionais pelo seu grande talento de escritor, manifestado num estilo simples e apelado que era sempre um prazer — não é só com a admiração de leitores pela sua obra vivaz de diplomata, com relação à qual se deveria ainda fazer ampla justiça, pois que a cordialidade entre o Brasil e os Estados Unidos não teve agente mais seguro, nem mais pertinaz, nem mais destrô — é com gratidão que os amigos da Academia tributam a sua memória esta primeira homenagem, sincera, afetuosa, saudosa, que lhe seria tão cara se a pudesse ouvir.

Eu, que nuno o conheci, muito o admirei e muito o prezei, posso bem dizer que o último voto de sua alma gentil teria sido que os seus desfolhossem sobre o seu caixão algumas rosas, o seu rosé e que se gravasse em redor do seu tumulo o nome de alguns dos seus bons companheiros dos salões da Academia.

**Saldanha Marinho - Salvador de Mendonça**

Costumava Saldanha sair do seu escritório, à rua do Rosário e, tomando a rua dos Ourives, subir pela do Ouvidor e largo de São Francisco de Paula, onde, às 4 horas da tarde, esperava-o sempre um libélula, que levava à estação da estrada de ferro no campo da Aclamação.

Da parte do escritório ao fim da rua do Ouvidor, por mais que desejasse evitar palestras, eram tantos os conchelos e amigos do velho patriota que não vencia esse curto espaço de caminhos em menos de uma hora.

Ao chegar ao largo de São Francisco, não raro o aguardava um grupo de mais de uma dúzia de pessoas, ali reunidas pela presença do libélula, só com o olho de o cumprimentarem ou lhe dirigirem uma frase amistosa.

Entre os seus admiradores havia gente de toda classe, principalmente crescido número de estudantes de todas as escolas.

Com o pescoço envolto em um "cache-neck" de cur, sempre corado e de olhar risório, sempre ajevado, sempre bondoso, não havia certamente neste capital, por esse tempo, homem que maior pudesse justificar uma popularidade, que, aliás, não corajava. E que toda a população dir-se-lhe esperava dele alguma coisa em benefício da nação, conheciam todos a sua ambição, o seu desinteresse, o seu patriotismo. Se dele não viesse alguma melhora para a coisa pública de quem poderia vir?

## Correspondência de escritores

## DUAS CARTAS DE RUI BARBOSA A SALVADOR DE MENDONÇA

1.ª carta:

Reli com prazer, depois de

ter lido com avidez, no "O Século", todas essas páginas cheias das lições políticas e morais mais preciosas para os brasileiros que ainda amam esta nossa terra e escritas com a elegância, a clareza e o alicerce dessa língua em que, há quarenta e quatro anos, nos meus dias acadêmicos, o brilhante redator d'O Ipiranga me ensinava como se deve escrever. Deus lhe de muitos anos e alegria para continuar a ser, com os seus escritos, o belo modelo, que é, dessas qualidades, nas quais, assim como no vigor de seu espírito, tanto o adquiriu o seu velho colega — Rui Barbosa.

2.ª carta — que foi a última carta recebida por Salvador de Mendonça, trazendo a data de 5 de novembro de 1913;

Meu caro amigo.

As suas rosas tem a fragrância da mão duduosa, que é cultiva, a beleza do espírito e jardineiro que as respira e nascerem, e nos fazem pensar na fortaleza da alma que se consola em as ver pelas suas olhos, nessa fortaleza estou de que tanto necessitamos hoje e que vemos de outra época, e nos sentimos quase solidários na desgraça moral da atualidade.

Também fui roteirista, e tinha saudades hoje de ter desejado essa vocação, em que eu resplandecia a bom gosto do seu temperamento de artista pouco satisfeito da sua época.

Obrigado, muito obrigado, meu velho amigo, por esta expressão conmovedora de sua saudade, a que ligo inesquecível apreço.

# VERSONS A LUCIO

Salvador de  
Mendonça

I.

"Há no espaço infinito do Universo,  
Além do vio Lótico, uns pequeninos  
Vestígios de matéria, e notos de hinos  
Com que da Criação se plasmo o verso,

Forjam-se, ali, dos seres os destinos,  
E o Supremo Fator em luz imenso  
Marco a derrota dos astros e o diverse  
Censo a tantos milhões de peregrinos,

Passam os sôes e levam no seu bando  
Novos corpos no vócio fluindo,  
Vergéis de Paraiso, ontrôs de Inferno.

Soltam do forjo as chispas corusantes  
Homens-estrelas, monstros ululantes,  
No infino desdobar do plane eterno.

II

Forjaram-se o clarão da luz intenso  
Que se chama a Verdade. De armadura  
Revistaram-se o corpo. E o deixra pura  
Erqueu bem alto o labora da crnça.

Tu possaste entre nós qual a figura  
De algum novo Jesus. Tua alma imensa

Foi a própria justiça. E uma sentença  
Era o verbo da Lei feito Escritura.

Tinhos na voz a cólera sagrado  
Pora o opressor e poro o vil manado  
Que se rojeve os pés dos opressores.

Tinhos no coração a caridade,  
O onrê de bem de todo e Humanidade,  
Dos fracos, das crianças e dos flores.

III

Quando surgiste acima da montanha  
De algum mundo de luz e liberdade,  
Tinhos no triste olhar fundo saudade,  
Mensageiro do céu em terra estronha.

Quando espalhaste a vivo claridade  
De todo esse teu ser, fulgiu tamponha  
A bronca luz que sempre te acompanha,  
Que te ocultar não pôde a Imensidão.

Hoje, por sobre as rosas do Oriente,  
Por sobre a curva argéntea do crescente,  
Tu do Pátria entrevês o vulto escuro.

Estrela d'alva, protetor estrela,  
Rosse o vulto que procura inda escondê-la,  
Torna a guia-la, estrela do futuro!".

## SALVADOR DE MENDONÇA APRECIADO POR CARLOS DE LAET

"F" uma nobre e simpática figura, aquela Salvador de Mendonça que todos os sábados vieram na Academia Brasileira de Letras, sempre correto, sempre aveludado, ergo, mas, como o Montalegre, disse o Porto Alegre, vendo com os olhos de Homero.

Dile é um livro que nos surge com a elegante apariência das edições da casa Garnier, e que tem por título "A Situação Internacional do Brasil".

Acabo de o ler — e "reler" digo, porque já o tinha lido em amigos do "O Século".

O jornalista, freqüentemente acusado de pouquidão literária, nesse estu vantagem sobre os demais homens de letras — para fazermos um larrow bas-tidores agradar as folhas desprezadas da sua produção incessante. A diferença está em que o autor de livros de matéria inútil, quando aos ventos da publicidade solta o que pensou e rediou, é apenas um apêndice ao efeito de suas idéias sobre a alma popular; e o jornalista, não, porquanto o que ele condensa em volume já tem, por assim dizer, o contrôlo do opinião. Tais artigos, quando são bons, como sempre sucede aos de Salvador de Mendonça, não são inútilas, mas a tomarem o primeiro voto, incertas do destino que as aguarda. São hostes que retornam do combate, e que frequentemente ainda com a ferro da pugna, vitoriosas, devoram os quartéis da história.

Salvador encara no seu livro as incertezas do futuro do nosso país. Homena que veio dos tempos da propaganda republicana, e cujo mérito sobre o Império atuava, empregando-o, sem lhe pedir apostasias, no serviço da justiça, sempre a mais profunda para sentenciar sobre as coisas da República, que ele entendeu nos seus devaneios de voto e que juntas desarmou, num esquecer.

Não quer isso dizer que em tudo se acelere as opiniões do sr. Salvador de Mendonça. Nele, por sob o escritor discreto e calmo, não desconfiou as maluas do antigo jornalista e

algumas injustiças ferinas, como as que todos perpetravam em combate e nem sempre certamente depois das fases. Não importa. Um livro como este não é um acordam em última instância — é um depoimento de testemunha honesta e sincera.

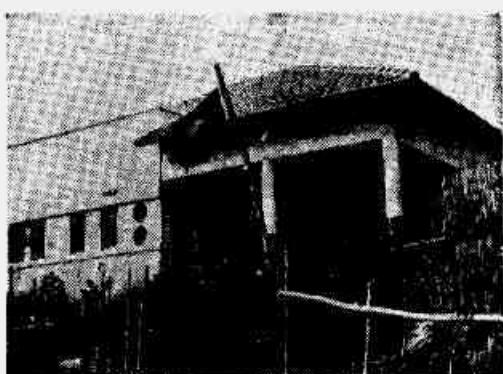
Olha, porém, para as tiras do estilo e nota que nem metade escrevi do que mentalmente havia onotado. Tanto melhor. Leiam o livro. E' pequeno. E' limpo. E' cuidadosamente pensado e escrito.

Eu entendo que todos quantos tomaram parte em sucessos políticos ou sociais de alguma traição faziam bem publicando o que viriam a querer, e, claro, estavam, agravando e discutindo os sucessos.

Nem todos, sem dúvida, o poderiam realizar, dando uma artista, e teria o segredo de tocar a obra de arte. Para isto, seria do encanto do seu livro.



A foto de Salvador de Mendonça, d. Amália de Mendonça Drumond



Escola rural Salvador de Mendonça, em Itaboraí

## Salvador de Mendonça na Academia Seu combate á candidatura Lauro Muller

(Continuação da página 394)

gentes se abstiverem ou votaram em seu contendor, que irá fazer? puni-los pelo seu ato de ombridez? declarar esta virtude incompatível com a carreira diplomática? com que autoridade?

E colherá por acaso o argumento infeliz de que a Academia precisa de amparo dos poderosos? Se isto fosse verdade, a conclusão a tirar seria agravar que a Academia veio cedo de mais, como certo de mais veio a República, no seio de uma nação de analfabetos.

Se a Academia não pode viver com dignidade, constituída só de membros que tenham os requisitos exigidos pelos seus estatutos, melhor será que desapareça, para ressurgir quando o Brasil souber ler e honrar a elevada instituição, craveira de seu adiantamento intelectual. Dir-se-á que os instituidores dessa casa, declarando o artigo 8º de seus Estatutos que na Academia poderá aceitar auxílios oficiais e particulares, não desdenharam de tal auxílio e que em certo sentido mais monarquista o rel. A resposta é que tal auxílio não devem ser o resultado de transações menos alrosas,

mas o auxílio público, votado pelos poderes competentes, à face de toda a Nação, para desempenho dos "encargos que visem o progresso das lettras e da cultura nacional", como já bonito o final desse mesmo artigo dos Estatutos. Não podemos figurar como simples gaudérios do orçamento. Se o Poder Legislativo, por influência indebita de algum poderoso da dia, negar-nos qualquer subsídio por havermos mantido a dignidade dessa instituição, tanto pior para ele, porque isto vira apenas provar que a representação, nacional não está na altura do seu dever, nem do próprio de-

coro.

A votação de hoje vai decidir da sorte dessa companhia; ou ela sairá dignificada deste pleito, ou iniciará o período de sua obediência aos poderosos da terra, alisando-se na fila dos balizadores comuns de todos os governos, para que não lhe corram o subsídio. Neste último caso teremos de ver coisas curiosas. Aparecerá o antigo saltalhama do escritório de advogacia e redacção do nosso pre-sado presidente, seu conselheiro da ponta da mesa, familiar das crianças da casa, para agrado homenagem que lhes devemos,

dos paix, o qual afinal com a o poder seremos nós e nossa sra a vitória.

Ilustres confrades — Como o Mestre Afonso Domingues, o arquiteto do mosteiro da Batalha, que Herculano cíncio sentado debaixo do fecho da abobada, confiante na solidez de sua obra, enquanto tiravam os simples, os primos e travessos, veio a meu lado o vulto de Lucio de Mendonça, o fundador desta casa, calmo e sereno, certo de que não ruiria sobre a sua cabeça a estrutura que arquitetou. Fio que ele construiu ainda mais solidamente do que imaginava, e que no meio do descalabro geral e do abastardamento do caráter entre nós, esta instituição, consiga sobrepujar na onda corrupta para servir de exemplo e iludir nos tristes tempos que correm. Fio que esta continuará a ser a casa do culto intelectual, templo do esplendor da verdade e asilo modesto mas honesto da integridade moral.

Um dia, em nosso parlamento, um ministro do tempo do Império declarou, blasfemando da vitória final, que o poder era o poder. Foi hoje dito que o poder é a Justiça e a moral é que se lhes soubermos prestar a elas a sua homenagem que lhes devemos, dato a sua vitória de Pernambuco.

# À MAIS SUAVE

## Henriqueta Lirboa

Por milagre, a flor mais suave,  
não a colheram os ventos.  
Ficou na luste toda a noite,  
trêmula e alta sob a chuva.  
Por milagre, a flor mais suave.

Quando foi de madrugada,  
o jardineiro passou:  
suas corolas jaziam  
sobre a terra umidecida;  
mas, entretanto, a mais suave,  
sustinha-se contra a amea.

As outras flores por terra,  
dália, papoulas, crisântemos,  
— ruivas cabeças — plasmavam  
seus espasmos derradeiros;  
mártires decapitados,  
magulhas em desespero.

Nas fúrias espirituais  
ou nas ardências do sangue,  
dir-se-ia que estavam vivas  
Enquanto que a flor mais suave,  
como que ausente do mundo  
na sua pureza lívida,  
era um pequeno cadáver  
que todo o jardim chorava.



## VELHOS JARDINS MINEIROS — Afonso Arinos de Melo Franco

Os artigos recentes que Gilberto Freyre publicou neste jornal a propósito dos jardins antigos de Olinda fizeram-me lembrar, e com muita saudade, os lentes passeios que juntos fizemos, a pé, através da nobre cidade pernambucana, cheia de conventos, igrejas, coqueiros, ladeiras e vistas subito rasgadas por cima do mar. Faz agora três anos que cumprimos estas necessárias peregrinações olindenses, e recordo ainda os jardins tão brasileiros, de plantas misturadas e alamedas estreitas, encolhidos ao sol por detrás dos muros altos. O excelente cônego Xavier Pedrosa, que foi reitor do Seminário, recebeu-nos na sua casinha cercada por um típico jardim de padre brasileiro, onde mangerões, rosas e madressilvas se trocavam democraticamente saudações e perfumes, nessa grama simples de viver e de se deixar viver, tão distante das tediosas disciplinas, hierarquias e organizações mais ou menos arbitrárias. Em artigo então escrito para os "Diários Associados" lembrei como os jardins de padres com o seu minucioso desleixo, a sua arrumação meio desajustada, meio hirta, são parecidos em todo o Brasil. Parecidos como as casas de solteiros. Agora os artigos de Gilberto me lembraram a oportunidade de aproveitar amas notícias sobre velhos jardins mineiros, riscos de lápis vermelho marcando, sem rumo certo, leituras de esquecidos e caros narradores de minha terra.

O individualismo da vida provinciana exige que cada casa, por mais modestia que seja, tenha o seu cantinho particular, onde passeiam os velhos matinalas e tussidores, catando folhas mortas, tentando enxertos raros e, no fundo, tomado esta lição de vida que consiste em aproximar o corpo gasto do prodigioso espetáculo de juventude que é o despontar de cada manhã.

A grande urbanização conduziu ao valorização dos terrenos, à socialização dos jardins. Desaparecem os jardins particulares e se multiplicam os "play-grounds" e os parques públicos. O Rio já está francamente nessa fase. Em Minas, contudo, sobretudo nas cidades menores, estamos muito longe dela, e se existe um aspecto da vida social em que ainda se mantém os traços imperiais e até coloniais, este aspecto é o arranjo dos jardins de província, onde a burguesia individualista e conservadora entrega-se a devaneios líricos e guarda as linhas sólidas da tradição.

Desde o século desolto foi

marcada a afeição dos mineiros pelos seus jardins. O jovem Governador d. Rodrigo José de Meneses, muito benquisto pelos poetas de Vila Rica, casado com uma graciosa senhora em cujas veias corria o sangue dos Bourbons, emerrou-se em tornar formoso o jardim do palácio de repouso da Cachoeira do Campo, abrindo tanques, erguendo muralhas e fazendo outras obras cujos restos são ainda agora visíveis. Do palácio praticamente nada resta, abandonado que foi em virtude de ordem expressa da coroa, que preferia ver o seu delegado residindo na sede do governo. Mas a fama dos jardins d. Rodrigo chegou até nós, e pelos restos podemos imaginar-lhe a extinta grandesa.

Outro jardineiro apaixonado foi, no século desolto, o contratador de diamantes, João Fernandes de Oliveira. A mais estranha e despendiosa flor que cultivava era mesmo a mutata Chica da Silva, e por ela o milionário contratador cometeu todas as extravagâncias. Uma delas foi o suntuoso parque com que cercou a sua chácara, perto do Tijucu. Joaquim Felício dos Santos nas suas numerosas idas nem louvadas "Memórias do Distrito Diamantino", apelado em testemunhas sobre viventes da época do grande fausto, nos dá idéia daqueles "delicio-

sos jardins de exóticas e curiosas plantas, cascatas, artificiais, fontes amenas cujas águas corriam por entre conchas e cristais, sombreados por arvores exquisitas, transplantados da Europa". Foi nestes jardins que o contratador, para atender a um capricho da mulata de luxo, mandou abrir um lago e nele construir uma perfeita minatura de nau, com velas, camarotes e tudo, capaz de navegar, levando dez passageiros a bordo...

A decadência da mineração não fez desaparecer o gosto dos mineiros pelos jardins. Prazer duradouro, desde que praticado com moderação, se não aparecia mal sob as formas suntuárias cujos exemplos citamos na Cachoeira do Campo ou no Tijucu, surgia, porém, em exemplares, mais modestos, nos fundos de quintais particulares, enchendo o tempo largo e consolando a vida estreita do mineiro empobrecido.

O primeiro escritor estrangeiro que trata de Minas, o inglês Mawe, extasiar-se diante dos jardins de Vila Rica em 1809, quando a orgulhosa capital do ouro, já era chamada sarcasticamente a Vila-Pobre. São estas palavras do escrupuloso comerciante: "Como é difícil encontrar-se sobre todo o flanco da montanha um espaço de 30

metros quadrados perfeitamente unidos, remediou-se esta dificuldade abrindo-se locais uma acima dos outros, em distâncias iguais, sustentados por muros pouco elevados. Estes terraços me pareceram o verdadeiro império de Flora, pois nunca eu tinha visto antes uma tão grande quantidade de belas flores". Além das flores Mawe anota também a profusão de legumes como alcachofras, aspargos, espinafres, couves, feijões e batatas. Quanto a árvores frutíferas, escreve que os peregrinos que os galhos, pesados de flores, precisavam ser apoiados para não partirem.

Saint-Hilaire, que procura retificar Mawe sempre que pode, nos fala também, na sua primeira narrativa, 1816, desses terraços meio italiani de Vila Rica. Procura mostrar-se menos entusiasmado que o inglês, mas a descrição que nos lega prova que não foi insensível aos seus encantos. Nos jardins meio abandonados as velhas muralhas dos terraços cobriam-se de fetos, que, na sua quantidade, escondiam por completo as pedras. Masses fetos nativos misturavam seu verde claro ao verde mais escuro da vegetação cultivada, formando um conjunto que é severo botânico.

(Continua na página 409)

# A VIDA É DE CABEÇA BAIXA - ALVARO MOREYRA

A PALIDA COMPANHEIRA

Justamente eu tinha passado a manhã com o velho amigo Shakespeare, que me contou ontra vez aquele "Sonho de uma noite de verão". Depois, Puck, bufão dos espíritos, correu aíra de mim, subiu comigo no ônibus e no ônibus disse de novo:

— Posso dar uma volta por toda a terra em quarenta minutos.

Agradeci:

— Eu sei, Puck. Mas não o acompanho. Acho de mais quarenta minutos. Prefiro continuar assim. De que serve toda a terra neste momento? Não se publicou que o mundo está louco? Não. Puck, não vou. Nada de geografias. Obrigado, meu irmão, muito obrigado.

Sem pagar a passagem, Puck saiu.

Uma esquina adiante, no lugar vazio, veio se sentar a meia-mola, a "palida companheira"...

VIDA ANDANDO...

Andando, é um jeito de dizer. Correndo. Disparando. Tudo com máquinas. Já o telefone tinha acabado com as cartas, os pequenos bilhetes que, mais do que os presentes, entretinham a amizade. Hoje, não se escreve: discute-se. O telefone substitui o papel, a pena, a tinta, o resto. O resto, Madame de Sévigné! O resto, Soror Mariana! O anúncio, com as taxas enormes, não pertence mais àquelas "doulas correspondências à maneira dos grandes humanistas da Renascença e do Século 18".

Agora é o "estrito necessário" em papel quase metafísico... Também que há de bom para escrever? O melhor, mesmo, é falar. Porque que ninguém se entenda. As palavras fazem o amor e fazem a guerra. São as palavras que conservam o mundo. Porque atrapalham tudo. A atrapalhão é o elixir da longa vida. O mal-continuo... Quem tinha razão era uma aír que eu conheci em Montmartre, há vinte e oito anos, e que dizia:

— Falando, a gente não muda a opinião dos outros, mas às vezes muda a sua.

A PERFEIÇÃO

Dona Luiza Azambuja foi professora de português e francês lá da casa, durante a vida toda. Era feia como um homem. Usava os maiores peitos que, com certeza, houve no mundo, e um pinçar de prata, intitulado, que eu nunca pude quebrar. (Até hoje considero isso um dos meus grandes insucessos como realizador). Dona Luiza tinha duas irmãs. Uma, também professora, — de certeza, chamava-se Maria de Glória. Inutilemente. Só a charmeava de "sua Bingo". Da outra, não guardei o nome. Ensinava noz-nómica, acróstico, dinâmicas em geral, na farmácia do pai "Fármacia Homeopática, de Luiz Azambuja" — rua do Bragança, entre a rua Nova e a rua da Ponte.

Quando o pai morreu, elas ficaram contentíssimas:

— ... mas todas as noites conversa com o céu, mas todas as noites conversa com o céu.

Noites e noites, receberam notícias frescas do espaço. Até que veio o dia da morte. Dona Luiza contou à minha mãe:

— ... dona Boticá, agora parai não se comunicar mais com a terra. Despediu-se de nós, ontem. Attingiu à perfeição. Foi para Júpiter.

Minha mãe, que não se esquecera, que achava tudo natural, apenas murmurou:

— Veja só...

— Poem eu, quando a noite caiu, fui lhe pedir que me mostrasse, no céu, onde estava Júpiter.

Felizmente ela não sabia.

AS MENINAS DO RIO GRANDE

Eram três irmãs que tinham vindo do Rio Grande para Porto Alegre, com doze, quinze e dezenas anos. Adélia, Carlota, Perpétua, Creio que Mirandinha. Quando as conheci, já andavam no caminho das sestas. E ainda eram "as meninas do Rio Grande". Perpétua, como sempre acontece, foi a primeira que morreu.

INCURAVEL

Há pessoas que insistem em me tornar azedo. E' difícil. Eu sou de diabetes na alma...

ACHO BOM CORRIGIR

Recordar não é viver. Recordar é morrer.

O SEGREDO

Quando se ama uma mulher é o amor escondido nela que se ama... Uma coisa incerta... A pergunta com outra resposta...

EA SOLIDÃO

Casa velha, com a simplicidade de quem viveu muito e sabe que o tempo do amor já se acabou. Mas, às vezes, de noite, descobre nela um desejo de se iludir ainda. Para os olhos abertos, as janelas nas flores, dançando lá fora, e certamente o luar lhe faz convites escandalosos. Então, mostra um ar inquieto, indeciso, de espanto e encanto. Será ela? Ou são os fantasmas de todos os moradores que teme, presentes e invisíveis, agitados pela sensibilidade que a ausência não leva e a morte não acaba...

ANTONIO NOBRE

— Esta rosa, neste vaso, nesta mesa, nesta sala, neste silêncio...

FUTIL

Num homem fumando, o que me interessa é a fumaça...

UA MUITAS COISAS TRISTES...

Mas a coisa mais triste é um leilão de livros. Lá se dispersam livros que foram ajuntados, anos e anos, com o prazer mais puro. Se dispersam numas instâncias, com o indiferente prego do vendedor e aquela pergunta: "Quanto dão?" e aquelas quantias que se arrastam. "Dois mil réis... três... e quinhentos... quatro... cinco... seis... seis e quinhentos... sete... oito... nove... nove..."

Depois, "ninhos da mata", os livros vão partindo, vão desparecendo, vão conquistar outra vida... Pobres livros! Que fim de...

(Continua na página seguinte)

# SOBRE BAUDELAIRE - D. Mileno

Aldous Huxley, em seu estudo sobre Baudelaire (Stories, Essays & Poems. Everyman's Lib.) desvendando-se de perigoso caminho da crítica artística e desprovidando a ligação da experiência cheia de desilusões da vida do grande poeta, procura fixar-lhe o "tipo" carregando por demais os traços fisionómicos, apontando os defeitos da sua formação moral, intelectual e espiritual, numa representação quase corpórea, como se criasse uma antípata e complexa personagem para uma de suas novelas, apurando-lhe demoradamente todas as taras, manias e doenças, inclusive o seu satanismo, que considera inteiramente inocuo e um tanto ridículo. Esse "um tanto" não atenua em nada a afirmação inapelável do crítico, quando diz: "Mesmo o mais sublimar dos satanistas é sempre um pouco ridículo. Porque ele é uma força. O que buscamos na poesia é a perfeita expressão dos nossos sentimentos. Nas "Flores do Mal" os modernos encontram todos os seus sofrimentos desgritos e com que incomparável energia, em que formas inovidavelmente belas". E cita Valéry: "Com Baudelaire a poesia sai enfim das fronteiras nacionais. E' levada em todo o mundo e se impõe como a própria poesia da modernidade, engendrando imitação, fecunda numerosos espíritos..."

Por fim confessa o crítico: "Isto não passa, reconheço-o, de sumárias e superficiais generalizações, pois o que acima de tudo interessa aqui não é Baudelaire como um homem mas como uma força persistente. Porque ele é uma força. O que buscamos na poesia é a perfeita expressão dos nossos sentimentos. Nas "Flores do Mal" os modernos encontram todos os seus sofrimentos desgritos e com que incomparável energia, em que formas inovidavelmente belas". E cita Valéry: "Com Baudelaire a poesia sai enfim das fronteiras nacionais. E' levada em todo o mundo e se impõe como a própria poesia da modernidade, engendrando imitação, fecunda numerosos espíritos..."

E assim com a glorificação do poeta termina o encorajamento do homem. Como se fosse possível essa total divisão de uma personalidade. Por mais que eu leia afirmações dessa espécie, províncias de testemunhos e observações de caráter pessoal, que traem sempre um ponto de vista especial e estreito, como seja o dos críticos em geral, que imprensam o criticado dentro da órbita das suas suposições e exigências; por mais que se esforcem em me provar que Baudelaire era um "anormal", o que eu vejo e percebo através de sua obra é justamente o contrário: uma justezza de pensamento e de forma insuperáveis; uma unidade espiritual, uma severidade auto-critica, um gosto e segurança em sua opinião de crítico de arte, uma linha de conduta poética impecável. Tão perfeito estilo de pensar e de escrever não podia ser o de um anormal; e é unanimidade a afirmação de que "o estilo é o homem". Nunca vi tão nua sinceridade e tal desprezo pelas facetas efusivas para o público. Nada da falsidade de atitudes que lhe querem atribuir. Ele poderá parecer anormal aqueles que se comprazem e se sujeitam a uma falsa "normalidade" da vida, nos que a aceitam sem restrições, na maior parte das vezes por serem dos bem aquinhoados e fazermem parte daquela "raça de Abel" que o poeta anatomatiza com a violência de um profeta bíblico, impávido ante o cinismo do mundo;

E Huxley acrescenta: "Quando laboriosas precauções contra o possível risco da humanidade! Satã é um gentleman e só sob a condição de permanecer gentleman pode ser satã. No momento em que perder sua brusqueza dignidade e se tornar em Capeta, ficará sendo um pobre diabo, nada mais. Se por algumas vezes Baudelaire tivesse renunciado a seu correto dandismo e permitisse a si mesmo chamar-se de Carlinhos, teria sido por certo um homem mais completo, mais felizes, e talvez, por mais compreensivo, um melhor poeta".

Procurando afilar ainda mais o retrato, o crítico cita algumas frases do próprio Baudelaire: "A voluptuária e suprema do amor está na certeza de fazer o mal. E o homem e a mulher sabem desde que nascem que é no mal que se encontra toda a voluptu". Outra: "Quando consinto em dizer que sou um republicano, faço o mal conscientemente. Digo: Viva a Revolução! Ironicamente: Viva a Destrução, viva a Morte! Nos todos temos o espírito republicano nas veias como a sifilis nos ossos. Estamos todos democratizados e sofisticados. E ainda: "Que o diabo leve o gênero humano. Faltam ainda uns retóques finais ao retrato do 'monstro': "Baudelaire era acima de tudo um satanista no amor. Mas não à maneira do ferissimo marquês ou de D. João. Ele não viciava os seus parceiros; vitimava a si próprio". Tratando da célebre mulata que foi amante do poeta, diz: "A despeito ou talvez mesmo pelo fato de que ela representava o sexo em sua mais baixa forma,

eis a amava." E terminando a classificação: "Baudelaire, desde moço, não gozou nunca de boa saúde. Tinha a sifilis no sangue; bebia demaisamente; sorvia grandes quantidades de ópio; fez experiências com o haxixe; vivia numa exhaustão crônica devido a uma vida de debóche que não lhe proporcionou nenhuma alegria e por fim nem mesmo nenhum prazer. Sua bolsa era tão fraca quanto seu corpo. Andava sempre envidrado e incessantemente perseguido pelos credores; vivia num perpétuo estudo de antigedades".

Por fim confessa o crítico: "Isto não passa, reconheço-o, de sumárias e superficiais generalizações, pois o que acima de tudo interessa aqui não é Baudelaire como um homem mas como uma força persistente. Porque ele é uma força. O que buscamos na poesia é a perfeita expressão dos nossos sentimentos. Nas "Flores do Mal" os modernos encontram todos os seus sofrimentos desgritos e com que incomparável energia, em que formas inovidavelmente belas". E cita Valéry: "Com Baudelaire a poesia sai enfim das fronteiras nacionais. E' levada em todo o mundo e se impõe como a própria poesia da modernidade, engendrando imitação, fecunda numerosos espíritos..."

E assim com a glorificação do poeta termina o encorajamento do homem. Como se fosse possível essa total divisão de uma personalidade. Por mais que eu leia afirmações dessa espécie, províncias de testemunhos e observações de caráter pessoal, que traem sempre um ponto de vista especial e estreito, como seja o dos críticos em geral, que imprensam o criticado dentro da órbita das suas suposições e exigências; por mais que se esforcem em me provar que Baudelaire era um "anormal", o que eu vejo e percebo através de sua obra é justamente o contrário: uma justezza de pensamento e de forma insuperáveis; uma unidade espiritual, uma severidade auto-critica, um gosto e segurança em sua opinião de crítico de arte, uma linha de conduta poética impecável. Tão perfeito estilo de pensar e de escrever não podia ser o de um anormal; e é unanimidade a afirmação de que "o estilo é o homem". Nunca vi tão nua sinceridade e tal desprezo pelas facetas efusivas para o público. Nada da falsidade de atitudes que lhe querem atribuir. Ele poderá parecer anormal aqueles que se comprazem e se sujeitam a uma falsa "normalidade" da vida, nos que a aceitam sem restrições, na maior parte das vezes por serem dos bem aquinhoados e fazermem parte daquela "raça de Abel" que o poeta anatomatiza com a violência de um profeta bíblico, impávido ante o cinismo do mundo;

"Race d'Abel, dora, hois e mange. Dieu te sourit complaisamment. Race de Cain, dans la fange Rampe et meurs miséables".

A raça de Abel, a raça dos normais, hipocráticamente, sem remoros, fingindo incompreensão, atribuirá ao poeta que escreveu essas palavras de fogo na frente da vida prostituída uma atitude satânica. No entanto nada vejo no satanismo deste poeta que não seja a atitude quase demente de uma revolta justa contra um mundo que ele considerava injustificável. Diz o crítico higienista: "Race d'Abel" que é a raça de Abel" que não seja a maior das parcialidades na extreza do gosto pessoal, que se avorva em julgador.

Nesse mesmo "ensalho" que tratamos, declara Huxley que em nossa época uma "tragédia" como a de Baudelaire não passaria de um caso clínico, esque-

cendo que há pelo mundo milhares de tragédias similares que não encontram a sua expressão poética e que nenhum médico poderá curar.

Contrariando a concepção baudelaireana de que a carne é diabólica e o espírito é divino, explica o crítico que "a filosofia e a ética modernas são diferentes. Nem o espírito, nem a carne, nem mesmo outra coisa, são divinos. A única coisa que importa é que o homem seja socialmente eficiente. A paixão é inimiga da eficiência. Não nos devemos deixar deslizar por nossos instintos; por outro lado, não devemos reprimi-los demasiadamente. Uma repressão interfere com eficiência". Há aqui uma linguagem policial que é inegavelmente um formidável sarcasmo do crítico, dirigido contra a concepção atual da vida. Parece que o mundo moderno deseja a morte da poesia, por um ideal mais higienico, mais científico e mais esportivo.

Acho que devíamos julgar os homens pelas suas obras, já que é impossível julgar as certidões pelas aparências. As vezes o simples contorno de uma frase esprituosa arrasta um escritor a uma menira de intermináveis consequências, principalmente quando se trata de uma pecha infamante que deve ser eternamente explorada para regalo do público a quem agrada o espetáculo do circo. De que não seria capaz Gautier para enfeitar a sua prosa? Ao fazer, porém, a caricatura de Baudelaire, parece que o que saliu foi o seu auto-retrato. Principalmente ao referir-se ao uso de palavras raras e escoadas, o que lembra, não a obra de Baudelaire, mas a do próprio Gautier. E ainda que verdadeiras, em certos pontos, as suas afirmações, feitas no entanto, em tom depreciativo, quem nega que de fato a gesticulação dos meridionais é vulgar e chocante e Baudelaire fazia bem em evitá-la? Que cuidar do apuro das roupas não é dandismo mas prova de assento e bom gosto? Que o desprezo pela volubilidade das palavras revela um depuramento do espírito e é ao mesmo tempo, um escudo contra as versões canhadas e os ditos vulgares? Essas qualidades, que um pequeno mas grave desvio de interpretação transformou em defeitos e ojerizas devidos a taras e anormalidades, essas qualidades poderiam ter servido ao mesmo critico para — desviando a interpretação para um lado simpático, caso se tratasse de um outro poeta mais a seu gosto. Bonyville por exemplo — louvar por meio delas o seu mérito pessoal, e atribui-las à nobreza de seus ancestrais, a uma perfeita educação humanística, etc.

Esses depoimentos humanos nunca mereceram inteiramente. Deus nos livre de sérios como os outros nos julgam.

A vida intima de um poeta é sempre pasto à imaginação do público, dos biógrafos, dos românticos e dos próprios críticos, na sua final de "interpretar".

Quando alguém nos admira e que vemos como somos deturados. Calculei-o e contrário, a cegueira da antipatia e da má fé ou então, a ingênuo pretensão de fazer crítica "imparcial", como se não houvesse já a maior das parcialidades na extreza do gosto pessoal, que se avorva em julgador.

Na verdade só o próprio indivíduo pode, no fundo e nos motivos, julgar a si mesmo, quanto ao seu comportamento social, e às vezes mesmo artístico. Só ele conhece as próprias ações. Todos somos seres ocultos. Mas sempre nos julgam pelas aparências. Verdades que nunca é demais repetir.

(Continuação da página 398)

enclosurado geralmente no aspecto científico das plantas, não pode deixar de considerar belo e pitoresco.

O barão de Eschwege, em 1811, dâ-nos o seu depoimento sobre um jardim, hoje, desaparecido, que existia por detrás do Santuário de Congonhas do Campo. Era, diz, um gracioso jardim provado de estatuas, ruídos e plantado de esbeltas euforbiáceas.

Em Sabará um jardim bonito era o da Intendência do Ouro, edifício felizmente e primorosamente restaurado pelo Serviço de Patrimônio Histórico, que nele está instalando o Museu do Ouro. O jardim devia ficar nos fundos, e era, como disse, bonito, segundo o viu Saint-Hilaire em 1818 (2.ª viagem), com a sua alameda de laranjeiras. Seria conveniente que o Serviço empreendesse também a restauração deste jardim, nos seus antigos moldes brasileiros.

Barbacena sempre vivera da sua posição de entroncamento do caminho de oeste, vindo de São Paulo, por São João d'El-Rei, com a estrada de penetração que subia do Rio para Vila Rica, prosseguindo depois para o norte, até à Baia. Barbacena nunca fora, assim, zona de mineração e vivia na sua modestia sem altos e baixos, como uma montanhesa desatavada, mas linda. O clima de altura lhe enchia de flores os jardins, como até hoje, e o nosso Saint-Hilaire anota no seu caderno as belas perspectivas floridas que ofereciam os quintais barbacenenses, descendo pelas encostas. Havia latadas, carregadas de sumarentos cachos de uvais e, ao lado, delas brotavam as mais delicadas flores, entre as quais o botânico destaca com especialidade os cravos e as churrascas saudade. Os cravos de Barbacena enchem ainda as vitrinas dos floristas do Rio, mas as velhas saudades, l'orçam profundamente nossas, tão ligadas quanto as bogarás, as tranças das virgens imperiais, estas desapareceram quase por completo. Propõem a urgente reabilitação da saudade, do bogaré, do palpitório de coração, do rubor incômodo, das sortes de São João e dos romances de Joaquim Manuel de Macedo, Ingrédias malícias que tão lindas faziam as nossas avós. As nossas avós que, embora lessem "A Moreninha" e "O Mogo Louro", mal sabiam escrever, mas que conheciam toda a complicada linguagem da correspondência por meio de flores.

Uma certa flor enfiada nos cabelos, contida na mãozinha breve, metida dentro de uma carta, valia como uma sentença inapelável de rigor ou como um raio de esperança. Absinto, aúncia; acácia, amor platônico; anêmona, abandono; balsamina; Impaciência; bela-dos-dias, valde; bel-dos-noites, timidez; botão de rosa, virgindade; camélia, agrado; cravo, rosa; amor sincero; cravo amarelo, exigência; dália, austeridade; egantina, poesia; espírito-herói, esperança; flor de laranjeira, castidade; gerânio, preferência; jacinto, acomhimento; jasmim de Espanha, sensualidade; juncos, desejo; jureiro rosa, desconfiança; liliás branco, juventude; liliás comum, primeiro amor; margarida, d'Yvida; narciso, engano; rosa, beleza; rosa amarela, infidelidade; rosa rubra, voluptuosa; sensitiva, candura; tulipa, declaração de amor; verbena, encantamento; vinha, embriaguez; violeta, modéstia. Eis para que serviam os jardins das nossas avós.

Saint-Hilaire nos fala ainda de outros jardins bem tratados, como o da fazenda de Paulo Barbosa da Silva, o futuro e poderoso Mordomo da Casa Imperial, perto de Sabará. Seu pomar plantado de jaboticabeiras, (as famosas jaboticabas "sabará") e laranjeiras, era cortado de pequenos regos cristalinos. São clássicos, aliás, em Minas, esses pomares de fazendas velhas, cortados de pequenos curvados atravessados por pontes de tabuas. O da fazenda "Pampu-

## FUGA



MEU CAVALO VOADOR  
MAIS ALTO MAIS ALTO AINDA  
MINHA MADRINHA ME DEU  
UM POZINHO ENCANTADO  
QUE FAZ RIOS LARGOS, PROFUNDOS  
JOGO NO AR O MEU DOM  
ENTRE O MEU E OS OUTROS CÉUS  
NÃO FICOU NENHUMA PONTE

SARA SOUSA

"lha", do velho Bernardo Monteiro, fazia as minhas delícias infantis.

Em 1819 o sábio francês esteve em certo jardim de São João d'El-Rei, que provocou o seu maior entusiasmo. Havia um desperdício de grumichamas, cananéias, jaboticabeiras e mangueiras tropicais. E, junto a estas árvores de zonas temperadas, como pereira, macieira, romaneiras, ameixeiros, castanheiros e pessegueiros. O escritor diz ter comido uma manga e uma romã, que achou excententes, e provavelmente se admirou de as ver crescendo lado a lado.

Em 1818 outro sábio, o dr. Pooh, dedicava algumas linhas aos jardins da longínqua Paracatú. Quase todas as casas da vila serpenteavam desses espaços, onde as flores eram plantadas junto com frutas, nativas ou trazidas pelos portugueses: bananas, laranjas, limões, jaboticabas, genipapos, jacas.

Logo depois da Independência, em 1825, inauguru-se, em Ouro Preto, o Jardim Botânico da província, onde se cultivavam principalmente o chá (o famoso chá de Ouro Preto), e as amoreiras. Este jardim foi planejado pelo botânico miliciano padre Joaquim Veloso de Miranda, muito confundido, por causa da semelhança de nome e de trabalhos, com o seu ilustre conterrâneo, frei Veloso (padre José Maria da Conceição Veloso), o consagrado autor da "Flora Fluminense" e grande amigo de Bocage. A existência contemporânea dos dois Velosos mostra, aliás, o favor em que eram tidos, na Minas colonial, os assuntos de ciência botânica.

Outro sábio famoso, que nos deixa viva descrição de um jardim mineiro, é Agassiz. Em 1863 o ilustre naturalista é hospede de Mariano Procópio, na sua fazenda acastelada de Juiz de Fora, hoje transformada no magnífico museu Mariano Procópio. Em torno à casa havia um verdadeiro parque, ainda existente, e Agassiz se demora em descrevê-lo com sincero encantamento. Ali se achavam reunidos árvores e arbustos ricos, bem como numerosas qualidades de flores e parasitas. As alamedas eram bordadas de

A vida é de cabeça baixa

(Continuação da página anterior)  
história levam? Una, a miseria. Uns, a morte. E como ficaram sacinhos!

VICENTE LICINIO CARDOSO

Uma grande fê, um esforço maior. O que fazida, vinha sempre com o gosto da felicidade. Minucioso, exato. Punha a afixação do espírito acima das idéias práticas e por isso mesmo as suas idéias, desconhecidas, quedaram longe da conjunção cívica. Pelo entendimento geral, pela verleza com que vive e descreve, aquele rapaz de passos vagarosos levava a pressa de um Brasil diferente, Paissos perdidos. Pressa em vê-lo. De súbito, sentiu que estava fatigado, exausto de tanto trabalho inútil. Apavorou-se, a ficar imbecil! Não quis dar o espetáculo da triste decadência aos que o amaram e admiravam. Matou-se. Se fosse ambicioso, se desejasse aplausos e proveitos, a convicção do ceticismo próximo não seria um motivo de morrer, — seria a própria razão de viver...

André Gide, na sua viagem pelo Congo, escreveu:  
"Espero voltar do Congo, para saber o que vim fazer aqui".  
Os vivos podem compor as memórias da vida. As razões da vida. As razões da vida, só os mortos conseguiram dizer...

PASSATEMPO

Dere-se dizer tudo o que se sente. Para, mais tarde, pensar que se sentiu errado.

E' uma distração...

SEM REMÉDIO

Faustino Espozel, professor da Faculdade de Medicina, deu duas aulas em 1929 sobre o caso do "projeto da Gávea". Espôs observações, fez parafaxes, citou opiniões de grandes mestres nacionais e estrangeiros, concluiu:

— Pelas suas tendências para a bondade e o amor da humanidade, esse homem é um demente incurável.

Li ontem que o reverendo J. P. Bacon Phillips, de Brighton, na vizinhança dos oitenta anos, tinha escrito quasi com mil cartas nos jornais, desde 1897, sugerindo medidas, planos, idéias capazes de melhorar as condições morais e econômicas do mundo. De tantas cartas, apenas uns seis mil foram publicadas. E ele pretendia escrever mais.

O reverendo J. P. Bacon Phillips, se ainda não morreu, deve ser também um demente incurável.

COBALA

Nessa forma é um resumo. Porque, no mundo, tudo é cobala. Tudo serve para experimentar descobertas, tudo, — principalmente os animais chamados racionais. Assim chamados pela prática de falar. Os outros, que esqueceram as palavras e que, com pequenas exceções, se entendem muito melhor, — são chamados brutos. E ai está a prova mais dolorosa de que os animais chamados racionais não tem razão...

bes rústicas, e, no meio de uma va, toda enguirlandada de orquídeas, se achava a chamada quíquida e parasita gruta das Princesas. Esta gruta era um retiro de sombra e cujas aleias silenciosas eram frescas, muito querido pelas presentes ainda na passos leves filhas do Imperador, onde uma fonte clara saltava da rocha vinda das suas fontes...

José de Alencar

moharquista

TRECHO DE UMA CARTA A SALVADOR DE MENDONÇA

... Não me demore a consideração de se ter sua folha contrariação a opinião adversa.

Embora esteja bem conveniente que hâ de ser o fato muito trabalhado pela intriga que de antemão já me assinala como uma república disfarçada, não o sou, meu grande ele, que tanto se incomodam com os monarquistas de idéias e por isso se amparam em tratar-nos de leves.

Pese-lhes embora: sou monarquista sincero e convicto.

Mas, como nunca professei o "feudalismo", de redonda, espero o trânsito para minhas idéias do cívico, do povo, nunca do seu ignorância.

Quero que meu país seja monarquista, não pela rotina, mas por verdadeiro fé nessa instituição.

E, para isso, é necessário que estude as doutrinas opositas e se declare com o livre discussão.

Se o encontro da República, a magia que exerce nos espíritos entusiastas, está — permitam-me o franzisco — no "fruto proibido", o círculo das monarquias, o que lhes não a cerne, é o "presumido" infantilidade.

Convencidos, nós, os monarquistas, de que é possível atacar a liberdade invencível, corremos a destruir a brecha, por onde, no momento do perigo, hâ de fugir espontaneamente os gansos do Capitólio...

## EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

13 DE DEZEMBRO

1839 — Nascimento de Pedro Luiz, patrono da cadeira n. 11, criada por Luiz Guimaraes, vice como substituto João Góis. O autor de "Floresta de Exemplos" foi substituído por Paulo Setubal e este pelo sr. Cassiano Ricardo.

15 DE DEZEMBRO

1896 — Primeira reunião da Academia, no salão da redação da "Revista Brasileira", à Calvesa do Ouro, 31. Foi eleito presidente Machado de Assis.

16 DE DEZEMBRO

1865 — Nascimento de Olavo Bilac, criador da cadeira n. 15, que tem como patrono Graciliano de Mattos. O poeta de "Odeador de Esmeraldas" foi substituído por Amadeu Amaral e este pelo sr. Guilherme de Almeida.

1865 — Nascimento de Sônia Bandeira, substituto de Mário Bandeira Junior, e que foi substituído pelo sr. Hélio Lobo, na cadeira n. 13.

18 DE DEZEMBRO

1906 — Posse solene de Eustáquio da Cunha, eleito para substituir Valentim Magalhães na cadeira n. 7, que tem como patrono Castro Alves.

19 DE DEZEMBRO

1936 — Falecimento de J. M. Gouart de Andrade, eleito para a cadeira n. 6, em substituição a Jaceguai. Por sua morte foi eleito o sr. Barbosa Lima Soábrinho.

## Xavier Marques, na intimidade

No ensaio "Xavier Marques na intimidade", da autoria de Astério de Campos, divulgado no último suplemento, onde se lê: "no mundo intelectual em rala"; deve ler-se: "no mundo intelectual e moral, procurando dar à sua vida a humanidade de sua obra"; "tentou ao grande romancista, tão comunicativo e simplissimo é ele"; "Junto ao grande romancista, sinto-me alegreido de sua imortalidade, tão comunicativa e simplissíssimo é ele"; "uma cena de Bretanha"; "uma cena de Bretanha"; "O sol, nessa rajada de luz"; "O sol, nessa rajada de luz"; "redução moral e intelectual"; "por essa via da porta envirada"; "por um esvão da porta envirada".